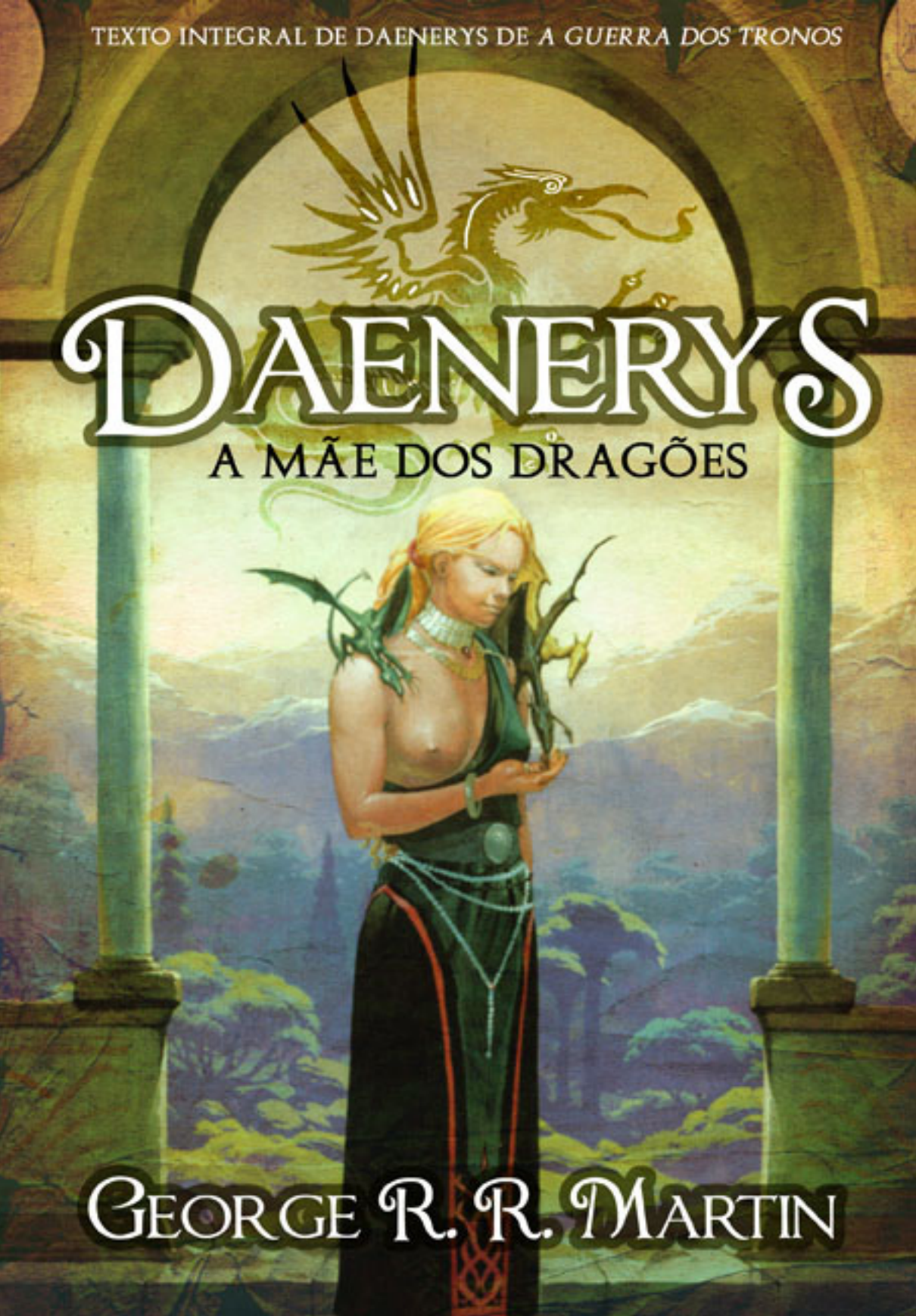


TEXTO INTEGRAL DE DAENERYS DE A GUERRA DOS TRONOS

The cover features a central illustration of Daenerys Targaryen. She is depicted from the waist up, looking down at a small dragon perched on her hand. She has long, flowing blonde hair and is wearing a dark, sleeveless dress with a high collar and a red sash. A small dragon is also perched on her shoulder. In the background, a large, golden dragon is shown in flight, emerging from a circular archway. The scene is set against a backdrop of a vast, mountainous landscape under a warm, golden light. The title 'DAENERYS' is written in a large, stylized, white font with a black outline, and 'A MÃE DOS DRAGÕES' is written in a smaller, black font below it.

DAENERYS

A MÃE DOS DRAGÕES

GEORGE R. R. MARTIN

MANIFESTO BANG!



A COLEÇÃO BANG! DA SAÍDA DE EMERGÊNCIA
LUTA PARA QUE OS LEITORES SE SOLTEM DAS AMARRAS DO REALISMO!

ESTE É O NOSSO COMPROMISSO:

- VAMOS SER UM HINO À IMAGINAÇÃO E À FICÇÃO ESPECULATIVA
- TODOS OS GÊNEROS LITERÁRIOS SÃO VÁLIDOS DESDE QUE QUEBREM AS BARREIRAS DA REALIDADE
- VAMOS PUBLICAR APENAS OS GRANDES LIVROS DOS GRANDES AUTORES
- VAMOS MEXER COM A CABEÇA DO LEITOR. UM *CLICK* NÃO CHEGA. É PRECISO UM *BANG!*

JUNTE-SE A ESTA LUTA! GRITE *BANG!* LEIA *BANG!*

ÚLTIMOS TÍTULOS DA COLEÇÃO:

O ÚLTIMO ANEL
Kiril Yeskov

O GRANDE DEUS PÃ
Arthur Machen

LIVRO DO DESLUMBRAMENTO
Lord Dunsany

TITUS, O HERDEIRO DE GORMENGHAST
Mervyn Peake

A RAINHA DAS TREVAS
Anne Bishop

OS MELHORES CONTOS DE HOWARD
PHILLIPS LOVECRAFT - VOL. 2

AS FOGUEIRAS DE DEUS
Patricia Anthony

EIS O HOMEM
Michael Moorcock

MAIS INFORMAÇÕES EM WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM





SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Daenerys*

AUTORIA: *George R. R. Martin*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2007 Edições Saída de Emergência

Esta edição é composta por dez capítulos do livro A Game of Thrones centrados à volta da personagem Daenerys. A Game of Thrones © 1996 George R. R. Martin. Publicado originalmente nos EUA por Random House, 1996

TRADUÇÃO: *Jorge Candeias*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

1ª EDIÇÃO: *Setembro, 2007*

ISBN: 978-972-8839-64-2

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

GEORGE R. R. MARTIN

DAENERYS

A MÃE DOS DRAGÕES



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

O irmão ergueu o vestido para que ela o inspecionasse.

— Isto é beleza. Toca-lhe. Vá lá. Acaricia o tecido.

Dany tocou-lhe. O tecido era tão macio que parecia correr-lhe pelos dedos como água. Não se conseguia lembrar de alguma vez ter usado algo tão suave. Assustou-a. Afastou a mão.

— É mesmo meu?

— Um presente do Magíster Illyrio — disse Viserys, sorrindo. O irmão estava de bom humor naquela noite. — A cor realçará o violeta dos teus olhos. E também terás ouro e jóias de todos os tipos. Illyrio prometeu-o. Esta noite deves parecer uma princesa.

Uma princesa, pensou Dany. Já esquecera como isso era. Talvez nunca tivesse realmente sabido.

— Porque nos dá ele tanto? — perguntou. — O que quer de nós? — Há quase meio ano que viviam na casa do magíster, comiam da sua comida, eram apaparicados pelos seus criados. Dany tinha treze anos, idade suficiente para saber que tais presentes raramente vêm sem preço, ali na cidade livre de Pentos.

— Illyrio não é nenhum tolo — disse Viserys. Era um jovem magro com mãos nervosas e um ar febril nos seus olhos de um tom claro de lilás. — O magíster sabe que não esquecerei os amigos quando subir ao trono.

Dany nada disse. O Magíster Illyrio era um comerciante de especiarias, pedras preciosas, ossos de dragão e outras coisas menos palatáveis. Tinha amigos em todas as Nove Cidades Livres, dizia-se, e mesmo para lá delas, em Vaes Dothrak e nas terras das fábulas junto ao Mar de Jade. Também se dizia que nunca tinha tido um amigo que não fosse capaz de vender alegremente pelo preço justo. Dany escutava o falatório nas ruas, e ouvia estas coisas, mas também sabia que era melhor não questionar o irmão quando ele tecia as suas teias de sonho. Quando era despertada, a ira de Viserys era algo de terrível. Ele chamava-lhe “o acordar do dragão”.

O irmão pendurou o vestido ao lado da porta.

— Illyrio vai enviar as escravas para te darem banho. Assegura-te de que te vês livre do fedor dos estábulos. Khal Drogo tem mil cavalos e hoje vem à procura de um tipo diferente de montada. — Estudou-a criticamente. — Ainda entortas as costas. Endireita-te. — Pôs-lhe as mãos nos ombros e puxou-os para trás. — Deixa-os ver que tens agora a forma de uma mu-

lher. — Os dedos do irmão roçaram levemente nos seus seios em botão e apertaram-se num mamilo. — Não me falharás esta noite. Se o fizeres, será mau para ti. Não queres acordar o dragão, pois não? — Os dedos torceram-se, um beliscão cruel e duro através do tecido grosseiro da túnica. — Pois não? — repetiu.

— Não — disse Dany docilmente.

O irmão sorriu.

— Ótimo. — Tocou-lhe o cabelo, quase com afeição. — Quando escreverem a história do meu reinado, minha doce irmã, dirão que começou esta noite.

Quando ele saiu, Dany foi até à janela e olhou, melancólica, as águas da baía. As torres quadradas de tijolo de Pentos eram silhuetas negras delineadas contra o sol poente. Dany conseguia ouvir os sacerdotes vermelhos a cantar enquanto acendiam as piras nocturnas e os gritos de crianças esfarapadas que jogavam para lá dos muros da propriedade. Por um momento, desejou poder estar lá fora com elas, de pés nus, sem fôlego e vestida de farrapos, sem passado nem futuro, nem um banquete a que ir na mansão de Khal Drogo.

Algures para lá do sol-posto, do outro lado do estreito mar, havia uma terra de colinas verdes e planícies cobertas de flores e grandes rios caudalosos, onde torres de pedra negra se erguiam por entre magníficas montanhas azuis-acinzentadas, e cavaleiros de armadura cavalgavam para a batalha sob os estandartes dos seus senhores. Os Dothraki chamavam a essa terra Rhaesh Andahli, a terra dos ândalos. Nas Cidades Livres, falavam de Westeros e dos Reinos do Poente. O seu irmão tinha um nome mais simples. Chamava-lhe “a nossa terra”. Para ele, as palavras eram como uma prece. Se as dissesse as vezes suficientes, os deuses certamente ouviriam. “É nosso o direito de sangue, usurpado por meios traiçoeiros. Não se rouba um dragão, oh, não. O dragão recorda”.

E o dragão talvez recordasse mesmo, mas Dany não. Nunca vira aquela terra que o irmão dizia que lhes pertencia, este domínio para lá do estreito mar. Aqueles lugares de que falava, Rochedo Casterly e o Ninho de Águia, Jardim de Cima e o Vale de Arryn, Dorne e a Ilha das Caras, para ela eram apenas palavras. Viserys fora um rapaz de oito anos quando fugiram de Porto Real para escapar ao avanço dos exércitos do Usurpador, mas Daenerys não passara de uma partícula de vida no ventre da mãe.

Mesmo assim, por vezes, Dany conseguia visualizar os acontecimentos, tantas tinham sido as ocasiões em que ouvira o irmão contar as histórias. A fuga a meio da noite para Pedra do Dragão, com o luar a cintilar nas velas negras do navio. O seu irmão, Rhaegar, a dar batalha ao Usurpador nas águas sangrentas do Tridente e a morrer pela mulher que amava. O

saque de Porto Real por aqueles a quem Viserys chamava os cães do Usurpador, os senhores Lannister e Stark. A princesa Elia de Dorne a suplicar por misericórdia quando o herdeiro de Rhaegar lhe fora arrancado do seio e assassinado perante os seus olhos. Os crânios polidos dos últimos dragões a olharem sem ver do alto das paredes da sala do trono quando o Regicida abria a garganta do Pai com uma espada dourada.

Nascera em Pedra do Dragão quatro luas depois da fuga, durante a fúria de uma tempestade de Verão que ameaçava destroçar a estabilidade da ilha. Diziam que aquela tempestade fora terrível. A frota Targaryen foi esmagada enquanto estava ancorada e enormes blocos de pedra foram arrancados aos parapeitos e precipitados sobre as águas encapeladas do mar estreito. A sua mãe morrera ao dá-la à luz, e por esse facto o irmão Viserys nunca lhe perdoara.

Tampouco se lembrava de Pedra do Dragão. Tinham fugido de novo, imediatamente antes de o irmão do Usurpador se ter feito ao mar com a sua nova frota. Por essa altura, dos Sete Reinos que tinham pertencido aos seus, apenas restava Pedra do Dragão, a antiga sede da sua Casa. Mas não por muito tempo. A guarnição estava preparada para os vender ao Usurpador, mas, uma noite, Sor Willem Darry e quatro homens leais introduziram-se no quarto das crianças, raptaram-nos a ambos e à sua ama-de-leite, e fizeram-se ao mar a coberto da noite em busca da segurança da costa bravosiana.

Lembrava-se vagamente de Sor Willem, um homem que mais parecia um grande urso cinzento, meio cego, a rugir e a berrar ordens a partir da sua cama de doente. Os criados tinham vivido aterrorizados por ele, mas sempre fora bondoso para Dany. Chamava-lhe “pequena princesa” e por vezes “minha senhora”, e as suas mãos eram suaves como couro velho. Mas nunca deixava a cama, e o cheiro da doença agarrava-se-lhe de dia e de noite, um odor quente, húmido, de uma doçura doentia. Nessa altura viviam em Bravos, na casa grande de porta vermelha. Dany tinha aí o seu próprio quarto, com um limoeiro junto à janela. Depois da morte de Sor Willem, os criados roubaram o pouco dinheiro que lhes restava e em breve foram postos fora da casa grande. Dany chorara quando a porta vermelha se fechara nas suas costas para sempre.

Desde essa altura, tinham andado de um lado para o outro, de Bravos para Myr, de Myr para Tyrosh e daí para Qohor, Volantis e Lys, sem nunca ficarem muito tempo no mesmo lugar. O irmão não o permitia. Insistia que os traidores contratados pelo Usurpador vinham atrás deles, perto, embora Dany nunca tivesse visto nenhum.

A princípio, os magísteres, arcontes e príncipes mercadores tinham-se sentido felizes por dar as boas-vindas aos últimos Targaryen às suas

casas e mesas, mas à medida que os anos foram passando e o Usurpador continuou sentado no Trono de Ferro, as portas foram-se fechando e as suas vidas tornaram-se mais pobres. Anos antes, tinham-se visto forçados a vender os últimos tesouros, e agora até o dinheiro que tinham obtido pela coroa da Mãe desaparecera. Nas vielas e tabernas de Pentos, chamavam ao seu irmão “rei pedinte”. Dany não queria saber o que lhe chamavam a si.

— Um dia teremos tudo de volta, minha doce irmã — prometia-lhe Viserys. Às vezes as mãos tremiam-lhe quando falava daquilo. — As jóias e as sedas, Pedra do Dragão e Porto Real, o Trono de Ferro e os Sete Reinos, tudo o que nos roubaram, teremos tudo de volta. — Ele vivia para esse dia. Tudo o que Daenerys queria de volta era a grande casa da porta vermelha com o limoeiro em frente da janela do seu quarto, a infância que nunca conheceu.

Ouviu-se um suave toque na porta.

— Entre — disse Dany, virando as costas à janela. As criadas de Illyrio entraram com vênias e começaram a tratar das suas tarefas. Eram escravas, um presente de um dos muitos amigos dothraki do magíster. A escravatura não existia na cidade livre de Pentos. E, no entanto, elas eram escravas. A mulher mais velha, pequena e cinzenta como um rato, nunca dizia uma palavra, mas a rapariga compensava. Era a favorita de Illyrio, uma jovem de dezasseis anos com cabelo claro e olhos azuis que tagarelava sem cessar enquanto trabalhava.

Encheram-lhe a banheira com água quente trazida da cozinha e perfumaram-na com óleos odoríferos. A rapariga puxou a túnica de algodão grosseiro pela cabeça de Dany e ajudou-a a entrar na banheira. A água es-caldava, mas Daenerys não hesitou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a sentir-se limpa. Além disso, o irmão dissera-lhe com frequência que nunca nada estava quente de mais para um Targaryen. “A nossa é a Casa do dragão”, dizia. “O fogo está-nos no sangue.”

A mulher mais velha lavou o seu longo cabelo esbranquiçado, e removeu suavemente os nós com uma escova, sempre em silêncio. A rapariga esfregou-lhe as costas e os pés e disse-lhe como tinha sorte.

— Drogo é tão rico que até os seus escravos usam colares de ouro. O seu khalasar tem cem mil cavaleiros, e o seu palácio em Vaes Dothrak tem duzentos quartos e portas de prata sólida. — E houve mais do mesmo género, muito mais, como o khal era um homem bonito, como era alto e feroz, destemido em batalha, o melhor cavaleiro que alguma vez montara um cavalo, um arqueiro demoníaco. Daenerys nada disse. Sempre assumira que se casaria com Viserys quando chegasse à idade adulta. Durante séculos, os Targaryen tinham-se casado irmão com irmã, desde que Aegon o Conquistador tomara as irmãs como noivas. Viserys dissera-lhe mil vezes que a

pureza da linhagem devia ser mantida, que o sangue real era deles, o sangue dourado da antiga Valíria, o sangue do dragão. Os dragões não acasalavam com os animais dos campos, e os Targaryen não misturavam o seu sangue com o de homens menores. E, no entanto, agora Valerys conspirava para a vender a um estranho, a um bárbaro.

Quando ficou limpa, as escravas ajudaram-na a sair da água e secaram-na com toalhas. A rapariga escovou-lhe o cabelo até o pôr a brilhar como prata derretida, enquanto a mulher mais velha a untava com o perfume de flores de especiarias das planícies dothrakianas, um salpico em cada pulso, atrás das orelhas, na ponta dos seios, e um último, fresco nos lábios, em baixo entre as pernas. Vestiram-lhe a roupa de baixo que o Magíster Illyrio lhe enviara e depois o vestido, de seda, com um profundo tom de ameixa para realçar o violeta dos seus olhos. A rapariga enfiou-lhe as sandálias douradas nos pés enquanto a mulher mais velha lhe fixava a tiara no cabelo e fazia deslizar pulseiras douradas incrustadas de ametistas para os seus pulsos. O último adorno foi o colar, um pesado cordão de ouro torcido ornado com antigos glifos valirianos.

— Agora sim, pareceis uma princesa — disse a rapariga, sem fôlego, quando terminaram. Dany olhou de relance para a sua imagem no espelho prateado que Illyrio tão providentemente lhe fornecera. Uma princesa, pensou, mas lembrou-se do que a rapariga dissera, de como Khal Drogo era tão rico que até os seus escravos usavam colares de ouro. Sentiu um súbito arrepio, e a pele de galinha eriçou-se nos seus braços nus.

O irmão esperava-a na frescura do átrio, sentado na margem da fonte, a arrastar a mão pela água. Pôs-se em pé quando ela surgiu e observou-a com olhos críticos.

— Põe-te aqui — disse. — Vira-te. Sim. Ótimo. Tens um ar...

— Real — disse o Magíster Illyrio, entrando por uma arcada. Movia-se com uma delicadeza surpreendente num homem tão corpulento. Sob vestimentas soltas de seda cor de fogo, rolos de gordura oscilavam enquanto ele caminhava. Pedras preciosas cintilavam em todos os dedos e o seu criado oleara-lhe a barba amarela bifurcada até brilhar como ouro verdadeiro. — Que o Senhor da Luz vos banhe em bênçãos neste tão afortunado dia, Princesa Daenerys — disse o magíster quando lhe tomou a mão. Inclinou a cabeça, mostrando um fino relance de dentes amarelos e tortos através do dourado da barba. — Ela é uma visão, Vossa Graça, uma visão — disse, dirigindo-se a Valerys. — Drogo ficará arrebatado.

— É magra de mais — disse Viserys. O seu cabelo, do mesmo tom louro prateado do dela, tinha sido puxado para trás e bem atado com um pregador de osso de dragão. Era um visual severo que dava ênfase às linhas duras e magras do seu rosto. Pousou a mão no punho da espada que Illyrio

lhe emprestara e disse: — Tendes a certeza de que Khal Drogo gosta das suas mulheres assim tão novas?

— Ela já teve o seu sangue. Tem idade suficiente para o khal — respondeu Illyrio, e já não era a primeira vez que o dizia. — Olhai para ela. Aquele cabelo louro prateado, aqueles olhos púrpura... ela é do sangue da antiga Valíria, sem dúvida, sem dúvida... e bem nascida, filha do antigo rei, irmã do novo, não é possível que não arrebate o nosso Drogo. — Quando Illyrio lhe largou a mão, Daenerys deu por si a tremer.

— Suponho que sim — disse o irmão em tom duvidoso. — Os selvagens têm gostos estranhos. Rapazes, cavalos, ovelhas...

— É melhor não sugerir isso a Khal Drogo — disse Illyrio.

A ira flamejou nos olhos lilás de Valerys.

— Tomais-me por um tolo?

O magíster fez uma ligeira vénia.

— Tomo-vos por um rei. Aos reis falta a cautela dos homens vulgares. As minhas desculpas se vos ofendi. — Virou-se e bateu palmas para chamar os carregadores.

As ruas de Pentos estavam escuras como breu quando saíram no palanquim elaboradamente esculpido de Illyrio. Dois criados iam à frente para lhes alumiar o caminho, transportando ornamentadas lanternas a óleo com vidraças de um vidro azul claro, e uma dúzia de homens fortes levavam os paus aos ombros. O espaço lá dentro, por trás das cortinas, era quente e apertado. Dany conseguia sentir o fedor da carne pálida de Illyrio sob os seus pesados perfumes.

O irmão, escarrapachado em almofadas a seu lado, nada notava. A sua mente estava longe, do outro lado do mar estreito.

— Não necessitaremos de todo o seu khalasar — disse Viserys. Os seus dedos brincavam no punho da lâmina emprestada, embora Dany soubesse que ele nunca usara uma espada a sério. — Dez mil serão suficientes, posso varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothraki. O domínio erguer-se-á em nome do seu rei de direito. Tyrell, Redwyne, Darry, Greyjoy não sentem mais amor pelo Usurpador do que eu. Os homens de Dorne ardem pela possibilidade de vingar Elia e os seus filhos. E as pessoas simples estarão connosco. Elas choram pelo seu rei. — Olhou ansioso para Illyrio. — Choram, não é verdade?

— São o vosso povo, e amam-vos bastante — disse amavelmente o Magíster Illyrio. — Em povoados por todo o território, os homens fazem brindes secretos à vossa saúde enquanto as mulheres cosem estandartes do dragão e escondem-nos até ao dia do vosso regresso do outro lado das águas. — Encolheu os maciços ombros. — Ou pelo menos é o que me dizem os meus agentes.

Dany não tinha agentes, nenhuma maneira de saber o que alguém estaria a fazer ou a pensar do outro lado do mar estreito, mas desconfiava das palavras doces de Illyrio do mesmo modo que desconfiava de tudo o que dizia respeito ao homem. Mas o irmão acenava com ardor.

— Matarei eu próprio o Usurpador — prometeu, ele que nunca matara ninguém —, tal como ele matou o meu irmão Rhaegar. E também Lannister, o Regicida, pelo que fez ao meu pai.

— Isso será muito adequado — disse o Magíster Illyrio. Dany viu a minúscula sugestão de sorriso que brincava nos lábios cheios do homem, mas o irmão não reparou em nada. Acenando, ele afastou uma cortina e perdeu o olhar na noite, e Dany soube que estava a lutar de novo a Batalha do Tridente.

A mansão de nove torres de Khal Drogo erguia-se junto às águas da baía, com hera de tons claros a cobrir os seus grandes muros de tijolo. Tinha sido oferecida ao khal pelos magísteres de Pentos, disse-lhes Illyrio. As Cidades Livres eram sempre generosas com os senhores dos cavalos.

— Não é que tenhamos esses bárbaros — explicava Illyrio com um sorriso. — O Senhor da Luz poderia defender as nossas muralhas contra um milhão de dothraki, ou pelo menos é isso que prometem os sacerdotes vermelhos... mas para quê correr riscos quando a sua amizade sai tão barata?

O palanquim em que seguiam foi parado ao portão e as cortinas puxadas rudemente para trás por um dos guardas da casa. Possuía a pele acobreada e os olhos escuros e amendoados de um dothraki, mas tinha o rosto livre de pêlos e usava o capacete guarnecido de espigões dos Imaculados. Avaliou-os friamente. O Magíster Illyrio rosnou-lhe qualquer coisa no rude idioma dothraki; o guarda respondeu-lhe no mesmo tom e deu-lhes passagem com um gesto através dos portões.

Dany reparou que a mão do irmão estava cerrada com força no punho da sua espada emprestada. Parecia quase tão assustado como ela se sentia.

— Eunuco insolente — murmurou Viserys enquanto o palanquim subia aos balanços até à mansão.

As palavras do Magíster Illyrio eram mel.

— Esta noite estarão muitos homens importantes no banquete. Homens assim têm inimigos. O khal deve proteger os seus convidados, vós acima de todos, Vossa Graça. Não há dúvidas de que o Usurpador pagaria bem pela vossa cabeça.

— Oh, sim — disse sombriamente Viserys. — Ele tentou, Illyrio, asséguo-vos disso. Os seus traidores contratados seguem-nos para todo o lado.

Sou o último dragão, e ele não dormirá descansado enquanto eu viver.

O palanquim abrandou e parou. As cortinas foram puxadas e um escravo ofereceu uma mão para ajudar Daenerys a sair. O seu colar, reparou ela, era de bronze comum. O irmão seguiu-a, com uma das mãos ainda cerrada com força no punho da espada. Foram precisos dois homens fortes para pôr de novo o Magíster Illyrio de pé.

Dentro da mansão, o ar estava pesado com o cheiro de especiarias, noz de fogo, limão doce e canela. Foram levados através do átrio, onde um mosaico de vidro colorido retratava a Destruição de Valéria. Óleo ardia em lanternas negras de ferro dispostas ao longo das paredes. Sob uma arcada composta por folhas de pedra interligadas, um eunuco cantou a sua chegada:

— Viserys da Casa Targaryen, o Terceiro de seu Nome — gritou numa voz doce e aguda —, Rei dos Andalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Rei dos Sete Reinos e Protector do Território. Sua irmã, Daenerys, Filha da Tormenta, princesa de Pedra do Dragão. O seu honorável anfitrião, Illyrio Mopatis, Magíster da Cidade Livre de Pentos.

Passaram pelo eunuco e entraram num pátio orlado de pilares cobertos de hera clara. O luar pintava as folhas em tons de osso e prata enquanto os convidados vagueavam por entre elas. Muitos eram senhores dos cavalos dothraki, grandes homens de pele vermelha acastanhada, com os bigodes pendentes presos por anéis de metal, e o cabelo negro oleado, entrançado e atado a campainhas. Mas por entre eles moviam-se sicários e mercenários de Pentos, Myr e Tyrosh, um sacerdote vermelho ainda mais gordo do que Illyrio, homens peludos vindos do Porto de Ibben, e senhores das Ilhas do Verão com a pele negra como ébano. Daenerys olhou-os a todos maravilhada... e compreendeu, com um súbito sobressalto de medo, que era a única mulher ali presente.

Illyrio sussurrou-lhes:

— Aqueles três são os companheiros de sangue de Drogo, ali — disse. — Junto ao pilar está Khal Moro com o filho Rhogoro. O homem de barba verde é irmão do Arconte de Tyrosh, e o homem que está atrás dele é Sor Jorah Mormont.

O último nome capturou a atenção de Daenerys.

— Um cavaleiro?

— Nem mais, nem menos. — Illyrio fez um sorriso sob a barba. — Ungido com os sete óleos pelo próprio Alto Septão.

— Que faz ele aqui? — disse ela.

— O Usurpador quis vê-lo morto — disse-lhes Illyrio. — Uma afrontazinha qualquer. Vendeu alguns caçadores furtivos a um negociante de escravos de Tyrosh em vez de os entregar à Patrulha da Noite. Uma lei ab-

surda. Um homem deve ser autorizado a fazer o que bem entenda com os seus bens.

— Quererei falar com Sor Jorah antes do fim da noite — disse Viserys. Dany deu por si a olhar com curiosidade o cavaleiro. Era um homem velho, com mais de quarenta anos e a perder o cabelo, mas mantinha-se forte e em forma. Em vez de sedas e algodão, trajava de lã e de couro. A sua túnica era verde escura, bordada com a imagem de um urso negro em pé sobre duas patas.

Ainda observava aquele estranho homem vindo da pátria que nunca conhecera quando o Magíster Illyrio colocou uma mão húmida no seu ombro nu.

— Ali, doce princesa — sussurrou — está o próprio khal.

Dany quis fugir e esconder-se, mas o irmão estava a observá-la e sabia que se lhe desagradasse, acordaria o dragão. Ansiosa, virou-se e olhou o homem que Viserys esperava que pedisse para desposá-la antes de a noite acabar.

A jovem escrava não se enganara muito, pensou. Khal Drogo era uma cabeça mais alto do que o mais alto dos presentes na sala, mas de certo modo leve de pés, tão gracioso como a pantera que havia na colecção de Illyrio. Era mais novo do que ela pensara, não teria mais de trinta anos. A sua pele era da cor de cobre polido, e o seu espesso bigode estava preso com anéis de ouro e bronze.

— Devo ir fazer as minhas apresentações — disse o Magíster Illyrio. — Esperai aqui. Trá-lo-ei até vós.

O irmão tomou-lhe o braço quando Illyrio se dirigiu, bamboleante, até junto do khal, e os seus dedos apertaram-na com tanta força que a magoaram.

— Vês a sua trança, querida irmã?

A trança de Drogo era negra como a meia-noite, pesada de óleo perfumado e repleta de minúsculas campainhas que tiniam suavemente quando ele se movia. Chegava-lhe bem abaixo do cinto, até mesmo abaixo das nádegas; a ponta roçava-lhe na parte de trás das coxas.

— Vês como é longa? — disse Viserys. — Quando os dothraki são derrotados em combate, cortam as tranças em desgraça para que o mundo saiba da sua vergonha. Khal Drogo nunca perdeu um combate. É Aegon, o Senhor do Dragão, regressado, e tu serás a sua rainha.

Dany olhou Khal Drogo. O seu rosto era duro e cruel, os seus olhos tão frios e escuros como ónix. O irmão magoava-a por vezes, quando acordava o dragão, mas não a assustava como aquele homem o fazia.

— Não quero ser sua rainha — ouviu a sua voz dizer num tom fraco e agudo. — Por favor, por favor, Viserys, não quero. Quero ir para casa.

— Para casa? — Ele manteve a voz baixa, mas ela conseguia ouvir a fúria na entoação. — Como havemos de ir para casa, minha doce irmã? Eles roubaram-nos a casa! — Levou-a para as sombras, para fora de vista, com os dedos a enterrar-se na sua pele. — Como havemos de ir para casa? — repetiu, referindo-se a Porto Real, e a Pedra do Dragão e a todo o território que tinham perdido.

Dany quisera apenas falar dos seus quartos na propriedade de Illyrio, que certamente não seria uma casa verdadeira mas era tudo o que possuíam, mas o irmão não quisera ouvir isso. Ali não havia para ele uma casa. Mesmo a casa grande com a porta vermelha não fora uma casa para ele. Os seus dedos enterravam-se com força no braço dela, exigindo uma resposta.

— Não sei... — disse por fim, com a voz a perder firmeza. Lágrimas jorraram-lhe dos olhos.

— Mas eu sei — disse ele com voz cortante. — Vamos para casa com um exército, minha doce irmã. Com o exército de Khal Drogo, eis como vamos para casa. E se para isso tiveres de casar-te com ele e com ele dormir, fá-lo-ás. — Sorriu-lhe. — Deixaria que todo o seu khalasar te fodesse se fosse preciso, minha doce irmã, todos os quarenta mil homens e também os seus cavalos, se isso fosse necessário para obter o meu exército. Fica grata que seja só o Drogo. Com o tempo, podes até aprender a gostar dele. Agora seca os olhos. Illyrio está a trazê-lo para cá, e ele não vai ver-te chorar.

Dany virou-se e viu que era verdade. O Magíster Illyrio, todo sorrisos e vénias, escoltava Khal Drogo em direcção ao sítio onde eles se encontravam. Afastou com as costas da mão as lágrimas que não tinham saído dos seus olhos.

— Sorri — murmurou Viserys nervosamente, com a mão a cair sobre o punho da espada. — E põe-te direita. Deixa que ele veja que tens seios. Bem sabem os deuses que os tens bem pequenos.

Daenerys sorriu e pôs-se direita.

Daenerys Targaryen desposou Khal Drogo com medo e um esplendor bárbaro num descampado para lá das muralhas de Pentos, pois os dothraki acreditavam que todas as coisas importantes na vida de um homem deviam ser feitas a céu aberto.

Drogo chamou o seu khalasar para o servir e eles vieram, quarenta mil guerreiros dothraki e um número incontável de mulheres, crianças e escravos. Acamparam fora das muralhas da cidade com as suas vastas manadas de gado, erguendo palácios de erva entrançada, comendo tudo o que encontravam, e tornando o bom povo de Pentos mais ansioso a cada dia que passava.

— Os meus colegas magísteres duplicaram o tamanho da guarda da cidade — informou Illyrio uma certa noite na mansão que pertencera a Drogo, entre bandejas de pato com mel e laranjas-pimenta. O khal juntara-se ao seu khalasar, e a sua propriedade fora oferecida a Daenerys e ao irmão até ao casamento.

— É melhor que casemos depressa a Princesa Daenerys antes que entreguem metade da riqueza de Pentos a mercenários e sicários — brincou Sor Jorah Mormont. O exilado pusera a espada ao serviço do irmão de Dany na noite em que esta fora vendida a Khal Drogo; Viserys aceitara-a com avidez. Mormont tornara-se desde então uma companhia constante.

O Magíster Illyrio soltou uma ligeira gargalhada através da barba bifurcada, mas Viserys nem sequer sorriu.

— Pode tê-la amanhã, se o desejar — disse o príncipe. Olhou de relance para Dany e ela baixou os olhos. — Desde que pague o preço.

Illyrio ergueu uma mão lânguida, fazendo cintilar anéis nos seus gordos dedos.

— Já vos disse, tudo está assente. Confiai em mim. O khal prometeu-vos uma coroa, e tê-la-eis.

— Sim, mas quando?

— No momento que o khal escolher — disse Illyrio. — Obterá primeiro a rapariga, e depois do casamento terá de fazer a sua procissão pela planície para a apresentar a dosh khaleen em Vaes Dothrak. Talvez depois disso. Se os presságios favorecerem a guerra.

Viserys ferveu de impaciência.

— Eu cago nos presságios dothraki. O Usurpador está sentado no trono de meu pai. Quanto tempo terei de esperar?

Illyrio encolheu os enormes ombros.

— Já haveis esperado a maior parte da vida, grande rei. Que são mais alguns meses, mais alguns anos?

Sor Jorah, que viajara para leste até Vaes Dothrak, concordou com um aceno.

— Aconselho-vos a ser paciente, Vossa Graça. Os dothraki cumprem com a palavra dada, mas fazem as coisas ao seu próprio ritmo. Um homem inferior pode suplicar um favor ao khal, mas nunca deve ter a presunção de o censurar.

Viserys eriçou-se.

— Cuidado com a língua, Mormont, ou ainda acabareis por ficar sem ela. Não sou nenhum homem inferior, sou o Senhor de direito dos Sete Reinos. O dragão não suplica.

Sor Jorah baixou respeitosamente os olhos. Illyrio fez um sorriso enigmático e arrancou uma asa do pato. Mel e gordura correram-lhe pelos dedos e pingaram-lhe na barba quando mordiscou a carne tenra. Já não há dragões, pensou Dany, de olhos fixos no irmão, embora não se atrevesse a dizê-lo em voz alta.

Apesar disso, naquela noite sonhara com um. Viserys estava a bater-lhe, a magoá-la. Ela estava nua, atrapalhada de medo. Fugiu dele, mas o seu corpo parecia grosso e desajeitado. Ele bateu-lhe de novo. Ela tropeçou e caiu. “Acordaste o dragão”, gritava ele enquanto a pontapeava. “Acordaste o dragão, acordaste o dragão”. Tinha as coxas escorregadias de sangue. Fechou os olhos e choramingou. Como que em resposta, ouviu-se um hediondo som de rasgar e o estalejar de um grande fogo. Quando voltou a olhar, Viserys tinha desaparecido, grandes colunas de chamas erguiam-se por toda a parte e, no meio delas, estava o dragão. Virou lentamente a grande cabeça. Quando os olhos em fusão do animal encontraram os dela, acordou, tremendo e coberta por uma fina película de suor. Nunca tivera tanto medo...

... até ao dia em que o seu casamento por fim chegou.

A cerimónia iniciou-se de madrugada e prosseguiu até ao crepúsculo, um dia que parecia não ter fim de bebida, comida e luta. Um monumental talude de terra fora erguido entre os palácios de erva e Dany foi aí sentada, ao lado de Khal Drogo, sobre o fervente mar de dothrakis. Nunca vira tantas pessoas no mesmo lugar, nem pessoas tão estranhas e assustadoras. Os senhores dos cavalos podiam vestir tecidos ricos e usar doces perfumes quando visitavam as Cidades Livres, mas a céu aberto mantinham os velhos costumes. Quer os homens quer as mulheres trajavam vestimentas de couro pintado sobre os peitos nus e polainas de pêlo de cavalo cilhadas por cintos com medalhões de bronze, e os guerreiros untavam as suas longas

tranças com gordura que tiravam de fossas abertas para a recolher. Empanurravam-se de carne de cavalo assada com mel e pimentos, bebiam até cair leite fermentado de égua e os vinhos delicados de Illyrio, e cuspiam ditos de espírito uns aos outros, por cima das fogueiras, com vozes ásperas e estranhas aos ouvidos de Dany.

Viserys estava sentado logo abaixo dela, magnífico numa túnica nova de lã negra com um dragão escarlate no peito. Illyrio e Sor Jorah sentavam-se a seu lado. Era deles o lugar de maior honra, logo abaixo dos companheiros de sangue do khal, mas Dany via a ira nos olhos lilás do irmão. Não gostava de estar sentado abaixo dela, e exasperava-se sempre que os escravos ofereciam os pratos primeiro ao khal e à noiva, e lhe davam a escolher entre as porções que estes recusavam. Nada podia fazer além de embalar o ressentimento, e foi isso que ele fez, com o humor a tornar-se mais negro com o passar das horas e dos insultos à sua pessoa.

Dany nunca se sentira tão só como enquanto esteve sentada no meio daquela vasta horda. O irmão dissera-lhe para sorrir, e portanto sorriu até lhe doer a cara e as lágrimas lhe subirem aos olhos sem serem convidadas. Fez o melhor que pôde para escondê-las, sabendo como Viserys ficaria zangado se a visse a chorar, aterrorizada com a possível reacção de Khal Drogo. Era-lhe trazida comida, peças fumegantes de carne, grossas salsichas negras, tartes de sangue dothraki, e mais tarde frutos, estufados de erva-doce e delicados artigos de pastelaria vindos das cozinhas de Pentos, mas afastou tudo com gestos. Tinha o estômago às voltas e sabia que não conseguiria manter nele qualquer alimento.

Não havia ninguém com quem falar. Khal Drogo gritava ordens e brincadeiras aos companheiros de sangue, e ria das suas respostas, mas quase não olhava para o lado de Dany. Não tinham nenhuma língua em comum. O dothraki era incompreensível para ela, e o khal sabia apenas algumas palavras do valiriano adulterado das Cidades Livres, e nem uma única do Idioma Comum dos Sete Reinos. Ela até teria acolhido bem a conversa de Illyrio e do irmão, mas estavam demasiado afastados para ouvi-la.

E assim ali ficou, sentada nas suas sedas nupciais, embalando uma taça de vinho com mel, com medo de comer, falando em silêncio consigo mesma. Sou do sangue do dragão, disse a si própria. Sou Daenerys Filha da Tormenta, Princesa da Pedra do Dragão, do sangue e semente de Aegon, o Conquistador.

O Sol estava apenas no primeiro quarto do céu quando viu o primeiro homem morrer. Soavam tambores a acompanhar algumas das mulheres que dançavam para o khal. Drogo assistia sem expressão, mas os seus olhos seguiam-lhes os movimentos, e, de vez em quando, atirava-lhes um medalhão de bronze para que elas o disputassem.

Os guerreiros também assistiam. Por fim, um deles entrou no círculo, agarrou uma dançarina pelo braço, atirou-a ao chão e montou-a mesmo ali, como um garanhão monta uma égua. Illyrio dissera-lhe que aquilo poderia acontecer. “Os dothraki acasalam como os animais das suas manadas. Não há privacidade num khalasar, e eles não compreendem o pecado ou a vergonha como nós.”

Dany afastou o olhar da união, assustada ao compreender o que estava a acontecer, mas um segundo guerreiro avançou, e um terceiro, e em breve não havia maneira de desviar os olhos. Então dois homens agarraram a mesma mulher. Ouviu um grito, viu um empurrão, e num piscar de olhos tinham sido empunhados os arakhs, longas lâminas afiadas como navalhas, meio espadas, meio gadanhas. Começou uma dança de morte, e os guerreiros andaram aos círculos, dando golpes, saltando um sobre o outro, fazendo rodopiar as lâminas sobre as cabeças, guinchando insultos a cada entrechocar de metal. Ninguém fez um gesto para interferir.

Acabou tão depressa como começou. Os arakhs estremeceram um contra o outro mais depressa do que Dany conseguia acompanhar, um dos homens falhou um passo, o outro brandiu a lâmina num arco horizontal. O aço mordeu a pele mesmo acima da cintura do dothraki e abriu-o da espinha ao umbigo, derramando-lhe as entranhas na poeira. Enquanto o perdedor morria, o vencedor agarrou-se à mulher mais próxima — nem sequer aquela por quem tinha lutado — e possuiu-a ali mesmo. Escravos levaram o corpo para longe e a dança recomeçou.

O Magíster Illyrio também prevenira Dany sobre aquilo. “Uma boda dothraki sem pelo menos três mortes é considerada aborrecida”, dissera. O casamento dela devia ter sido especialmente abençoado; antes de o dia terminar, tinha morrido uma dúzia de homens.

À medida que as horas foram passando, o terror cresceu em Dany, até que se transformou em tudo o que a impedia de gritar. Tinha medo dos dothraki, cujos modos pareciam estranhos e monstruosos, como se fossem animais em peles humanas e não verdadeiros homens. Tinha medo do irmão, do que ele poderia fazer se ela lhe falhasse. Acima de tudo, tinha medo do que poderia acontecer naquela noite, sob as estrelas, quando o irmão a desse ao pesado gigante que bebia a seu lado, com um rosto tão imóvel e cruel como uma máscara de bronze.

Sou do sangue do dragão, disse de novo a si própria.

Quando o Sol por fim baixou no céu, Khal Drogo bateu palmas e os tambores, os gritos e o festim chegaram a um fim súbito. Drogo ergueu-se e pôs Dany de pé a seu lado. Tinha chegado o tempo dos seus presentes de noiva.

E ela sabia que depois dos presentes, depois do Sol desaparecido no

horizonte, chegaria o momento da primeira cavalgada e da consumação do casamento. Dany tentou afastar esse pensamento, mas ele não a abandonava. Apertou os braços contra o corpo, tentando evitar tremer.

O irmão Viserys ofereceu-lhe três aias. Dany sabia que nada lhe tinham custado, que sem dúvida fora Illyrio a fornecer as raparigas. Irri e Jhiqui eram dothraki de pele acobreada com cabelos negros e olhos amendoados, Doreah era uma rapariga lisena de cabelos claros e olhos azuis.

— Estas não são criadas comuns, minha doce irmã — disse-lhe o irmão enquanto as traziam uma por uma. — Illyrio e eu seleccionámo-las pessoalmente para ti. Irri ensinar-te-á a montar, Jhiqui treinar-te-á na língua dothraki e Doreah instruir-te-á nas artes femininas do amor. — Fez um ténue sorriso. — É muito boa. Tanto Illyrio como eu podemos jurá-lo.

O Sor Jorah Mormont desculpou-se pelo presente.

— É coisa pouca, minha princesa, mas é tudo aquilo de que um pobre exilado pode dispor — disse, ao pôr-lhe à frente uma pequena pilha de velhos livros. Viu que eram canções e histórias dos Sete Reinos, escritas no Idioma Comum. Agradeceu-lhe de todo o coração.

O Magíster Illyrio murmurou uma ordem e quatro corpulentos escravos apressaram-se a avançar, trazendo entre eles uma grande arca de cedro com aplicações em bronze. Quando a abriu, encontrou pilhas dos mais finos veludos e damascos que as Cidades Livres podiam produzir... e em cima de tudo, aninhados nos suaves panos, três enormes ovos. Dany ofegou. Eram as coisas mais belas que já vira, todos diferentes uns dos outros, com padrões de cores tão ricas que ela a princípio pensou que estivessem incrustados de jóias, e tão grandes que precisava de ambas as mãos para pegar num. Ergueu-o delicadamente, à espera de o encontrar feito de algum tipo de fina porcelana ou delicado esmalte, ou até de vidro soprado, mas era muito mais pesado do que julgara, como se todo ele fosse rocha sólida. A superfície da casca estava coberta de minúsculas escamas, e quando rodou o ovo entre os dedos, elas cintilaram como metal polido à luz do sol poente. Um ovo era de um verde profundo, com manchas de lustroso bronze que iam e vinham, dependendo do modo como Dany o virava. Outro era creme claro listrado de dourado. O último era negro, tão negro como o mar da meia-noite, mas vivo com ondulações e remoinhos escarlates.

— O que são? — perguntou, com a voz baixa e maravilhada.

— Ovos de dragão, vindos das Terras das Sombras para lá de Asshai — disse o Magíster Illyrio. — As eras transformaram-nos em pedra, mas ainda possuem uma beleza ardente e brilhante.

— Ser-me-ão preciosos para sempre. — Dany ouvira histórias sobre ovos daqueles, mas nunca vira nenhum, nem pensara chegar a vê-lo. Era um presente realmente magnífico, se bem que ela soubesse que Illyrio tinha

possibilidade de ser generoso. Ganhara uma fortuna em cavalos e escravos pelo papel que desempenhara na sua venda a Khal Drogo.

Os companheiros de sangue do khal ofereceram-lhe as três armas tradicionais, e que estupendas armas eram. Haggio deu-lhe um grande chicote de couro com cabo de prata, Cohollo um magnífico arakh com embutidos de ouro, e Qotho um arco de dupla curvatura, feito de osso de dragão, mais alto do que ela. O Magíster Illyrio e Sor Jorah tinham-lhe ensinado a recusa tradicional daquelas oferendas.

— Este é um presente digno de um grande guerreiro, oh sangue do meu sangue, e eu não passo de uma mulher. Que o senhor meu marido o use em meu nome. — E assim Khal Drogo também recebeu os seus “presentes de noiva”.

E Dany recebeu uma profusão de outros presentes, oferecidos por outros dothraki: chinelos, jóias e anéis de prata para o cabelo, cintos de medalhão, vestes pintadas e peles suaves, panos de sedareia e potes de perfume, agulhas, penas e minúsculas garrafas de vidro púrpura, e um vestido feito das peles de mil ratos.

— Um belo presente, Khaleesi — disse o Magíster Illyrio deste último, depois de lhe dizer o que era. — Muito afortunado.

Os presentes amontoavam-se em seu redor em grandes pilhas, mais presentes do que poderia imaginar, mais presentes do que poderia desejar ou usar.

E, no fim de tudo, Khal Drogo trouxe-lhe o seu próprio presente de noiva. Um silêncio de expectativa alastrou a partir do centro do acampamento quando ele saiu do lado dela, crescendo até engolir todo o khalasar. Quando regressou, a densa multidão de ofertantes abriu-se à sua frente, e ele levou o cavalo até ela.

Era uma poldra jovem, espirituosa e magnífica. Dany sabia apenas o suficiente de cavalos para reconhecer que aquele não era um animal vulgar. Havia algo nele que cortava a respiração. Era cinzenta como o mar de Inverno, com uma crina que parecia fumo prateado.

Hesitante, estendeu uma mão e afagou o pescoço do cavalo, fazendo correr os dedos pelo prateado da crina. Khal Drogo disse qualquer coisa em dothraki e o Magíster Illyrio traduziu.

— Prata para o prateado do vosso cabelo, diz o khal.

— É belíssima — murmurou Dany.

— É o orgulho do khalasar — disse Illyrio. — O costume decreta que a khaleesi deve conduzir uma montada digna do seu lugar ao lado do khal.

Drogo avançou e pôs-lhe as mãos na cintura. Levantou-a com tanta facilidade como se fosse uma criança e pousou-a sobre a fina sela dothraki, muito mais pequena do que aquelas a que estava acostumada. Dany ficou

ali sentada, por um momento incerta. Ninguém lhe falara daquela parte.

— O que devo fazer? — perguntou a Illyrio.

Foi Sor Jorah Mormont quem respondeu.

— Pegai nas rédeas e cavalgai. Não precisais de ir longe.

Nervosa, juntou as rédeas nas mãos e fez deslizar os pés para os pequenos estribos. Não passava duma cavaleira razoável; passara muito mais tempo a viajar em navios, carroças e palanquins do que sobre o dorso de cavalos. Rezando para não cair e envergonhar-se, deu à poldra o mais tímido dos toques com os joelhos.

E pela primeira vez nas últimas horas, esqueceu-se de ter medo. Ou talvez pela primeira vez desde sempre.

A poldra cinzenta prateada avançou com um porte suave e sedoso, e a multidão abriu alas para a deixar passar, com todos os olhos postos nelas. Dany deu por si a avançar mais depressa do que tencionara, mas isso, de algum modo, era excitante em vez de aterrador. O cavalo pôs-se a trote e ela sorriu. Os dothraki precipitavam-se para abrir um caminho. A mais ligeira pressão com as pernas, o mais pequeno toque de rédeas, e a poldra respondia. Pô-la a galope, e agora os dothraki assobiavam, gargalhavam e gritavam-lhe enquanto saltavam para longe do seu caminho. Quando virou para regressar, uma cova de fogueira surgiu-lhe à frente, mesmo no seu caminho. Estavam cercadas de ambos os lados, sem espaço para parar. Uma coragem que nunca conhecera encheu então Daenerys e ela deu liberdade à poldra.

O cavalo prateado saltou sobre as chamas como se tivesse asas.

Quando refreou o animal junto ao Magíster Illyrio, disse:

— Dizei a Khal Drogo que me ofereceu o vento. — O gordo pentoshi repetiu as palavras em dothraki enquanto afagava a barba amarela, e Dany viu o seu novo marido sorrir pela primeira vez.

A última fatia de sol desapareceu nesse momento por trás das grandes muralhas de Pentos, para oeste. Dany perdera por completo a noção das horas. Khal Drogo ordenou aos companheiros de sangue para lhe trazerem o cavalo, um esguio garanhão vermelho. Enquanto o khal selava o cavalo, Viserys esgueirou-se até junto de Dany, enterrou os dedos na sua perna e disse:

— Dá-lhe prazer, minha doce irmã, senão juro que verás o dragão acordar como nunca acordou antes.

O medo regressou então, com as palavras do irmão. Sentiu-se de novo uma criança, apenas com treze anos e completamente só, mal preparada para o que estava prestes a acontecer-lhe.

Cavalgaram juntos sob as estrelas que surgiam, deixando para trás o khalasar e os palácios de erva. Khal Drogo não lhe dirigiu uma palavra,

mas fez o garanhão atravessar a penumbra que se aprofundava num trote duro. As minúsculas campainhas de prata na sua longa trança ressoavam baixinho enquanto cavalgava.

— Sou do sangue do dragão — murmurou ela enquanto o seguia, tentando manter a coragem. — Sou do sangue do dragão. Sou do sangue do dragão. — O dragão nunca tinha medo.

Mais tarde nunca soube dizer até que distância ou durante quanto tempo cavalgaram, mas a noite tinha já caído por completo quando pararam num lugar relvado junto a um pequeno ribeiro. Drogo saltou do cavalo e tirou-a do seu. Sentiu-se frágil como vidro nas mãos dele, com membros tão fracos como água. Ficou ali, desamparada e a tremer nas suas sedas nupciais enquanto ele prendia os cavalos, e quando se virou para olhá-la, ela começou a chorar.

Khal Drogo ficou a olhar as lágrimas, com o rosto estranhamente vazio de emoção.

— Não — disse. Ergueu uma mão e limpou rudemente as lágrimas com um polegar calejado.

— Falais o Idioma Comum — disse Dany espantada.

— Não — disse ele de novo.

Talvez soubesse apenas aquela palavra, pensou ela, mas era uma palavra mais do que ela supusera, e de algum modo isso fê-la sentir-se um pouco melhor. Drogo tocou-lhe levemente o cabelo, fazendo deslizar as madeixas loiras prateadas entre os dedos e murmurando suavemente em dothraki. Dany não compreendeu as palavras, mas havia calor na entoação, uma ternura que nunca esperara daquele homem.

Pôs um dedo sob o seu queixo e ergueu-lhe a cabeça, para que ela o olhasse nos olhos. Drogo erguia-se acima dela como se erguia acima de toda a gente. Pegando-a com ligeireza pelos sovacos, ergueu-a e sentou-a numa rocha arredondada ao lado do ribeiro. Depois sentou-se no chão em frente dela, de pernas cruzadas sob o seu corpo, com os rostos por fim ao mesmo nível.

— Não — disse ele.

— Essa é a única palavra que conheceis? — perguntou-lhe ela.

Drogo não respondeu. A sua longa e pesada trança estava enrolada na terra ao seu lado. Puxou-a por sobre o ombro direito e começou a remover as campainhas do cabelo, uma a uma. Depois de um momento, Dany inclinou-se para a frente para ajudar. Quando terminaram, Drogo fez um gesto. Ela compreendeu. Devagar, com cuidado, começou a desfazer-lhe a trança.

Levou muito tempo. E durante todo o tempo, ele ficou ali sentado em silêncio, observando-a. Quando acabou, ele abanou a cabeça e o cabelo

espalhou-se-lhe atrás das costas como um rio de escuridão, oleoso e cintilante. Nunca vira cabelos tão longos, tão negros, tão espessos.

Depois foi a vez dele. Começou a despi-la.

Os seus dedos eram hábeis e estranhamente ternos. Removeu-lhe as sedas, uma por uma, com cuidado, enquanto Dany permanecia sentada, imóvel, silenciosa, a olhá-lo nos olhos. Quando desnudou os seus pequenos seios, não conseguiu evitá-lo. Desviou o olhar e cobriu-se com as mãos.

— Não — disse Drogo. Puxou-lhe as mãos para longe dos seios, com gentileza mas firmemente, e depois ergueu-lhe de novo o rosto para fazer com que o olhasse. — Não — repetiu.

— Não — ecoou ela.

Então, ele pô-la de pé e puxou-a, a fim de remover a última das suas sedas. Sentia o ar nocturno frio na pele nua. Estremeceu, e pele de galinha cobriu-lhe os braços e pernas. Temia o que viria a seguir, mas durante algum tempo, nada aconteceu. Drogo ficou sentado de pernas cruzadas, olhando-a, bebendo-lhe o corpo com os olhos.

Um pouco mais tarde, começou a tocá-la. A princípio ligeiramente, depois com mais força. Ela sentia o feroz poder das suas mãos, mas ele nunca chegou a magoá-la. Segurou uma mão na dele e afagou-lhe os dedos um a um. Correu-lhe uma mão suavemente pela perna. Afagou-lhe o rosto, delineando a curva das suas orelhas, percorrendo-lhe a boca gentilmente com um dedo. Tomou-lhe o cabelo com ambas as mãos e penteou-o com os dedos. Virou-a de costas, massajou-lhe os ombros, fez deslizar o nó de um dedo ao longo da coluna.

Pareceu que se passaram horas antes que as mãos dele se dirigissem por fim aos seus seios. Afagou a suave pele da base até a deixar em formigues. Rodeou os mamilos com os polegares, beliscou-os entre polegar e indicador, depois começou a puxar por ela, muito ligeiramente a princípio, depois com maior insistência, até que os mamilos enrijeceram e começaram a doer.

Então parou, e puxou-a para o seu regaço. Dany estava corada e sem fôlego, com o coração a palpitar no peito. Envolveu-lhe o rosto nas mãos enormes e ela olhou-o nos olhos.

— Não? — disse ele, e ela soube que era uma pergunta.

Tomou-lhe a mão e dirigiu-a para a humidade entre as suas coxas.

— Sim — sussurrou ao introduzir um dos dedos dele dentro de si.

— O mar dothraki — disse Sor Jorah Mormont ao puxar as rédeas do cavalo e parar ao lado dela no topo da colina.

Aos seus pés, a planície estendia-se imensa e vazia, uma vasta extensão plana que atingia e ultrapassava o horizonte distante. Era um mar, pensou Dany. Para lá do lugar onde estavam não havia colinas nem montanhas, nem árvores, cidades ou estradas, apenas a erva sem fim, cujas folhas altas ondulavam como ondas quando o vento soprava.

— É tão verde — disse.

— Aqui e agora — concordou Sor Jorah. — Tendes de o ver quando floresce, flores vermelhas escuras de horizonte a horizonte, como um mar de sangue. E quando chega a estação seca, o mundo fica da cor de bronze velho. E isto é apenas a hranna, menina. Há ali cem tipos de erva, ervas amarelas como limão e escuras como índigo, ervas azuis e ervas cor-de-laranja, e ervas que são como arco-íris. E dizem que nas Terras das Sombras para lá de Asshai há oceanos de erva fantasma, mais alta do que um homem a cavalo e com caules tão claros como vidro leitoso. Mata todas as outras ervas e brilha no escuro com os espíritos dos condenados. Os Dothraki dizem que um dia a erva fantasma cobrirá o mundo inteiro, e então toda a vida terminará.

Essa ideia fez Dany arrepiar-se.

— Não quero falar disso agora — disse. — Isto aqui é tão lindo que não quero pensar na morte de tudo.

— Como desejardes, Khaleesi — disse respeitosamente Sor Jorah.

Dany ouviu o som de vozes e virou-se para olhar para trás. Ela e Mormont tinham-se distanciado do resto da comitiva, e agora os outros vinham a subir a colina lá em baixo. Os movimentos da sua criada Irri e dos jovens arqueiros do seu khas eram fluidos como centauros, mas Viserys ainda lutava com os estribos curtos e a sela plana. O irmão era infeliz ali. Nunca devia ter vindo. O Magíster Illyrio insistira com ele para que esperasse em Pentos, oferecera-lhe a hospitalidade da sua mansão, mas Viserys nem quisera ouvir falar do assunto. Queria ficar com Drogo até que a dívida fosse paga, até ter a coroa que lhe fora prometida. “E se ele tentar enganar--me, aprenderá para sua desgraça o que significa acordar o dragão” garantiria, pousando uma mão na sua espada emprestada. Illyrio pestanejava ao ouvir aquilo e desejara-lhe boa sorte.

Dany apercebeu-se de que naquele momento não desejava ouvir nenhuma das queixas do irmão. O dia estava demasiado perfeito. O céu era de um azul profundo, e muito acima deles, um falcão caçador voava em círculos. O mar de erva oscilava e suspirava a cada sopro de vento, o ar batia-lhe morno no rosto, e Dany sentia-se em paz. Não deixaria que Viserys a estragasse.

— Esperai aqui — disse Dany a Sor Jorah. — Dizei-lhes a todos para ficar. Dizei-lhes que eu o ordeno.

O cavaleiro sorriu. Sor Jorah não era um homem bonito. Tinha pescoço e ombros de touro e rudes pêlos negros cobriam-lhe os braços e pescoço de uma forma tão densa que nenhum restava para a cabeça. Mas os seus sorrisos davam a Dany conforto.

— Estais a aprender a falar como uma rainha, Daenerys.

— Uma rainha, não — disse Dany. — Uma Khaleesi. — Fez girar o cavalo e galopou sozinha pela encosta abaixo.

A descida era íngreme e rochosa, mas Dany cavalgou destemidamente, e o júbilo e perigo daquilo eram uma canção no seu coração. Toda a sua vida Viserys lhe dissera que era uma princesa, mas só quando montou a sua prata é que Daenerys Targaryen se sentira como uma.

A princípio não fora fácil. O khalasar levantara o acampamento na manhã seguinte ao casamento, dirigindo-se para leste em direcção a Vaes Dothrak, e ao terceiro dia, Dany pensou que ia morrer. Feridas provocadas pela sela abriram-se no seu traseiro, hediondas e sangrentas. As suas coxas ficaram em carne viva, as rédeas fizeram nascer bolhas nas suas mãos, e os músculos das pernas e das costas estavam de tal forma doridos que quase não era capaz de se sentar. Quando caía o crepúsculo, as criadas tinham de a ajudar a desmontar.

Nem mesmo as noites traziam alívio. Khal Drogo ignorava-a enquanto viajavam, tal como a ignorara durante o casamento, e passava o princípio da noite a beber com os seus guerreiros e companheiros de sangue, a competir com os seus melhores cavalos, a ver mulheres dançar e homens morrer. Dany não tinha lugar naquelas partes da sua vida. Era abandonada para jantar sozinha ou com Sor Jorah e o irmão, e depois para chorar até adormecer. Mas todas as noites, em algum momento antes da alvorada, Drogo vinha ter com ela à sua tenda e acordava-a na escuridão para a montar tão implacavelmente como montava o seu garanhão. Possuía-a sempre por trás, à moda Dothraki, e Dany sentia-se grata por isso; dessa maneira o senhor seu marido não podia ver as lágrimas que lhe molhavam o rosto e podia usar a almofada para abafar os seus gritos de dor. Quando acabava, fechava os olhos e começava a ressonar baixinho e Dany deitava-se a seu lado, com o corpo dorido e magoado, com demasiadas dores para dormir.

Os dias seguiram-se a outros dias e as noites seguiram-se a outras noites, até Dany compreender que não conseguia suportar aquilo nem mais um momento. Uma noite decidiu que preferia matar-se em vez de continuar...

Mas quando se deixou dormir nessa noite, voltou a sonhar o sonho do dragão. Daquela vez Viserys não entrava nele. Só estava ela e o dragão. As suas escamas eram negras como a noite, mas luzidias de sangue. Dany sentiu que aquele sangue era o dela. Os olhos do animal eram lagoas de magma derretido, e quando abriu a boca, a chama surgiu, rugindo, num jacto quente. Dany podia ouvi-lo a cantar para ela. Abriu os braços ao fogo, acolheu-o, para que ele a engolisse inteira e a lavasse, temperasse e polisse até ficar limpa. Podia sentir a sua carne a secar, enegrecer e descamar-se, sentia o sangue a ferver e a transformar-se em vapor, mas não havia qualquer dor. Sentia-se forte, nova e feroz.

E no dia seguinte, estranhamente, pareceu-lhe que não doía tanto. Foi como se os deuses a tivessem escutado e se tivessem apiedado. Até as criadas repararam na mudança.

— Khaleesi — disse Jhiqui — que se passa? Estais doente?

— Estava — respondeu, em pé junto aos ovos de dragão que Illyrio lhe oferecera quando se casara. Tocou um deles, o maior dos três, fazendo correr a mão ligeira sobre a casca. Negro e escarlate, pensou, como o dragão no meu sonho. A pedra parecia estranhamente quente sob os seus dedos... ou estaria ainda a sonhar? Retirou a mão, nervosamente.

Daquela hora em diante, cada dia foi mais fácil que o anterior. As pernas ficaram mais fortes; as bolhas rebentaram e as mãos ganharam calos; as moles coxas enrijeceram, flexíveis como couro.

O khal ordenara à criada Irri para ensinar Dany a montar à moda Dothraki, mas a sua verdadeira professora era a poldra. A égua parecia conhecer-lhe os estados de alma, como se partilhassem uma mente única. A cada dia que passava, Dany sentia-se mais segura sobre a sela. Os Dothraki eram um povo duro e sem sentimentalismos, e não tinham o costume de dar nomes aos animais, e portanto Dany pensava no animal apenas como a prata. Nunca amara tanto coisa alguma.

À medida que a viagem foi deixando de ser uma provação, Dany começou a reparar nas belezas da terra que a rodeava. Cavalgava à cabeça do khalasar com Drogo e os seus companheiros de sangue, e assim encontrava todas as regiões frescas e intactas. Atrás deles, a grande horda podia rasgar a terra e enlamear os rios e levantar nuvens de pó que dificultavam a respiração, mas os campos à sua frente estavam sempre viçosos e verdejantes.

Atravessaram as colinas onduladas de Norvos, deixando para trás

quintas de campos em socacos e pequenas aldeias onde o povo observava ansioso, de cima de muros brancos de estuque. Passaram a vau três largos rios plácidos e um quarto que era rápido, estreito e traiçoeiro, acamparam ao lado de uma grande catarata azul, rodearam as ruínas tombadas de uma vasta cidade morta onde se dizia que os fantasmas gemiam por entre enegrecidas colunas de mármore. Correram por estradas valirianas com mil anos de idade e direitas como uma seta Dothraki. Ao longo de meia-lua, atravessaram a Floresta de Qohor, onde as folhas formavam uma abóbada dourada muito acima deles, e os troncos das árvores eram tão largos como portões de uma cidade. Havia grandes alces naqueles bosques, e tigres malhados, e lémures de pêlo prateado e enormes olhos púrpura, mas todos fugiram antes que o khalasar se aproximasse e Dany não chegou a vislumbrá-los.

Por essa altura, a sua agonia era uma memória que se desvanecia. Ainda lhe doía depois de um longo dia de viagem, mas, de algum modo, a dor incorporava agora uma certa doçura, e ela subia de boa vontade para a sela todas as manhãs, ansiosa por saber que maravilhas a esperavam nas terras que se estendiam em frente. Começou a encontrar prazer até mesmo nas noites, e embora ainda gritasse quando Drogo a possuía, nem sempre era de dor.

Na base da colina, as ervas ergueram-se à sua volta, altas e flexíveis. Dany abrandou até um trote e penetrou na planície, deixando-se perder na erva, abençoadamente só. No khalasar nunca estava só. Khal Drogo só vinha ter com ela depois de o Sol se pôr, mas as criadas alimentavam-na, banhavam-na e dormiam junto à porta da sua tenda, os companheiros de sangue de Drogo e os homens do seu khas nunca estavam muito distantes, e o irmão era uma sombra indesejada, de dia e de noite. Dany conseguia ouvi-lo no topo da colina, com a voz esganiçada de raiva enquanto gritava a Sor Jorah. Avançou, submergindo-se mais profundamente no mar Dothraki.

O verde engoliu-a. O ar estava enriquecido com os odores da terra e da erva, misturados com o cheiro do cavalo, do suor de Dany e do óleo no seu cabelo. Cheiros Dothraki. Pareciam pertencer àquele lugar. Dany respirou tudo aquilo, rindo. Teve uma súbita vontade de sentir o chão debaixo dos pés, de fechar os dedos sobre aquele espesso solo negro. Desmontando, deixou a prata pastar enquanto descalçava as botas de cano alto.

Viserys chegou junto dela tão subitamente como uma tempestade de Verão, com o cavalo a empinar-se quando puxou as rédeas com demasiada força.

— Como te atreves? — gritou-lhe. — Dar-me ordens a mim? A mim? — Saltou do cavalo, tropeçando ao aterrar. O rosto estava corado quando se

pôs em pé. Agarrou-a, abanou-a. — Esqueceste-te de quem és? Olha para ti. Olha para ti!

Dany não precisava de olhar. Estava descalça, com o cabelo oleado, usando couros de montar dothraki e um vestido pintado que lhe fora dado como presente de noivado. Parecia pertencer àquele lugar. Viserys estava sujo e enodado, vestido com as suas sedas citadinas e cota de malha.

Ele ainda gritava.

— Tu não dás ordens ao dragão. Compreendes? Eu sou o Senhor dos Sete Reinos, não receberei ordens duma qualquer puta de chefe de horda, estás a ouvir? — Introduziu a mão sob o vestido dela, enterrando dolorosamente os dedos no seio. — Estás a ouvir?

Dany afastou-o com um forte empurrão.

Viserys fitou-a, com os olhos lilases incrédulos. Ela nunca o desafiara. Nunca lutara. A raiva distorceu-lhe as feições. Ela sabia que agora iria magoá-la, e muito.

Crac.

O chicote fez um som de trovão. A ponta enrolou-se no pescoço de Viserys e atirou-o para trás. Estatelou-se na relva, atordoado e estrangulado. Os cavaleiros dothraki gritaram-lhe enquanto ele lutava por se libertar. O dono do chicote, o jovem Jhogo, arranhou uma pergunta. Dany não compreendeu as suas palavras, mas então Irri chegou, com Sor Jorah e o resto do seu khas.

— Jhogo pergunta se o mata, Khaleesi — disse Irri.

— Não — respondeu Dany. — Não.

Jhogo compreendeu aquilo. Um dos outros ladrrou um comentário, e os Dothraki riram. Irri disse-lhe:

— Quaro pensa que uma orelha deve cortar para lhe ensinar respeito.

O irmão estava de joelhos, com os dedos enterrados sob os anéis de couro, gritando incoerentemente, lutando por ar. O chicote enrolava-se-lhe, apertado, na traqueia.

— Diz-lhes que não o quero magoado — disse Dany.

Irri repetiu as suas palavras em Dothraki. Jhogo deu um puxão no chicote, sacudindo Viserys como uma marioneta na ponta de uma corda. Estatelou-se de novo, livre do abraço de couro, com uma fina linha de sangue sob o queixo, no local onde o chicote cortara profundamente a pele.

— Preveni-o do que aconteceria, senhora — disse Sor Jorah Mormont. — Disse-lhe para ficar na colina, conforme ordenastes.

— Eu sei que o fizestes — respondeu Dany, observando Viserys. Jazia no chão, inspirando ruidosamente ar, corado e a soluçar. Era uma coisa digna de dó. Sempre fora uma coisa digna de dó. Porque nunca antes o

compreendera? Havia um lugar oco dentro dela, o lugar onde estivera o seu medo.

— Tomai o seu cavalo — ordenou Dany a Sor Jorah. Viserys olhou-a de boca aberta. Não conseguia acreditar no que estava a ouvir; e Dany tampouco conseguia acreditar bem no que estava a dizer. Mas no entanto, as palavras vieram. — Que o meu irmão caminhe atrás de nós até ao khalasar. — Entre os Dothraki, o homem que não monta a cavalo não é homem nenhum, o mais vil dos seres vis, sem honra nem orgulho. — Que todos o vejam tal como é.

— Não! — gritou Viserys. Virou-se para Sor Jorah, suplicando na língua comum, com palavras que os cavaleiros não compreenderiam. — Atinge-a, Mormont. Fere-a. É o teu rei que o ordena. Mata estes cães Dothraki e dá-lhe uma lição.

Os olhos do cavaleiro exilado saltaram de Dany para o irmão; ela de pés nus, com terra entre os dedos dos pés e óleo no cabelo, ele com as suas sedas e aço. Dany conseguiu ver a decisão no rosto do homem.

— Ele andarás, Khaleesi — disse. Agarrou nas rédeas do cavalo do irmão, enquanto Dany montava a sua prata.

Viserys olhou-o de boca aberta, e sentou-se na terra. Manteve-se em silêncio, mas recusou-se a andar e os seus olhos estavam cheios de veneno ao vê-los afastar-se. Em breve estava perdido por entre a erva alta. Quando deixaram de o ver, Dany ficou com receio.

— Conseguirá ele descobrir o caminho de regresso? — perguntou a Sor Jorah enquanto caminhavam.

— Mesmo um homem tão cego como o vosso irmão deve ser capaz de nos seguir o rasto — respondeu o cavaleiro.

— Ele é orgulhoso. Pode sentir-se demasiado envergonhado para regressar.

Jorah soltou uma gargalhada.

— Para onde mais há-de ir? Se não conseguir encontrar o khalasar, certamente que o khalasar o encontrará a ele. É difícil morrer afogado no mar dothraki, menina.

Dany compreendeu a verdade daquelas palavras. O khalasar era como uma cidade em marcha, mas não marchava às cegas. Batedores patrulhavam o terreno bem à frente da coluna principal, alerta a qualquer sinal de caça ou inimigos, enquanto outros batedores guardavam os flancos. Não deixavam passar nada, especialmente ali, naquela terra, naquele lugar que lhes dera origem. Aquelas planícies eram uma parte deles... e agora também dela.

— Eu bati-lhe — disse ela, com espanto na voz. Agora que o confronto terminara, parecia um estranho sonho que tinha tido. — Sor Jorah,

pensais... ele vai estar tão zangado quando regressar... — Estremeceu.
— Acordei o dragão, não acordei?

Sor Jorah resfolegou.

— Sois capaz de acordar os mortos, rapariga? O vosso irmão Rhaegar foi o último dragão, e morreu no Tridente. Viserys é menos que a sombra de uma serpente.

Aquelas palavras bruscas sobressaltaram-na. Era como se tudo aquilo em que sempre acreditara fosse subitamente posto em causa.

— Vós... vós haveis-lhe prestado vassalagem...

— É verdade, rapariga — disse Sor Jorah. — E se o vosso irmão é a sombra de uma serpente, em que é que isso transforma os seus servos? — A voz dele soava amarga.

— Ele ainda é o verdadeiro rei. Ele é...

Jorah puxou as rédeas do cavalo e olhou-a.

— Agora a verdade. Gostariéis de ver Viserys sentado num trono?

Dany reflectiu sobre a ideia.

— Não seria um rei lá muito bom, pois não?

— Já houve piores... mas não muitos. — O cavaleiro esporeou o cavalo e reatou a viagem.

Dany seguiu logo atrás dele.

— Mas mesmo assim — disse —, o povo espera-o. O Magíster Illyrio diz que o povo borda estandartes do dragão e reza para que Viserys regresse através do mar estreito para o libertar.

— O povo reza por chuva, filhos saudáveis e um Verão que nunca termine — disse-lhe Sor Jorah. — Não lhe interessa se os grandes senhores lutam as suas guerras de tronos desde que seja deixado em paz. — Encolheu os ombros. — E nunca é.

Dany seguiu caminho em silêncio durante algum tempo, trabalhando as palavras do companheiro como se fossem um quebra-cabeças. Pensar que o povo se podia importar tão pouco se o seu soberano era um rei verdadeiro ou um usurpador ia contra tudo o que Viserys lhe dissera. Mas quanto mais reflectia nas palavras de Jorah, mais lhe soavam a verdade.

— E por que rezais vós, Sor Jorah? — perguntou.

— Pela pátria — disse ele. A voz estava carregada de saudade.

— Eu também rezo pela pátria — disse ela, acreditando no que dizia.

Sor Jorah soltou uma gargalhada.

— Então olhai em volta, Khaleesi.

Mas não foram as planícies que Dany viu então. Foi Porto Real e a grande Fortaleza Vermelha que Aegon, o Conquistador, tinha construído. Foi Pedra do Dragão, onde nascera. No olho da sua mente, esses lugares

ardiam com mil luzes, um fogo em brasa em cada janela. No olho da sua mente, todas as portas eram vermelhas.

— O meu irmão nunca recuperará os Sete Reinos — disse Dany. Compreendeu que já o sabia há muito. Soubera-o toda a vida. Nunca se permitira dizer as palavras, nem mesmo num sussurro, mas dizia-as agora para que Jorah Mormont e todo o mundo as ouvisse.

Sor Jorah enviou-lhe um olhar avaliador.

— Pensais que não.

— Ele não lideraria um exército mesmo se o senhor meu marido lho oferecesse — disse Dany. — Não tem moeda e o único cavaleiro que o segue insulta-o dizendo que é menos que uma serpente. Os Dothraki troçam da sua fraqueza. Ele nunca nos levará para casa.

— Criança sensata. — O cavaleiro sorriu.

— Não sou criança nenhuma — disse-lhe ela com ferocidade. Apertou com os calcanhares os flancos da sua montada, pondo a prata a galope. Correu mais e mais depressa, deixando Jorah, Irri e os outros muito para trás, com o vento quente no cabelo e o sol que se punha, vermelho, no rosto. Quando alcançou o khalasar já se estava no crepúsculo.

Os escravos tinham erguido a sua tenda junto à margem de uma lagoa alimentada por uma nascente. Ouviam-se vozes rudes vindas do palácio de erva entrançada, na colina. Em breve ouvir-se-iam gargalhadas, quando os homens do seu khas contassem a história que acontecera entre as ervas. Quando Viserys chegasse, a coxear, todos os homens, mulheres e crianças do acampamento o reconheceriam como um caminhante. Não havia segredos no khalasar.

Dany entregou a prata aos escravos para que dela tratassem e entrou na sua tenda. Sob a seda fazia frio e estava escuro. Ao deixar cair a porta de pano atrás das costas, Dany viu um dedo de poeirenta luz vermelha estender-se para tocar os ovos de dragão do outro lado da tenda. Por um instante, mil gotículas de chama escarlate nadaram perante os seus olhos. Pestanejou, e elas desapareceram.

Pedra, disse a si própria. São apenas pedra, até Illyrio o disse, os dragões estão todos mortos. Pousou a palma da mão no ovo negro, com os dedos suavemente espalhados pela curva da casca. A pedra estava morna. Quase quente.

— O Sol — sussurrou Dany. — O sol aqueceu-os durante a viagem.

Ordenou às criadas que lhe preparassem um banho. Doreah fez uma fogueira fora da tenda, enquanto Irri e Jhiqui foram buscar a grande banheira de cobre — outro presente de noivado — aos cavalos de carga e trouxeram água da lagoa. Quando o banho começou a fumer, Irri ajudou-a a entrar lá para dentro, e trepou também logo a seguir.

— Já alguma vez viste um dragão? — perguntou enquanto Irri lhe esfregava as costas e Jhiqui lhe lavava abundantemente o cabelo com água para tirar a areia. Ouvira dizer que os primeiros dragões tinham vindo do leste, das Terras das Sombras para lá de Asshai e das ilhas do Mar de Jade. Talvez alguns ainda aí vivessem, em reinos estranhos e selvagens.

— Os dragões já não há, Khaleesi — disse Irri.

— Estão mortos — concordou Jhiqui. — Há muitos, muitos anos.

Viserys dissera-lhe que os últimos dragões Targaryen não tinham morrido há mais de século e meio, durante o reinado de Aegon III, conhecido como Desgraça-dos-Dragões. Isso a Dany não parecia tanto tempo assim.

— Em toda a parte? — disse, desapontada. — Mesmo no leste? — A magia morrera no Oeste quando a Perdição caíra sobre Valyria e as Terras do Longo Verão, e nem o aço forjado com feitiços, nem os cantores de tempestade nem os dragões a conseguiram afastar, mas Dany sempre ouvira dizer que o leste era diferente. Dizia-se que manticoras percorriam as ilhas do Mar de Jade, que basiliscos infestavam as selvas de Yi Ti, que encantadores, feiticeiros e aeromantes praticavam abertamente as suas artes em Asshai, ao passo que magos negros e de sangue construía terríveis feitiçarias na escuridão da noite. Porque não havia de haver também dragões?

— Dragão não — disse Irri. — Bravos homens matam eles, que dragões terríveis animais malvados. É sabido.

— É sabido — concordou Jhiqui.

— Um mercador de Qarth disse-me uma vez que os dragões vinham da Lua — disse a loura Doreah enquanto aquecia uma toalha perto da fogueira. Jhiqui e Irri eram da mesma idade de Dany, raparigas Dothraki tomadas como escravas quando Drogo destruiu o khalasar do seu pai. Doreah era mais velha, quase com vinte anos. O Magíster Illyrio encontrara-a num palácio dos prazeres em Lys.

Molhados cabelos argentinados caíram-lhe em frente aos olhos quando Dany virou a cabeça, curiosa.

— Da Lua?

— Ele disse-me que a Lua era um ovo, Khaleesi — disse a rapariga ly-sena. — Em tempos houve duas luas no céu, mas uma delas aproximou-se demasiado do Sol e rachou com o calor. Mil milhares de dragões jorraram de dentro dela, e beberam o fogo do Sol. É por isso que os dragões respiram chamas. Um dia a outra Lua também beijará o Sol, e então rachará e os dragões regressarão.

As duas raparigas dothraki riram-se.

— És tola escrava de cabelos de palha — disse Irri. — Lua não é ovo. Lua é deus, mulher esposa do Sol. É sabido.

— É sabido — concordou Jhiqui.

A pele de Dany estava congestionada e cor-de-rosa quando saiu da banheira. Jhiqui fê-la deitar-se para lhe olear o corpo e raspar a sujidade dos poros. Depois disso, Irri aspergiu-a com florespeciaría e canela. Enquanto Doreah lhe escovava o cabelo até brilhar como seda fiada, reflectiu sobre a Lua, ovos e dragões.

O jantar foi uma simples refeição de fruta, queijo e pão frito, com um cântaro de vinho com mel a acompanhar.

— Doreah, fica e come comigo — ordenou Dany quando mandou embora as outras criadas. A lysena tinha cabelo da cor do mel, e olhos que eram como o céu do Verão.

Baixou esses olhos quando ficaram sós.

— Honrais-me, Khaleesi — disse, mas não era honra alguma, apenas serviço. Ficaram sentadas, juntas, até muito depois de a Lua nascer, conversando.

Naquela noite, quando Khal Drago chegou, Dany esperava-o. Ele parou à porta da tenda e olhou-a, surpreendido. Ela levantou-se devagar, abriu as suas sedas de dormir e deixou-as cair ao chão.

— Esta noite, devemos ir lá para fora, meu senhor — disse-lhe, pois os Dothraki acreditavam que todas as coisas com importância na vida de um homem devem ser feitas a céu aberto.

Khal Drogo seguiu-a para a luz do luar, com os sinos no cabelo a tilar baixinho. A alguns metros da tenda havia uma cama com um mole colchão de ervas, e foi para aí que Dany o puxou. Quando ele tentou virá-la, ela pôs-lhe uma mão no peito.

— Não — disse. — Esta noite quero olhar-te no rosto.

Não há privacidade no coração do khalasar. Dany sentiu os olhos postos sobre ela enquanto o despia, ouviu as vozes baixas enquanto fazia as coisas que Doreah lhe dissera para fazer. Não tinha importância. Não era a khaleesi? Os dele eram os únicos olhos que importavam, e quando o montou viu algo neles que nunca vira antes. Cavalgou-o com tanto vigor como alguma vez cavalgara a sua prata, e quando chegou o momento do prazer, Khal Drogo gritou o seu nome.

Estavam no lado mais distante do mar Dothraki quando Jhiqui afoçou com os dedos o suave inchaço na barriga de Dany e disse:

— Khaleesi, estais à espera de bebé.

— Eu sei — disse Dany.

Isso aconteceu no décimo quarto dia do seu nome.

O Portão dos Cavalos de Vaes Dothrak era composto por dois gigantescos garanhões de bronze, empinados, cujos cascos se encontravam trinta metros acima da estrada, formando um arco pontiagudo.

Dany não saberia explicar porque necessitava a cidade de portão se não tinha muralhas... nem *edifícios* que ela conseguisse ver. Mas ali estava, imenso e belo, com os grandes cavalos a enquadrar a distante montanha púrpura atrás deles. Os garanhões de bronze atiravam longas sombras sobre a erva ondulante quando Khal Drogo fez o *khalasar* passar sob os seus cascos e avançar ao longo do caminho dos deuses, ladeado pelos seus companheiros de sangue.

Dany seguia-os montada na sua prata, escoltada por Sor Jorah Mormont e o irmão Viserys, de novo a cavalo. Depois do dia, no mar de erva, em que o abandonara para que regressasse a pé ao *khalasar*, os Dothraki tinham passado a chamar-lhe, entre risos, *Khal Rhae Mhar*, o Rei dos Pés Seguros. Khal Drogo oferecera-lhe um lugar numa carroça no dia seguinte, e Viserys aceitara. Na sua teimosa ignorância, nem compreendera que troçavam dele; as carroças destinavam-se a eunucos, aleijados, mulheres a dar à luz, os muito jovens e os muito velhos. Isso conquistou-lhe mais um nome: *Khal Rhaggat*, o Rei Carroça. O irmão de Dany pensara que o gesto era a maneira do *khal* se desculpar pelo mal que a irmã lhe fizera. Ela pedira a Sor Jorah que não lhe contasse a verdade, para que não sentisse vergonha. O cavaleiro respondera que um pouco de vergonha não faria mal nenhum ao rei... mas fizera o que ela pedira. Foram precisas muitas súplicas, e todos os truques de cama que Doreah lhe ensinara, para que Dany conseguisse fazer com que Drogo aceitasse que Viserys se lhes voltasse a juntar à cabeça da coluna.

— Onde está a cidade? — perguntou ao passarem sob o arco de bronze. Não havia edifícios à vista, não havia pessoas, via-se apenas a erva e a estrada, delimitada por fileiras de antigos monumentos provenientes de todas as terras que os Dothraki tinham saqueado ao longo dos séculos.

— Lá à frente — respondeu Sor Jorah. — No sopé da montanha.

Para lá do portão dos cavalos, deuses pilhados e heróis roubados erguiam-se de ambos os lados da coluna. Divindades esquecidas de cidades mortas ameaçavam o céu com os seus relâmpagos quebrados quando Dany passou com a sua prata a seus pés. Reis de pedra olhavam-na do alto dos

seus tronos, com os rostos lascados e manchados, e até os nomes perdidos na névoa do tempo. Donzelas ágeis e jovens dançavam em plintos de mármore, vestidas apenas de flores, ou despejavam ar de jarras estilhaçadas. Monstros erguiam-se na erva junto à estrada; dragões negros de ferro com jóias no lugar dos olhos, grifos rugidores, manticoras com as suas caudas de espinhos prontas a atacar e outras bestas de que não conhecia o nome. Algumas das estátuas eram tão belas que lhe roubavam a respiração, outras tão disformes e horríveis que Dany quase não suportava olhá-las. Estas últimas, disse Sor Jorah, tinham provavelmente vindo das Terras das Sombras para lá de Asshai.

— São tantas — disse ela enquanto a sua prata avançava lentamente — e de tantas terras.

Viserys estava menos impressionado

— O lixo de cidades mortas — disse com desprezo. Teve o cuidado de falar no Idioma Comum, que poucos Dothraki compreendiam, mas mesmo assim Dany deu por si a olhar de relance os homens do seu *khal*, para se assegurar de que não o tinham ouvido. Ele prosseguiu em tom jovial. — Tudo o que estes selvagens sabem fazer é roubar as coisas que homens melhores construíram... e matar. — Solto uma gargalhada. — Eles sabem *mesmo* como matar. De outro modo não teriam qualquer utilidade para mim.

— Eles agora são o meu povo — disse Dany. — Não lhes devias chamar selvagens, irmão.

— O dragão fala como lhe apetece — disse Viserys... no Idioma Comum. Lançou uma olhadela por cima do ombro a Aggo e Rakharo, que seguiam atrás deles, e concedeu-lhes um sorriso trocista. — Como vês, aos selvagens falta a esperteza para compreender o discurso dos homens civilizados. — Um monólito de pedra desgastado pelo musgo, com quinze metros de altura, erguia-se sobre a estrada. Viserys olhou-o com tédio no olhar. — Quanto tempo teremos de arrastar-nos por entre estas ruínas antes que Drogo me dê o meu exército? Estou a ficar farto de esperar.

— A princesa tem de ser apresentada ao *dosh khaleen*...

— Às feiticeiras, pois — interrompeu o irmão — e vai haver uma pantomima qualquer de profecias por causa do cachorrinho que ela tem na barriga, já mo haveis dito. Que tenho eu com isso? Estou farto de comer carne de cavalo e o fedor destes selvagens deixa-me doente. — Cheirou a larga manga pendente da sua túnica, onde era seu hábito colocar um sachê. Não teria ajudado grande coisa. A túnica estava nojenta. Todas as sedas e pesadas lãs que Viserys tinha trazido de Pentos estavam manchadas pela dura viagem e apodrecidas pelo suor.

Sor Jorah Mormont disse:

— O Mercado Ocidental terá alimentos mais do vosso agrado, Vossa Graça. Os mercadores das Cidades Livres vão lá vender os seus produtos. A seu tempo, o *khal* honrará a sua promessa.

— É melhor que o faça — disse Viserys em tom sombrio. — Foi-me prometida uma coroa, e tenciono possuí-la. Ninguém escarnece do dragão. — Ao ver uma obscena imagem de uma mulher com seis seios e cabeça de furão, afastou-se para a inspeccionar mais de perto.

Dany sentiu-se aliviada, mas não menos ansiosa.

— Rezo para que o meu sol-e-estrelas não o deixe à espera por muito tempo — disse a Sor Jorah quando o irmão se afastou o suficiente para não a ouvir.

O cavaleiro olhou duvidoso para Viserys.

— O vosso irmão devia ter esperado em Pentos. Não há lugar para ele num *khalasar*. Illyrio tentou preveni-lo.

— Ele partirá assim que tenha os seus dez mil homens. O senhor meu esposo prometeu uma coroa dourada.

Sor Jorah soltou um grunhido.

— Sim, *Khaleesi*, mas... os Dothraki olham para estas coisas de forma diferente de nós, ocidentais. Já lhe disse isso, tal como Illyrio, mas o vosso irmão não escuta. Os senhores dos cavalos não são mercadores. Viserys pensa que vos vendeu, e agora quer receber o seu pagamento. Mas Khal Drogo diria que vos obteve de presente. Sim, dará em troca um presente a Viserys... na altura que escolher. Não se *exige* um presente, em especial a um *khal*. Não se exige nada a um *khal*.

— Não está certo fazê-lo esperar. — Dany não sabia porque estava a defender o irmão, mas estava. — Viserys diz que podia varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros Dothraki.

Sor Jorah resfolegou.

— Viserys nem conseguiria varrer um estábulo com dez mil vassouras.

Dany não podia fingir surpresa com o desdém na voz do cavaleiro.

— E se... e se não fosse Viserys? — perguntou. — Se fosse outra pessoa a liderá-los? Alguém mais forte? Poderiam realmente os Dothraki conquistar os Sete Reinos?

O rosto de Sor Jorah tomou uma expressão pensativa enquanto os seus cavalos avançavam juntos pelo caminho dos deuses.

— Nos meus primeiros tempos de exílio olhava para os Dothraki e via bárbaros seminus, tão selvagens como os seus cavalos. Se me tivésseis feito essa pergunta nessa época, Princesa, ter-vos-ia dito que mil bons cavaleiros não teriam dificuldade em pôr em debandada cem vezes mais Dothraki.

— Mas se vos perguntasse agora?

— Agora — disse o cavaleiro — estou menos seguro. Eles montam melhor a cavalo do que qualquer cavaleiro, são completamente destemidos, e os seus arcos têm maior alcance do que os nossos. Nos Sete Reinos, a maior parte dos arqueiros guerreiam a pé, protegidos por uma muralha ou por uma barricada de paus aguçados. Os Dothraki disparam dos dorsos dos cavalos, em carga ou em retirada, não importa, são tão mortíferos de uma forma como de outra... e há *tantos*, senhora. Só o senhor vosso esposo conta com quarenta mil guerreiros montados no seu *khalasar*.

— Isso é realmente assim tanto?

— O vosso irmão Rhaegar levou esse número de homens para o Tridente — admitiu Sor Jorah — mas os cavaleiros não eram mais do que um décimo. O resto eram arqueiros, cavaleiros livres e soldados apeados, armados de lanças e piques. Quando Rhaegar caiu, muitos deitaram as armas fora e fugiram do campo de batalha. Quanto tempo pensais que uma tal gentilha aguentaria contra a carga de quarenta mil guerreiros, a uivar com sede de sangue? Quão bem os protegeriam os justilhos de couro fervido e as cotas de malha quando as setas caíssem como chuva?

— Não muito tempo — disse ela — e mal.

Ele confirmou com a cabeça.

— Mas notai, Princesa, que se os senhores dos Sete Reinos tiverem a esperteza que os deuses concederam a um ganso, nunca se chegará a esse ponto. Os cavaleiros do mar de erva não apreciam as artes do cerco. Duvido que conseguissem tomar até mesmo o mais fraco dos castelos dos Sete Reinos, mas se Robert Baratheon fosse suficientemente tolo para lhes dar batalha...

— E é? — perguntou Dany. — Um tolo?

Sor Jorah ponderou por um momento.

— Robert devia ter nascido Dothraki — disse por fim. — O vosso *khal* dir-vos-ia que só um cobarde se esconde atrás de muralhas de pedra em vez de enfrentar o inimigo de espada na mão. O Usurpador concordaria. É um homem forte, bravo... e suficientemente imprudente para defrontar uma horda Dothraki em campo aberto. Mas os homens em volta dele, bem, os seus flautistas tocam outra melodia. O irmão Stannis, Lorde Tywin Lannister, Eddard Stark... — Cuspiu.

— Odiais esse Lorde Stark — disse Dany.

— Roubou-me tudo o que amava por causa de uns quantos caçadores furtivos piolhentos e da sua preciosa honra — disse Sor Jorah em tom amargo. Ela compreendeu que a perda ainda lhe doía. O cavaleiro mudou rapidamente de tema. — Ali está — anunciou, apontando. — Vaes Dothrak. A cidade dos senhores dos cavalos.

Khal Drogo e os seus companheiros de sangue levaram-nos através do grande bazar e do Mercado Ocidental, e pelas largas ruas em frente. Dany seguia-os de perto na sua prata, observando a estranheza que a rodeava. Vaes Dothrak era ao mesmo tempo a maior e a mais pequena cidade que já vira. Estimou que devia ser dez vezes maior do que Pentos, uma vastidão sem muralhas nem limites, com largas ruas varridas pelo vento, pavimentadas de erva e lama e atapetadas de flores silvestres. Nas Cidades Livres do oeste, as torres, as mansões, os casebres, as pontes e as lojas amontoavam-se em cima umas das outras, mas Vaes Dothrak espalhava-se langorosamente, tostando ao calor do sol, antiga, arrogante e vazia.

Até os edifícios eram muito estranhos aos seus olhos. Viu pavilhões de pedra talhada, mansões de erva entretecida tão grandes como castelos, vacilantes torres de madeira, pirâmides de degraus revestidas de mármore, longos salões abertos ao céu. Em lugar de muros, alguns locais estavam rodeados por sebes espinhosas.

— Nenhum deles é parecido com nenhum outro — disse.

— O vosso irmão tinha parte da verdade — admitiu Sor Jorah. — Os Dothraki não constroem. Há mil anos, quando queriam fazer uma casa escavavam um buraco na terra e cobriam-no com um tecto de erva entretecida. Os edifícios que vedes foram construídos por escravos trazidos para aqui das terras que saquearam, e cada um foi erguido segundo o estilo do respectivo povo.

A maior parte das casas, até as maiores, pareciam desertas.

— Onde estão as pessoas que vivem aqui? — perguntou Dany. O bazar estivera cheio de crianças a correr e homens a gritar, mas fora dele vira apenas alguns eunucos a tratar dos seus assuntos.

— Só as feiticeiras do *dosh khaleen* vivem permanentemente na cidade sagrada, elas e os seus escravos e criados — respondeu Sor Jorah — mas Vaes Dothrak é suficientemente grande para alojar todos os homens de todos os *khalasares*, caso todos os *khals* decidam regressar ao mesmo tempo à Mãe. As feiticeiras profetizaram que um dia isso aconteceria, e portanto Vaes Dothrak deve estar pronta para acolher todos os seus filhos.

Khal Drogo fez finalmente alto perto do Mercado Oriental, onde as caravanas vindas de Yi Ti, Asshai e das Terras das Sombras vinham fazer negócio, com a Mãe das Montanhas erguida sobre as suas cabeças. Dany sorriu ao recordar a jovem escrava do Magister Illyrio e a sua conversa sobre um palácio com duzentos quartos e portas de prata maciça. O “palácio” era um cavernoso salão de festas feito de madeira, cujas paredes de tábuas rudemente talhada se elevavam a mais de dez metros de altura, com um tecto de seda cosida, uma vasta tenda ondulada que podia ser montada para afastar as raras chuvas, ou desmontada para acolher o céu sem fim.

Em torno do salão havia grandes pátios para cavalos, cheios de erva, delimitados por sebes altas, covas para fogueiras e centenas de casas redondas de terra que se projectavam do chão como colinas em miniatura, cobertas de erva.

Um pequeno exército de escravos adiantara-se à coluna para realizar os preparativos para a chegada de Khal Drogo. Enquanto os guerreiros saltavam das selas, ele tirou do cinto o *arakh* e entregou-o a um escravo que se encontrava à espera, fazendo o mesmo com as restantes armas que transportava. Nem o próprio Khal Drogo estava isento daquela obrigação. Sor Jorah explicara que em Vaes Dothrak era proibido transportar uma lâmina ou derramar o sangue de um homem livre. Até *khalasares* em guerra punham de lado as suas divergências e partilhavam a comida e a bebida à vista da Mãe das Montanhas. Naquele lugar, segundo o que as feiticeiras do *dosh khaleen* tinham decretado, todos os Dothraki eram um só sangue, um só *khalasar*, uma só manada.

Cohollo veio ter com Dani quando Irri e Jhiqui a estavam a ajudar a descer da sua prata. Era o mais velho dos três companheiros de sangue de Drogo, um homem atarracado e calvo com um nariz torcido e uma boca cheia de dentes partidos, estilhaçados por uma maça vinte anos antes, quando salvara o jovem *khalakka* de mercenários que esperavam vendê-lo aos inimigos do pai. A sua vida ficara ligada à de Drogo no dia em que o senhor esposo de Dany nascera.

Todos os *khal* tinham os seus companheiros de sangue. A princípio Dany pensara neles como uma espécie de Guarda Real Dothraki, sob o juramento de proteger o seu senhor, mas eram mais do que isso. Jhiqui ensinara-lhe que o companheiro de sangue era mais do que um guarda; eram os irmãos do *khal*, as suas sombras, os mais ferozes dos seus amigos. “Sangue do meu sangue”, era como Drogo lhes chamava, e assim era; partilhavam uma só vida. As antigas tradições dos senhores dos cavalos exigiam que quando o *khal* morria os seus companheiros de sangue morressem com ele, para cavalgar a seu lado nas terras da noite. Se o *khal* morresse às mãos de algum inimigo, viviam apenas o suficiente para o vingar, e então seguiam-no alegremente para a sepultura. Jhiqui dizia que em alguns *khalasares* os companheiros de sangue partilhavam o vinho do *khal*, a sua tenda, e até as suas esposas, embora nunca os seus cavalos. A montada de um homem era apenas sua.

Daenerys sentia-se feliz por Khal Drogo não aderir a esses costumes antigos. Não teria gostado de ser partilhada. E conquanto o velho Cohollo a tratasse com bastante gentileza, os outros assustavam-na; Haggo, enorme e silencioso, fitava-a com frequência com um ar ameaçador, como se se tivesse esquecido de quem ela era, e Qotho tinha uns olhos cruéis e mãos rápi-

das que gostavam de magoar. Deixava nódoas negras na suave pele branca de Doreah sempre que a tocava, e por vezes deixava Irri a soluçar na noite. Até os seus cavalos pareciam temê-lo.

No entanto, estavam ligados a Drogo para a vida e para a morte, e Daenerys não tinha alternativa a aceitá-los. E por vezes dava por si a desejar que o pai tivesse sido protegido por homens assim. Nas canções, os cavaleiros brancos da Guarda Real eram sempre nobres, valentes e leais, mas o Rei Aerys tinha sido assassinado por um deles, o rapaz bonito a quem chamavam agora Regicida, e um segundo, Sor Barristan, o Ousado, passara para o lado do Usurpador. Gostaria de saber se nos Sete Reinos todos os homens eram assim tão falsos. Quando o seu filho ocupasse o Trono de Ferro, assegurar-se-ia de que teria os seus próprios companheiros de sangue a fim de o proteger contra a traição na Guarda Real.

— Khaleesi — disse-lhe Cohollo, em Dothraki. — Drogo, sangue do meu sangue, ordena-me que vos diga que ele tem de subir esta noite a Mãe das Montanhas, a fim de sacrificar aos deuses pelo seu regresso em segurança.

Dany sabia que só se permitia aos homens pôr o pé na Mãe. Os companheiros de sangue do *khal* iriam com ele, e regressariam de alvorada.

— Diz ao meu sol-e-estrelas que sonho com ele e espero ansiosa o seu regresso — respondeu ela, agradecida. Dany ia-se cansando mais facilmente à medida que a criança crescia dentro dela; a verdade era que uma noite de descanso seria muito bem-vinda. A gravidez só parecia ter inflamado o desejo de Drogo por ela, e nos últimos tempos os seus abraços deixavam-na exausta.

Doreah levou-a para a colina oca que tinha sido preparada para ela e para o *khal*. Lá dentro fazia frio e estava escuro, como numa tenda feita de terra.

— Jhiqui, um banho por favor — ordenou, para lavar da pele a poeira da viagem e encharcar os seus ossos cansados. Era agradável saber que ficariam ali por algum tempo, que não precisaria de trepar para cima da sua prata quando chegasse a manhã.

A água escaldava, tal como ela gostava.

— Darei esta noite os presentes ao meu irmão — decidiu enquanto Jhiqui lhe lavava o cabelo. — Ele deve parecer um rei na cidade sagrada. Doreah, corre à sua procura, e convida-o a jantar comigo. — Viserys era mais simpático para com a rapariga lisena do que para as suas aias Dothraki, talvez porque o Magíster Illyrio o deixara dormir com ela em Pentos. — Irri, vai ao bazar e compra fruta e carne. Qualquer coisa menos carne de cavalo.

— Cavalo é melhor — disse Irri. — Cavalo torna um homem mais forte.

— Viserys detesta carne de cavalo.

— Como quiserdes, *Khaleesi*.

Regressou com um quadril de carneiro e um cesto de fruta e legumes. Jhiqui assou a carne com ervamel e vagem de fogo, untando-a com mel enquanto assava, e havia melões, romãs e ameixas, e uma estranha fruta oriental qualquer que Dany não conhecia. Enquanto as aias preparavam a refeição, Dany desempacotou a roupa que tinha mandado fazer à medida do irmão: uma túnica e uns calções de fresco linho branco, sandálias de couro atadas no Joelho, um cinto com medalhão de bronze, um colete de couro pintado com dragões que respiravam fogo. Esperava que os Dothraki o respeitariam mais se se parecesse menos com um pedinte, e talvez a perdoasse por o ter envergonhado naquele dia na erva. Afinal de contas, ainda era o seu rei e o seu irmão. Eram ambos sangue do dragão.

Estava a preparar o último dos seus presentes — um manto de sedareia, verde como a erva, com um debrum cinzento claro que realçaria o prateado do seu cabelo — quando Viserys chegou, arrastando Doreah pelo braço. O olho da rapariga estava vermelho onde ele lhe batera.

— Como te *atreves* a enviar esta rameira para me dar ordens? — disse. Atirou rudemente a aia ao tapete.

A ira apanhou Dany completamente de surpresa.

— Só quis... Doreah, que lhe disseste?

— *Khaleesi*, mil desculpas, perdoai-me. Fui ter com ele, como me pedistes, e disse-lhe que mandáveis que se vos juntasse para o jantar.

— Ninguém manda no dragão — rosnou Viserys. — *Eu sou o teu rei!* Devia ter-te devolvido a cabeça dela!

A jovem lisena vacilou, mas Dany acalmou-a com um toque.

— Não tenhas medo, ele não te fará mal. Querido irmão, por favor, perdoai-lhe, a rapariga confundiu-se nas palavras, disse-lhe para vos *pedir* que vos juntásseis a mim para o jantar, se isso for do agrado de Vossa Graça. — Pegou-lhe na mão e fê-lo atravessar o quarto. — Olhai. Isto é para vós.

Viserys franziu o sobrolho, cheio de suspeitas.

— Que é tudo isto?

— Vestuário novo. Mandeí-o fazer para vós — Dany sorriu timidamente.

Ele olhou-a e escarneceu.

— Trapos Dothraki. Agora atreves-te a vestir-me?

— Por favor... ficareis mais fresco e confortável, e pensei... talvez que se vos vestísseis como eles, os Dothraki... — Dany não sabia como dizer o que pretendia sem lhe acordar o dragão.

— A seguir hás-de querer entrançar-me o cabelo.
— Eu nunca... — Porque era ele sempre tão cruel? Ela só quisera ajudar. — Não tendes direito a uma trança, ainda não haveis obtido nenhuma vitória.

Foi a coisa errada a dizer. A fúria brilhou nos seus olhos lilases, mas não se atreveu a bater-lhe com as aias a observar e os guerreiros do seu *khas* à porta. Viserys apanhou o manto e cheirou-o.

— Isto fede a estrume. Talvez o use como coberta para o cavalo.

— Mandei que Doreah o cosesse especialmente para vós — disse-lhe ela, ferida. — Isto são roupas dignas de um *khal*.

— Eu sou o Senhor dos Sete Reinos, não um selvagem manchado pela erva e com campainhas no cabelo — atirou-lhe Viserys. Agarrou-lhe o braço. — Esqueces quem és, sua puta. Achas que aquele barrigudo te protegerá se acordares o dragão?

Os dedos dele enterraram-se dolorosamente no seu braço, e por um instante Dany sentiu-se de novo criança, a vacilar perante a sua raiva. Estendeu a outra mão e agarrou na primeira coisa em que tocou, o cinto que esperara oferecer-lhe, uma pesada corrente de medalhões ornamentados de bronze. Brandiu-o com toda a sua força.

Atingiu-o em cheio na cara. Viserys largou-a. Sangue correu da sua bochecha, onde a aresta de um dos medalhões a cortou.

— És tu quem se esquece de quem é — disse-lhe ela. — Não aprendeste *nada* naquele dia na erva? Sai daqui imediatamente, antes que chame o meu *khas* para te arrastar para a rua. E reza para que Khal Drogo não ouça falar disto, porque se ouvir abrir-te-á a barriga e dar-te-á a comer as tuas próprias entranhas.

Viserys pôs-se em pé atabalhoadamente.

— Quando ganhar o meu reino, lamentarás este dia, puta. — E saiu, agarrado à cara ferida, deixando os presentes para trás.

Gotas do seu sangue tinham borrifado o belo manto de sedareia. Dany encostou o suave tecido à cara e sentou-se de pernas cruzadas sobre as esteiras de dormir.

— O vosso jantar está pronto, *Khaleesi* — anunciou Jhiqui.

— Não tenho fome — disse Dany em voz triste. Ficara subitamente muito cansada. — Dividi a comida entre vós, e enviei alguma a Sor Jorah, por favor. — Após um momento, acrescentou: — Por favor, alguém que me traga um dos ovos de dragão.

Irri foi buscar o ovo com a casca de um profundo tom de verde, que mostrava salpicos de bronze entre as escamas quando o virava nas suas pequenas mãos. Dany enrolou-se de lado, puxando o manto de sedareia sobre o corpo e aninhando o ovo no espaço entre a sua barriga inchada e os pe-

quenos e tenros seios. Gostava de pegar neles. Eram tão belos, e por vezes o simples facto de estar junto deles fazia-a sentir-se mais forte, mais corajosa, como se de alguma forma retirasse força dos dragões de pedra encerrados lá dentro.

Estava ali deitada, agarrada ao ovo, quando sentiu o bebé mover-se na sua barriga... como se estivesse a estender uma mão, irmão para irmão, sangue para sangue.

— És *tu* o dragão — segredou Dany para o filho — o dragão *verdadeiro*. Eu sei. Eu sei. — E sorriu, e adormeceu sonhando com a terra natal.

O coração fumegava no ar frio da noite quando Khal Drogo o depositou à sua frente, cru e sangrento. Os braços dele estavam vermelhos até ao cotovelo. Atrás, os companheiros de sangue ajoelhavam ao lado do cadáver do garanhão selvagem, com facas de pedra nas mãos. O sangue do garanhão parecia negro sob o oscilante clarão laranja dos archotes que rodeavam as altas paredes de cré do recinto.

Dany tocou o suave inchaço da barriga. Tinha a pele coberta de gotículas de suor, que lhe escorriam pela testa. Podia sentir as velhas que a observavam, as antigas feiticeiras de Vaes Dothrak, com olhos que brilhavam, escuros como sílex polido, nos rostos enrugados. Não devia vacilar nem parecer assustada. *Sou do sangue do dragão*, disse a si própria quando tomou o coração do garanhão em ambas as mãos, o levou à boca e mergulhou os dentes na carne dura e fibrosa.

Sangue quente encheu-lhe a boca e escorreu-lhe pelo queixo. O sabor ameaçou nauseá-la, mas obrigou-se a mastigar e a engolir. O coração de um garanhão tornaria o seu filho forte, lesto e destemido, ou pelo menos era isso que os Dothraki pensavam, mas só se a mãe conseguisse comê-lo todo. Se se engasgasse com o sangue ou vomitasse a carne, os presságios eram menos favoráveis; a criança podia nascer morta, ou, se sobrevivesse, podia vir fraca, deformada ou mulher.

As aias tinham-na ajudado a preparar-se para a cerimónia. Apesar do seu estômago fraco de mãe que a afligira ao longo das últimas duas luas, Dany jantara tigelas de sangue meio coagulado para se habituar ao sabor, e Irri fizera-a mastigar bocados de carne seca de cavalo até lhe deixar os maxilares a doer. Antes da cerimónia, jejuara durante um dia e uma noite, na esperança de que a fome a ajudasse a manter no estômago a carne crua.

O coração do garanhão selvagem era puro músculo, e Dany tinha de o dilacerar com os dentes e de mastigar cada bocado durante muito tempo. Nenhum aço era permitido dentro das sagradas fronteiras de Vaes Dothrak, sob a sombra da Mãe das Montanhas; tinha de rasgar o coração com os dentes e as unhas. O seu estômago irritava-se e palpitava, mas ela insistiu, de rosto manchado com o sangue que por vezes parecia explodir contra os seus lábios.

Khal Drogo estava em pé a seu lado enquanto ela comia, com o rosto duro como um escudo de bronze. A sua longa trança negra brilhava de óleo.

Usava anéis de ouro no bigode, campainhas de ouro na trança e um pesado cinto de medalhões de puro ouro em torno da cintura, mas o tronco estava nu. Dany olhava-o sempre que sentia que as forças lhe faltavam; olhava-o, e mastigava e engolia, mastigava e engolia, mastigava e engolia. Para o fim, julgou vislumbrar um orgulho feroz nos seus olhos escuros e amendoados, mas não podia ter a certeza. Não era frequente que o rosto do *khal* traísse os pensamentos interiores.

E por fim, ficou feito. Sentia o rosto e os dedos pegajosos enquanto forçava os últimos bocados para baixo. Só então voltou a olhar as velhas mulheres, as feiticeiras do *dosh khaleen*.

— *Khalakka dothrae mr'anha!* — proclamou no seu melhor dothraki. *Um príncipe cavalga dentro de mim!* Treinara a frase durante dias com a aia Jhiqui.

A mais velha das feiticeiras, uma mulher que mais parecia um pau dobrado e engelhado com um único olho negro, ergueu bem alto os braços.

— *Khalakka dothrae!* — guinchou. *O príncipe cavalga!*

— *Ele cavalga!* — responderam as outras mulheres. — *Rakh! Rakh! Rakh haj!* — proclamaram. *Um rapaz, um rapaz, um forte rapaz.*

Soaram sinos, um súbito clangor de aves de bronze. Uma trombeta de guerra de som profundo ressoou com a sua longa nota grave. As velhas iniciaram um cântico. Sob as vestes de couro pintado, as suas tetas murchas balançaram dum lado para o outro, brilhantes de óleo e suor. Os eunucos que as serviam atiraram feixes de erva seca para um grande braseiro de bronze, e nuvens de fumo odorífero ergueram-se na direcção da Lua e das estrelas. Os Dothraki acreditavam que as estrelas eram cavalos feitos de fogo, uma grande manada que galopava pelo céu durante a noite.

Enquanto o fumo subia, o cântico morreu e a feiticeira mais velha fechou o seu único olho, a fim de melhor espreitar o futuro. O silêncio que caiu foi total. Dany ouvia os chamamentos distantes de aves noturnas, os silvos e estalidos dos archotes, o suave bater da água do lago. Os Dothraki olharam-na com olhos de noite, à espera.

Khal Drogo pousou a mão sobre o braço de Dany. Sentia a tensão nos seus dedos. Mesmo um *khal* tão poderoso como Drogo conhecia o medo quando a *dosh khaleen* espreitava o fumo do futuro. Atrás dela, as aias agitavam-se ansiosamente.

Por fim, a feiticeira abriu o olho e ergueu os braços.

— Vi o seu rosto, e ouvi o troar dos seus cascos — proclamou numa voz fina e vacilante.

— O troar dos seus cascos! — responderam os outros em coro.

— Cavalga veloz como o vento, e atrás dele o seu *khalasar* cobre a terra, homens sem número, com *arakhs* a brilhar nas mãos como lâminas

de erva navalheira. Será feroz como a tempestade, este príncipe. Os seus inimigos tremerão perante ele, e as suas esposas chorarão lágrimas de sangue e rasgarão a carne de desgosto. Os sinos no seu cabelo cantarão a sua chegada, e os homens de leite nas tendas de pedra temerão o seu nome. — A velha tremeu e olhou para Dany quase como se tivesse medo. — O príncipe cavalga, e será ele o garanhão que monta o mundo.

— *O garanhão que monta o mundo!* — gritaram em eco os espectadores, até que a noite ressoou ao som das suas vozes.

A feiticeira com um só olho espreitou na direcção de Dany.

— Como será chamado, o garanhão que monta o mundo?

Dany ergueu-se para responder.

— Será chamado Rhaego — disse, usando as palavras que Jhiqui lhe ensinara. Tocou protectoramente com as mãos o inchaço sob os seios quando um rugido chegou de entre os Dothraki.

— *Rhaego* — gritaram. — *Rhaego. Rhaego. Rhaego!*

O nome ainda ressoava nos seus ouvidos quando Khal Drogo a levou para fora do recinto. Os seus companheiros de sangue puseram-se atrás deles. Uma procissão seguiu-os pelo caminho dos deuses, a larga estrada coberta de erva que corria pelo coração de Vaes Dothrak, do portão dos cavalos até à Mãe das Montanhas. As feiticeiras do *dosh khaleen* vinham à frente, com os seus eunucos e escravos. Algumas apoiavam-se em altos cajados esculpidos enquanto avançavam com dificuldade sobre pernas antigas e trémulas, ao passo que outras caminhavam com um porte tão orgulhoso como o de um qualquer senhor dos cavalos. Cada uma das velhas mulheres tinha sido em tempos uma *khaleesi*. Quando os senhores seus maridos morreram e novos *khal* lhes tomaram os lugares à frente dos seus cavaleiros, com novas *khaleesi* montadas a seu lado, foram enviadas para ali, a fim de reinar sobre a vasta nação Dothraki. Mesmo o mais poderoso dos *khal* se dobrava perante a sabedoria e autoridade do *dosh khaleen*. Apesar disso, pensar que um dia podia ser enviada para ali, quer quisesse quer não, causava a Dany arrepios.

Atrás das sábias vinham os outros; Khal Ogo e o filho, o *khalakka* Fogo, Khal Jommo e as esposas, os homens mais importantes do *khalasar* de Drogo, as aias de Dany, os servos e escravos do *khal*, e mais pessoas. Sinos tocavam e tambores ressoavam numa cadência imponente enquanto marchavam ao longo do caminho dos deuses. Heróis roubados e os deuses de povos mortos cismavam na escuridão atrás da estrada. Ao lado da procissão, escravos corriam pela erva com pés ligeiros e archotes nas mãos, e as chamas oscilantes faziam com que os grandes monumentos quase parecessem estar vivos.

— Que significado, nome Rhaego? — perguntou Khal Drogo en-

quanto caminhavam, usando o Idioma Comum dos Sete Reinos. Dany tinha-lhe andado a ensinar algumas palavras sempre que podia. Drogo aprendia depressa quando se decidia a isso, embora o seu sotaque fosse tão forte e bárbaro que nem Sor Jorah nem Viserys entendiam uma palavra do que dizia.

— O meu irmão Rhaegar era um feroz guerreiro, meu sol-e-estrelas — disse-lhe ela. — Morreu antes de eu nascer. Sor Jorah diz que ele foi o último dos dragões.

Khal Drogo olhou-a. O seu rosto era uma máscara de cobre, mas sob o longo bigode negro, pesado com o peso dos seus anéis de ouro, ela julgou vislumbrar a sombra de um sorriso.

— É bom nome, esposa Dan Ares, lua da minha vida — disse ele.

Caminharam até ao lago a que os Dothraki chamavam o Ventre do Mundo, rodeado por uma orla de juncos, de água quieta e calma. Um milhar de milhares de anos antes, dissera-lhe Jhiqui, o primeiro homem emergira das suas profundezas, montado sobre o dorso do primeiro cavalo.

A procissão aguardou na costa coberta de erva enquanto Dany se despiu e deixou cair ao chão a sua roupa manchada. Nua, entrou cuidadosamente na água. Irri dizia que o lago não tinha fundo, mas Dany sentiu lama mole a espirrar entre os dedos dos pés enquanto abria caminho por entre os grandes juncos. A Lua flutuava nas negras águas paradas, estilhaçando-se e recompondo-se enquanto as ondulações que Dany provocava a varriam. Pele de galinha enrugou-lhe a pele branca quando o frio deslizou pelas suas coxas e lhe beijou os lábios de baixo. O sangue do garanhão secara-lhe nas mãos e em torno da boca. Dany fez uma taça com os dedos e ergueu as águas sagradas acima da cabeça, purificando-se e ao filho que trazia no ventre enquanto o *khal* e os outros olhavam. Ouviu as velhas do *dosh khaleen* a murmurar umas com as outras enquanto a observavam, e sentiu curiosidade de saber o que estariam a dizer.

Quando emergiu do lago, a tremer e a pingar, a aia Doreah correu para ela com um roupão de sedareia pintada, mas Khal Drogo mandou-a embora com um gesto. Olhava aprovadoramente os seus seios inchados e a curva da sua barriga, e Dany conseguia ver a forma do seu membro viril a fazer pressão contra as calças de couro de cavalo, sob os pesados medalhões de ouro do cinto. Foi ter com ele e ajudou-o a desatar-se. Então, o seu enorme *khal* pegou-lhe pelas ancas e ergueu-a no ar, como se ela fosse uma criança. As campainhas que trazia no cabelo tiniram suavemente.

Dany envolveu-lhe os ombros com os braços e encostou o rosto ao seu pescoço enquanto ele a penetrava. Três rápidos impulsos, e estava feito.

— O garanhão que monta o mundo — sussurrou Drogo em voz rouca. As suas mãos ainda cheiravam a sangue de cavalo. Mordeu-lhe a garganta, com força, no momento do prazer, e quando a ergueu de novo a sua semente encheu-a e escorreu-lhe pela parte de dentro das coxas. Só então Doreah foi autorizada a envolvê-la em sedareia perfumada, e Irri a enfiar-lhe nos pés chinelos suaves.

Khal Drogo atou as calças e deu uma ordem, e foram trazidos cavalos até à margem do lago. Cohollo teve a honra de ajudar a *khaleesi* a montar a sua prata. Drogo esporeou o garanhão, e partiu ao longo do caminho dos deuses, sob a lua e as estrelas. Sobre a prata, Dany acompanhou-lhe o ritmo com facilidade.

A cobertura de seda que fornecia um tecto ao salão de Khal Drogo fora enrolada naquela noite, e a lua seguiu-os ao entrar. Chamas saltavam até uma altura de três metros vindas de três enormes covas rodeadas por pedras. O ar estava pesado com os cheiros de carne a assar e de leite de égua coalhado e fermentado. O salão estava cheio de gente e ruidoso quando entraram, as almofadas apinhadas daqueles cujo estatuto e nome não eram suficientes para lhes permitir a presença na cerimónia. Quando Dany passou por baixo do arco da entrada e caminhou pela coxia central, todos os olhos a seguiram. Os Dothraki gritavam comentários sobre a sua barriga e os seus seios, saudando a vida no seu interior. Não compreendia tudo o que gritavam, mas uma frase era clara. “*O garanhão que monta o mundo*”, ouviu, palavras berradas por um milhar de vozes.

Os sons de tambores e trompas giraram pela noite dentro. Mulheres seminuas rodopiaram e dançaram sobre as mesas baixas, por entre quartos de carne e bandejas apinhadas de ameixas, tâmaras e romãs. Muitos dos homens estavam bêbados de leite coalhado de égua, mas Dany sabia que naquela noite os *arakhs* não chocariam, não ali na cidade sagrada, onde as lâminas e o derramamento de sangue eram proibidos.

Khal Drogo desmontou e ocupou o seu lugar no banco elevado. Khal Jommo e Khal Ogo, que já estavam em Vaes Dothrak com os seus *khallasars* quando o deles chegara, ficaram com lugares de grande honra à esquerda e à direita de Drogo. Os companheiros de sangue dos três *khals* sentaram-se abaixo deles, e mais abaixo as quatro esposas de Khal Jommo.

Dany desceu da sua prata e entregou as rédeas a um dos escravos. Enquanto Doreah e Irri lhe preparavam as almofadas, procurou pelo irmão. Mesmo do outro lado do salão apinhado, Viserys devia notar-se bem com a sua pele clara, cabelo prateado e farrapos de pedinte, mas não o via em lugar nenhum.

O seu olhar vagueou pelas mesas apinhadas junto às paredes, onde homens cujas tranças eram ainda mais curtas do que os seus membros se

sentavam sobre trapos coçados e almofadas achatadas em torno das mesas baixas, mas todos os rostos que viu tinham olhos negros e pele acobreada. Vislumbrou Sor Jorah Mormont perto do centro do salão, nas imediações da fogueira do meio. Era um lugar de respeito, ainda que não de grande honra; os Dothraki estimavam a perícia do cavaleiro com uma espada. Dany mandou Jhiqui trazê-lo para a sua mesa. Mormont veio de imediato, e caiu sobre um joelho à sua frente.

— *Khaleesi* — disse — estou às vossas ordens.

Dany deu palmadinhas na grossa almofada de couro de cavalo que tinha ao lado.

— Sentai-vos e conversai comigo.

— Honrais-me. — O cavaleiro sentou-se na almofada com as pernas cruzadas. Um escravo ajoelhou-se à sua frente, oferecendo uma bandeja de madeira cheia de figos maduros. Sor Jorah pegou num e arrancou metade com uma dentada.

— Onde está o meu irmão? — perguntou Dany. — Já devia ter chegado para o banquete.

— Vi Sua Graça hoje de manhã — respondeu ele. — Disse-me que ia ao Mercado Ocidental, em busca de vinho.

— Vinho? — disse Dany em tom de dúvida. Sabia que Viserys não se conseguia habituar ao gosto do leite fermentado de égua que os Dothraki bebiam, e por aqueles dias era frequente encontrá-lo nos bazares, bebendo com os mercadores que chegavam nas grandes caravanas do leste e do oeste. Parecia achar a companhia deles mais agradável que a sua.

— Vinho — confirmou Sor Jorah — e alimenta algumas ideias de recrutar homens para o seu exército entre os mercenários que guardam as caravanas. — Uma criada depositou uma tarte de sangue na sua frente e o cavaleiro atacou-a com ambas as mãos.

— Será isso sensato? — perguntou Dany. — Ele não tem ouro para pagar a soldados. E se for traído? — Os guardas das caravanas raramente eram muito perturbados por pensamentos sobre honra, e o Usurpador em Porto Real pagaria bem pela cabeça do irmão. — Devíeis ter ido com ele, para o manter a salvo. Sois-lhe ajuramentado.

— Estamos em Vaes Dothrak — recordou ele. — Aqui ninguém pode transportar uma lâmina ou derramar o sangue de um homem.

— Apesar disso, os homens morrem — disse ela. — Jhogo contou-me. Alguns dos mercadores têm consigo eunucos, homens enormes que estrangulam ladrões com faixas de seda. Desse modo nenhum sangue é derramado e os deuses não se zangam.

— Então, esperemos que o vosso irmão seja suficientemente sensato para não roubar nada. — Sor Jorah limpou a gordura da boca com as costas

da mão e aproximou-se por sobre a mesa. — Ele tinha planeado roubar os vossos ovos de dragão, mas eu preveni-o de que lhe cortaria a mão se lhes tocasse.

Por um momento, Dany sentiu-se tão chocada que não encontrou palavras.

— Os meus ovos... mas são *meus*, o Magíster Illyrio deu-mos a mim, uma prenda de noivado, porque queria Viserys... são apenas pedras...

— O mesmo poderia ser dito de rubis, diamantes e opalas de fogo, Princesa... e ovos de dragão são de longe mais raros. Aqueles mercadores com quem ele tem bebido venderiam os seus próprios membros viris por apenas uma dessas *pedras*, e com as três Viserys poderia comprar tantos mercenários quantos quisesse.

Dany não soubera, nem sequer suspeitara.

— Então... ele devia ficar com eles. Não precisa de os roubar. Só tinha de pedir. Ele é meu irmão... e o meu rei verdadeiro.

— Ele é o vosso irmão — reconheceu Sor Jorah.

— Não compreendeis, sor — disse ela. — A minha mãe morreu ao dar-me à luz, e o meu pai e irmão Rhaegar morreram ainda antes. Nunca teria aprendido nem sequer os seus nomes se Viserys não estivesse lá para me ensinar. Foi o único que restou. O único. É tudo o que tenho.

— Outrora sim — disse Sor Jorah. — Mas já não, *khaleesi*. Agora pertenceis aos Dothraki. No vosso ventre cavalga o garanhão que monta o mundo. — Ergueu a taça, e uma escrava encheu-a de leite de égua fermentado, de cheiro amargo e espesso de coágulos.

Dany mandou a escrava embora com um gesto. Até o cheiro da bebida a fazia sentir-se agoniada, e não queria correr nenhum risco de deitar fora o coração de cavalo que se forçara a comer.

— Que significa isso? — perguntou. — Que é este garanhão? Toda a gente estava a gritar-me isso, mas eu não compreendo.

— O garanhão é o *khal* dos *khals* prometido numa antiga profecia, menina. Ele vai unir os Dothraki num único *khalasar* e cavalgar até ao fim do mundo, ou pelo menos é essa a promessa. Todas as pessoas do mundo serão a sua manada.

— Oh — disse Dany com voz fraca. A mão alisou o roupão sobre o inchaço na barriga. — Chamei-lhe Rhaego.

— Um nome que congelará o sangue do Usurpador.

De súbito, Doreah começou a puxar-lhe pelo cotovelo.

— *Senhora* — sussurrou a aia em tom urgente — o vosso irmão...

Dany olhou para a extremidade do longo salão sem tecto, e ali estava ele encaminhando-se a passos largos na sua direcção. Pelo desequilíbrio no

andar, compreendeu de imediato que Viserys encontrara o seu vinho... e algo que passava por coragem.

Vestia as suas sedas escarlate, enodoadas e manchadas pela viagem. A capa e as luvas eram de veludo negro, desbotado pelo sol. As botas estavam secas e fendidas, o cabelo prateado baço e emaranhado. Uma espada balançava, presa ao cinto, enfiada numa bainha de couro. Os Dothraki fitavam a espada enquanto ele passava; Dany ouviu pragas, ameaças e murmúrios zangados que se erguiam de todos os lados, como uma maré. A música extinguiu-se num gaguejo nervoso de tambores.

Uma sensação de terror apertou-se em torno do seu coração.

— Ide até ele — ordenou a Sor Jorah. — Parai-o. Trazei-o aqui. Dizei-lhe que pode ficar com os ovos de dragão se for isso que deseje. — O cavaleiro pôs-se rapidamente em pé.

— Onde está a minha irmã? — gritou Viserys, com a voz espessa de vinho. — Cheguei para o seu banquete. Como vos atreveis a ousar começar sem mim? Ninguém come antes do rei. Onde está ela? A puta não se pode esconder do dragão.

Parou ao lado da maior das três fogueiras, olhando os rostos dos dothraki em volta. Havia cinco mil homens no salão, mas só uma mão-cheia conhecia o Idioma Comum. No entanto, mesmo se as suas palavras eram incompreensíveis, bastava olhá-lo para ver que estava bêbado.

Sor Jorah foi ter com ele rapidamente, segredou qualquer coisa ao seu ouvido e tomou-o pelo braço, mas Viserys sacudiu-o.

— Mantende as mãos longe de mim! Ninguém toca no dragão sem permissão.

Dany lançou um relance ansioso para o banco elevado. Khal Drogo estava a dizer qualquer coisa aos outros *khal*s a seu lado. Khal Jommo fez um sorriso, e Khal Ogo rebentou em sonoras gargalhadas.

O som do riso fez Viserys erguer os olhos.

— Khal Drogo — disse em voz pesada, num tom quase educado. — Estou aqui para o banquete. — Afastou-se a cambalear de Sor Jorah, a fim de se ir juntar aos três *khal*s no banco elevado.

Khal Drogo ergueu-se, cuspiu uma dúzia de palavras em dothraki, mais depressa do que Dany conseguiria compreender, e apontou.

— Khal Drogo diz que o vosso lugar não é no banco elevado — traduziu Sor Jorah para Viserys. — Khal Drogo diz que o vosso lugar é ali.

Viserys dirigiu os olhos para onde o *khal* apontava. Ao fundo do longo salão, num canto junto à parede, mergulhados em profundas sombras para que homens melhores não tivessem de os ver, sentavam-se os mais baixos dos baixos; rapazes inexperientes que ainda não tinham feito correr sangue, velhos com olhos enevoados e articulações perras, os

idiotas e os estropiados. Longe da carne, e mais longe da honra.

— Aquele não é lugar para um rei — declarou o seu irmão.

— É lugar — respondeu Khal Drogo, na Língua Comum que Dany lhe ensinara — para Rei Pés-Doridos. — Bateu palmas. — Uma carreta! Tragam uma carreta para *Khal Rhaggat*!

Cinco mil Dothraki desataram a rir e a gritar. Sor Jorah estava em pé ao lado de Viserys, gritando-lhe ao ouvido, mas o ruído na sala era tão estrondoso que Dany não conseguia ouvir o que ele estava a dizer. O seu irmão gritou de volta, e os dois homens engalfinharam-se até que Mormont atirou Viserys ao chão.

O irmão de Dany puxou da espada.

O aço nu brilhou num temível clarão vermelho à luz das fogueiras.

— *Mantende-vos longe de mim!* — sibilou Viserys. Sor Jorah recuou um passo, e o seu irmão ergueu-se em pés instáveis. Brandiu a espada por sobre a cabeça, a lâmina emprestada que o Magíster Illyrio lhe dera para o fazer parecer mais régio. Os Dothraki gritavam com ele de todos os lados, berrando pesadas pragas.

Dany soltou um grito inarticulado de terror. Sabia o que uma espada desembainhada significava ali, mesmo que o irmão não soubesse.

A sua voz fez com que o irmão virasse a cabeça, e viu-a pela primeira vez.

— Ali está ela — disse, sorrindo. Caminhou na sua direcção, golpeando o ar como que para abrir caminho através de uma muralha de inimigos, apesar de ninguém lhe tentar barrar o caminho.

— A lâmina... não debes — suplicou-lhe. — Por favor, Viserys. É proibido. Pousa a espada e vem partilhar as minhas almofadas. Há bebida, comida... são os ovos de dragão que queres? Podes ficar com eles, mas deita a espada fora.

— Faz o que ela te diz, louco — gritou Sor Jorah — antes que nos mates a todos.

Viserys riu.

— Eles não nos podem matar. Não podem derramar sangue aqui na cidade sagrada... mas *eu* posso. — Encostou a ponta da espada entre os seios de Daenerys e fê-la deslizar para baixo, sobre a curva da sua barriga. — Quero aquilo que vim buscar — disse-lhe. — Quero a coroa que ele me prometeu. Comprou-te, mas nunca te pagou. Diz-lhe que quero aquilo que negociei, caso contrário levo-te de volta. A ti e aos ovos. Ele pode ficar com o seu maldito potro. Corto a barriga, tiro daí o bastardo e deixo-o ficar para ele. — A ponta da espada fez pressão através das sedas de Dany e picou-lhe o umbigo. Dany viu que Viserys estava a chorar; a chorar e a rir, tudo ao mesmo tempo, este homem que em tempos fora seu irmão.

De forma distante, como que de muito longe, Dany ouviu a aia Jhiqui a soluçar de medo, suplicando porque não se atrevia a traduzir, porque o *khal* a ataria e a arrastaria atrás do seu cavalo ao longo de todo o caminho até ao cume da Mãe das Montanhas. Pôs o braço em torno da rapariga.

— Não tenhas medo — disse. — Eu conto-lhe.

Não sabia se tinha palavras suficientes, mas quando terminou Khal Drogo proferiu algumas frases bruscas em dothraki, e soube que ele compreendera. O sol da sua vida desceu do banco elevado.

— Que disse ele? — perguntou-lhe o homem que fora seu irmão, vacilando.

O salão ficara tão silencioso, que conseguia ouvir os sinos no cabelo de Khal Drogo, tilintando suavemente a cada passo que dava. Os seus companheiros de sangue seguiram-no, como três sombras de cobre. Daenerys gelara por completo.

— Diz que terás uma magnífica coroa de ouro, que os homens tremem de contemplar.

Viserys sorriu e baixou a espada. Isso foi o mais triste, aquilo que a despedaçou mais tarde... o modo como ele sorriu.

— Era tudo o que eu queria — disse ele. — O que foi prometido.

Quando o sol da sua vida a alcançou, Dany pôs-lhe um braço em torno da cintura. O *khal* disse uma palavra, e os seus companheiros de sangue saltaram em frente. Qotho agarrou pelos braços o homem que fora seu irmão. Haggio estilhaçou-lhe o pulso com um único torção brusco das suas enormes mãos. Cohollo tirou a espada dos dedos sem força. Mesmo agora, Viserys não compreendia.

— Não — gritou — não podeis tocar-me, eu sou o dragão, o *dragão*, e vou ser *coroador*!

Khal Drogo desatou o cinto. Os medalhões eram de ouro puro, maciços e ornamentados, todos tão grandes como a mão de um homem. Gritou uma ordem. Escravos cozinheiros tiraram um pesado caldeirão de ferro da fogueira, despejaram o guisado no chão e devolveram o caldeirão às chamas. Drogo atirou o cinto lá para dentro e ficou a observar sem expressão os medalhões que ficavam vermelhos e começavam a perder a forma. Ela conseguia ver fogos a dançar no ónix dos seus olhos. Uma escrava entregou-lhe um par de espessas luvas de pêlo de cavalo, e ele calçou-as, sem chegar a deitar um relance que fosse ao homem.

Viserys começou a gritar o agudo, inarticulado grito do cobarde que enfrenta a morte. Esperneou e retorceu-se, ganiu como um cão e berrou como uma criança, mas os Dothraki mantiveram-no bem seguro entre eles. Sor Jorah abriu caminho até junto de Dany. Pousou-lhe uma mão no ombro.

— Afastai os olhos, minha princesa. Peço-vos.
— Não. — Dany dobrou os braços sobre o inchaço na barriga, protectora.

No último momento, Viserys olhou para ela.

— Irmã, por favor... Dany, diz-lhes... fá-los... querida irmã...

Quando o ouro fundiu parcialmente e começou a correr, Drogo estendeu o braço para as chamas, agarrou o caldeirão.

— Coroa! — rugiu. — Toma. Uma coroa para o Rei Carroça! — E virou o caldeirão ao contrário sobre a cabeça do homem que fora seu irmão.

O som que Viserys Targaryen fez quando aquele hediondo capacete de ferro lhe cobriu a cara não se assemelhou a nada de humano. Os seus pés martelaram uma batida frenética contra o chão de terra, abrandaram, pararam. Grossos glóbulos de ouro fundido pingaram-lhe sobre o peito, pondo a seda escarlate em brasa... mas nenhuma gota de sangue foi derramada.

Ele não era dragão nenhum, pensou Dany, curiosamente calma. *O fogo não pode matar um dragão.*

Depois de obter o seu prazer, Khal Drogo levantou-se dos tapetes de dormir e ficou em pé, acima dela. A sua pele brilhava, escura como bronze, à luz avermelhada que vinha do braseiro, e viam-se-lhe as ténues linhas de antigas cicatrizes no peito largo. Cabelo negro como tinta, solto e sem nós, caía-lhe em cascata sobre os ombros e ao longo das costas, até bem depois da cintura. O seu membro viril cintilava de humidade. A boca do *khal* torceu-se numa expressão mal-humorada sob o seu longo bigode.

— O garanhão que monta o mundo não precisa de cadeiras de ferro para nada.

Dany apoiou-se num braço para o olhar, tão alto e magnífico. Adorava especialmente o seu cabelo. Nunca fora cortado; ele nunca conhecera a derrota.

— Foi profetizado que o garanhão cavalgará até aos confins da terra — disse.

— A terra termina no mar negro de sal — respondeu imediatamente Drogo. Molhou um pano numa bacia de água morna para limpar o suor e o óleo da pele. — Nenhum cavalo pode atravessar a água venenosa.

— Nas Cidades Livres há navios aos milhares — disse-lhe Dany, tal como já lhe tinha dito antes. — Cavalos de madeira com cem pernas, que voam pelo mar em asas cheias de vento.

Khal Drogo não queria ouvir falar do assunto.

— Não falaremos mais de cavalos de madeira e cadeiras de ferro. — Deixou cair o pano, e começou a vestir-se. — Hoje irei para a erva caçar, mulher esposa — anunciou enquanto se enfiava num colete pintado e afivelava um cinto largo com pesados medalhões de prata, ouro e bronze.

— Sim, meu sol-e-estrelas — disse Dany. Drogo levaria os companheiros de sangue e partiriam em busca do *hrakkar*, o grande leão branco das planícies. Se regressassem em triunfo, a alegria do senhor seu marido seria feroz, e talvez estivesse disposto a escutá-la.

Ele não temia animais selvagens, nem nenhum homem que já respirara, mas o mar era outra coisa. Para os dothraki, água que um cavalo não pudesse beber era algo de impuro; as agitadas planícies verdes acinzentadas do oceano enchiam-nos com uma repugnância supersticiosa. Dany descobrira que Drogo era um homem mais corajoso do que os outros senhores

dos cavalos de meia centena de maneiras diferentes... mas naquilo não. Se ao menos conseguisse levá-lo a entrar num navio...

Depois do *khal* e dos companheiros de sangue terem partido com os seus arcos, Dany mandou chamar as aias. Sentia agora o corpo tão gordo e desajeitado que acolhia de bom grado a ajuda dos seus fortes braços e mãos hábeis, ao passo que antes se sentira frequentemente desconfortável com o modo como elas se agitavam e volteavam em seu redor. Limparam-na e vestiram-na com sedareia, leve e solta. Enquanto Doreah lhe escovava o cabelo, mandou Jhiqui à procura de Sor Jorah Mormont.

O cavaleiro veio de imediato. Trazia calções de pêlo de cavalo e um colete pintado, como um dothraki. Rudes pêlos negros cobriam-lhe o peito largo e os braços musculosos.

— Minha princesa. Como posso servir-vos?

— Tendes de falar com o senhor meu marido — disse Dany. — Drogo diz que o garanhão que monta o mundo terá todas as terras para governar e não precisa de atravessar a água venenosa. Fala em levar o *khalasar* para leste depois de Rhaego nascer, a fim de saquear as terras em torno do Mar de Jade.

O cavaleiro ficou pensativo.

— O *khal* nunca viu os Sete Reinos — disse. — Para ele, não são nada. Se chega a pensar neles, não há dúvida que pensa em ilhas, algumas cidades pequenas agarradas às rochas à maneira de Lorath ou Lys, rodeadas por mares tempestuosos. As riquezas do leste devem parecer-lhe uma possibilidade mais tentadora.

— Mas ele tem de ir para *oeste* — disse Dany, desesperada. — Por favor, ajudai-me a fazê-lo compreender. — Ela também nunca vira os Sete Reinos, tal como Drogo, mas era como se os conhecesse de todas as histórias que o irmão lhe contara. Viserys prometera-lhe mil vezes que um dia a levaria de regresso, mas agora estava morto e as promessas tinham morrido com ele.

— Os dothraki fazem as coisas ao seu ritmo, pelas suas razões — respondeu o cavaleiro. — Tende paciência, princesa. Não cometais o erro do vosso irmão. Iremos para casa, prometo-vos.

Casa? A palavra fê-la sentir-se triste. Sor Jorah tinha a sua Ilha dos Ursos, mas o que era casa para ela? Algumas histórias, nomes recitados tão solenemente como as palavras de uma prece, a memória que se esbatia de uma porta vermelha... estaria Vaes Dothrak destinada a ser a sua casa para sempre? Quando olhava para as feiticeiras do *dosh khaleen*, estaria a olhar o seu futuro?

Sor Jorah deve ter visto a tristeza no seu rosto.

— Uma grande caravana chegou durante a noite, *khaleesi*. Quatrocen-

tos cavalos, vindos de Pentos, por Norvos e Qohor, sob o comando do Capitão Mercador Byan Votyris. Illyrio pode ter enviado uma carta. Desejais visitar o Mercado Ocidental?

Dany agitou-se.

— Sim — disse. — Gostaria disso. — Os mercados ganhavam vida quando uma caravana chegava. Nunca se sabia que tesouros os comerciantes poderiam trazer de cada vez, e seria bom voltar a ouvir homens a falar valiriano, como nas Cidades Livres. — Irri, diz-lhes para prepararem uma liteira.

— Vou dizer ao vosso *khas* — disse Sor Jorah, retirando-se.

Se Khal Drogo estivesse consigo, Dany teria montado a sua prata. Entre os dothraki, as mães permaneciam montadas quase até ao momento do parto, e ela não queria parecer fraca aos olhos do marido. Mas com o *khal* longe na caça, era agradável encostar-se a almofadas suaves e ser transportada através de Vaes Dothrak, com cortinas de seda vermelha para a proteger do Sol. Sor Jorah selou o cavalo e seguiu a seu lado, com os quatro jovens do seu *khas* e as aias.

O dia estava quente e sem nuvens, o céu de um azul profundo. Quando o vento soprava, Dany conseguia cheirar os ricos odores da erva e da terra. À medida que a liteira ia passando sob os monumentos roubados, passava da sombra para o sol, e de volta à sombra, balançando, estudando os rostos de heróis mortos e de reis esquecidos. Perguntou a si própria se os deuses de cidades queimadas ainda podiam atender a preces.

Se eu não fosse do sangue do dragão, pensou, melancólica, esta poderia ser a minha casa. Era *khaleesi*, tinha um homem forte e um cavalo rápido, aias para servi-la, guerreiros para a manter a salvo, um lugar de honra no *dosh khaleen* à sua espera quando envelhecesse... e no seu ventre crescia o filho que um dia montaria o mundo. Isso seria suficiente para qualquer mulher... mas não para o dragão. Com Viserys morto, Daenerys era a última, mesmo a última. Pertencia à linhagem de reis e conquistadores, e o mesmo acontecia ao filho que trazia na barriga. Não podia esquecê-lo.

O Mercado Ocidental era uma grande praça em terra batida rodeada por coelheiras de tijolo de lama cozida, recintos para animais, salas caiadas para beber. Outeiros elevavam-se do chão como se fossem os dorsos de grandes animais subterrâneos que rompiam a superfície, com bocejantes bocas negras que levavam a frios e cavernosos armazéns subterrâneos. O interior da praça era um labirinto de barracas e passagens retorcidas, ensombradas por toldos de erva entretecida.

Uma centena de mercadores e comerciantes descarregava as suas

mercadorias e instalava-se em barracas quando eles chegaram, mas mesmo assim o grande mercado parecia silencioso e deserto quando comparado com os bazares apinhados que Dany recordava dos tempos passados em Pentos e nas outras Cidades Livres. As caravanas dirigiam-se a Vaes Dothrak, vindas do leste e do oeste, não tanto para vender aos dothraki como para comerciar umas com as outras, explicou Sor Jorah. Os cavaleiros deixavam-nas ir e vir sem serem incomodadas, desde que mantivessem a paz da cidade sagrada, não profanassem a Mãe das Montanhas ou o Ventre do Mundo e honrassem as feiticeiras do *dosh khaleen* com os presentes tradicionais de sal, prata e sementes. Os dothraki não compreendiam verdadeiramente este negócio de compras e vendas.

Dany também gostava da estranheza do Mercado Oriental, com todas as invulgares visões, sons e cheiros que aí havia. Passava com frequência aí as suas manhãs, mordiscando ovos de árvore, tarte de gafanhotos e tiras de massa verde, escutando as agudas vozes ululantes dos cantores de feitiços, embasbacando-se perante manticoras em jaulas de prata, imensos elefantes cinzentos e os cavalos listrados pretos e brancos dos Jogos Nhais. Também gostava de observar as pessoas: os escuros e solenes Asshai'i e os altos e claros Qartheen, os homens de olhos brilhantes de Yi Ti com os seus chapéus de cauda de macaco, as donzelas guerreiras de Bayasabhad, Shamyriana e Kayakayanaya com anéis de ferro nos mamilos e rubis nas bochechas, até mesmo os severos e assustadores Homens das Sombras, que cobriam os braços e as pernas com tatuagens e escondiam os rostos atrás de máscaras. Para Dany, o Mercado Oriental era um lugar de maravilha e magia.

Mas o Mercado Ocidental cheirava a casa.

Enquanto Irri e Jhiqui a ajudavam a sair da liteira, inspirou e reconheceu os cheiros vivos do alho e da pimenta, fragrâncias que lembravam a Dany dias há muito passados nas vielas de Tyrosh e Myr e lhe trouxeram um leve sorriso aos lábios. Por baixo daqueles odores, sentiu os pesados perfumes doces de Lys. Viu escravos a transportar molhos da intrincada renda de Myr e boas lãs numa dúzia de cores ricas. Guardas de caravana vagueavam pelas passagens com capacetes de cobre e túnicas até aos joelhos de algodão amarelo acolchoado, com bainhas de espadas vazias a pender de cintos de couro trançado. Atrás de uma barraca, um armeiro exibia placas peitorais de aço trabalhadas com ouro e prata em padrões intrincados, e elmos batidos até tomar as formas de animais extravagantes. A seu lado estava uma jovem bonita a vender ourivesaria de Lanisporto, anéis, broches, colares e medalhões magnificamente trabalhados, bons para fazer cintos. Um enorme eunuco guardava-lhe a barraca, mudo e calvo, vestido com veludos manchados de suor e franzindo o sobrolho a todos os que se apro-

ximassem. Em frente, um gordo comerciante de tecidos de Yi Ti regateava com um pentoshi sobre o preço de um corante verde qualquer, fazendo oscilar de um lado para o outro a cauda de macaco do seu chapéu quando abanava a cabeça.

— Quando era menina, adorava brincar no bazar — disse Dany a Sor Jorah enquanto vagueavam pela passagem coberta entre as barracas. — Era um sítio tão *vivo*, com toda a gente a gritar e a rir, tantas coisas maravilhosas para admirar... embora raramente tivéssemos dinheiro suficiente para comprar alguma coisa... bem, excepto uma salsicha de vez em quando, ou dedos-de-mel... há dedos-de-mel nos Sete Reinos, como os que fazem em Tyrosh?

— São bolos? Não sei dizer, princesa. — O cavaleiro fez uma vénia. — Se me libertardes por algum tempo, irei em busca do capitão para ver se tem letras para nós.

— Muito bem. Ajudar-vos-ei a encontrá-lo.

— Não há necessidade de vos incomodardes. — Sor Jorah afastou o olhar com impaciência. — Desfrutai do mercado. Juntar-me-ei a vós quando concluir os meus assuntos.

Curioso, pensou Dany enquanto o observava a afastar-se a passos largos por entre a multidão. Não compreendia porque não devia ir com ele. Talvez Sor Jorah tencionasse encontrar uma mulher depois de se reunir com o capitão mercador. Sabia que era frequente que prostitutas viajassem com as caravanas, e alguns homens eram estranhamente tímidos acerca das suas uniões. Encolheu os ombros.

— Vinde — disse aos outros.

As aias seguiram-na quando Dany reatou o passeio pelo mercado.

— Oh, olha — exclamou para Doreah — é aquele o tipo de salsicha de que falava. — Apontava para uma barraca onde uma mulherzinha mirrada grelhava carne e cebolas numa pedra quente. — Fazem-nas com montes de alho e malaguetas. — Deliciada com a descoberta, Dany insistiu para que os outros a acompanhassem numa salsicha. As aias devoraram as suas, aos risinhos e sorrisinhos, embora os homens do seu *khas* cheirassem com suspeita a carne grelhada. — Têm um sabor diferente do que eu recordava — disse Dany depois das primeiras dentadas.

— Em Pentos, fazia-as com carne de porco — disse a velha — mas todos os meus porcos morreram no mar dothraki. Estas são feitas com carne de cavalo, *khaleesi*, mas tempero-as da mesma forma.

— Oh. — Dany sentiu-se desapontada, mas Quaro gostou tanto da sua salsicha que decidiu comer outra, e Rakharo teve de o ultrapassar comendo mais três e arrotando sonoramente. Dany riu-se.

— É a primeira vez que ristes desde que o vosso irmão, o *Khal Rhag-*

gat, foi coroado por Drogo — disse Irri. — É bom de ver, *khaleesi*.

Dany fez um sorriso tímido. Realmente era bom rir. Sentia-se de novo quase uma rapariga.

Vaguearam durante metade da manhã. Dany viu um belo manto de penas das Ilhas do Verão e obteve-o de presente. Em troca, deu ao mercador um medalhão de prata que tirou do cinto. Era assim que as coisas eram feitas entre os dothraki. Um vendedor de aves ensinou um papagaio verde e vermelho a dizer o seu nome, e Dany voltou a rir, mas continuou a recusar ficar com ele. Que faria ela com um papagaio vermelho e verde num *khala-sar*? Já ficou com uma dúzia de frascos de óleos aromáticos, os perfumes da sua infância; bastava-lhe fechar os olhos e cheirá-los para voltar a ver a casa grande com a porta vermelha. Quando Doreah se pôs a olhar anelantemente para um amuleto de fertilidade na tenda de um mago, Dany também ficou com ele e deu-o à aia, pensando que agora tinha de encontrar também qualquer coisa para Irri e Jhiqui.

Ao virar uma esquina, depararam com um negociante de vinhos que oferecia taças do tamanho de dedais dos seus produtos a quem passava por ali.

— Tintos doces — gritou em fluente dothraki — tenho tintos doces, de Lys, de Volantis e da Árvore. Brancos de Lys. Aguardente de pêra de Tyrosh, vinhardente, vinho apimentado e os néctares verdes claros de Myr. Castanhos de baga-fumo e amargos dos Ândalos, tenho todos. — Era um homem pequeno, esguio e bem parecido, com um cabelo louro ondulado e perfumado à maneira de Lys. Quando Dany parou à frente da barraca, o homem fez uma profunda vénia. — A *khaleesi* deseja uma prova? Tenho um tinto doce de Dorne, senhora, que canta uma canção de passas, cerejas e rico carvalho escuro. Um casco, uma taça, um gole? Bastará que o proveis, e dareis ao vosso filho o meu nome.

Dany sorriu.

— O meu filho já tem nome, mas vou experimentar o vosso vinho de Verão — disse, em valiriano, aquele valiriano que falavam nas Cidades Livres. Sentiu as palavras estranhas na língua, depois de tanto tempo. — Só uma gota, por gentileza.

O mercador devia tê-la tomado por uma dothraki, devido aos seus trajes, ao cabelo oleado e à pele bronzeada. Quando falou, o homem abriu a boca de espanto.

— Senhora, sois... tyroshi? Poderá ser?

— A minha fala pode ser tyroshi, e os meus trajes dothraki, mas sou de Westeros, dos Reinos do Poente — disse-lhe Dany.

Doreah aproximou-se.

— Tens a honra de te dirigires a Daenerys da Casa Targaryen, Dae-

nerys, Filha da Tormenta, *khaleesi* dos homens a cavalo e princesa dos Sete Reinos.

O mercador de vinhos caiu de joelhos.

— Princesa — disse, dobrando a cabeça.

— Erguei-vos — ordenou Dany. — Ainda gostaria de provar esse vinho de Verão de que falastes.

O homem pôs-se em pé e um salto.

— Isso? Zurrapa de Dorne. Não é digno de uma princesa. Tenho um tinto seco da Árvore, vivo e agradável. Por favor, deixai-me oferecer-vos um casco.

As visitas de Khal Drogo às Cidades Livres tinham-lhe deixado o gosto por bom vinho, e Dany sabia que uma colheita tão nobre lhe agradaria.

— Honrais-me, sor — murmurou docemente.

— A honra é minha. — O mercador esquadrinhou as traseiras da barraca e regressou com um pequeno casco de carvalho. Via-se um cacho de uvas desenhado a fogo na madeira. — O símbolo dos Redwyne — disse, apontando — da Árvore. Não há bebida mais fina.

— Khal Drogo e eu partilhá-la-emos. Aggo, leva isto para a liteira, por gentileza. — o vendedor de vinhos mostrou-se radiante quando o dothraki ergueu o casco.

Dany só reparou que Sor Jorah tinha regressado quando ouviu o cavaleiro dizer:

— Não. — Tinha a voz estranha, brusca. — Aggo, pousa esse casco.

Aggo olhou para Dany. Ela anuiu, hesitante.

— Sor Jorah, passa-se alguma coisa?

— Tenho sede. Abre-o, vendedor.

O mercador franziu o sobrolho.

— O vinho é para a *khaleesi*, não para homens da vossa laia, sor.

Sor Jorah aproximou-se da barraca.

— Se não o abrires, parto-o eu na tua cabeça. — Ali, na cidade sagrada, não transportava armas a não ser as mãos... mas as mãos eram o bastante, grandes, duras e perigosas, com os nós dos dedos cobertos de rudes pêlos escuros. O vendedor de vinhos hesitou um momento, e depois pegou no martelo e arrancou o tampão do casco.

— Despeja — ordenou Sor Jorah. Os quatro jovens guerreiros do *khas* de Dany dispuseram-se atrás dele, franzindo o sobrolho, observando com os seus olhos escuros e amendoados.

— Seria um crime beber um vinho tão rico sem o deixar respirar. — O vendedor de vinhos não pousara o martelo.

Jhogo estendeu a mão para o chicote que trazia à cintura, mas Dany parou-o com um ligeiro toque no braço.

— Fazei como diz Sor Jorah — disse. Havia pessoas que paravam para ver o que se passava.

O homem deitou-lhe um relance rápido e carrancudo.

— Às ordens da princesa. — Teve de pôr de lado o martelo para erguer o casco. Encheu duas taças de prova do tamanho de dedais, despejando tão habilmente o vinho que não derramou uma gota.

Sor Jorah ergueu uma taça e cheirou o vinho, de testa franzida.

— É doce, não é? — disse o vendedor de vinhos, sorrindo. — Consegui cheirar a fruta, sor? O perfume da Árvore. Provai-o senhor, e digei-me se não é o mais fino, o mais rico vinho que alguma vez tocou a vossa língua.

Sor Jorah ofereceu-lhe a taça.

— Prova-o tu primeiro.

— Eu? — O homem soltou uma gargalhada. — Eu não sou digno deste vinho, senhor. E o mercador de vinhos que bebe a sua própria mercadoria é um pobre mercador. — O seu sorriso era amigável, mas Dany conseguia ver o reflexo do suor na sua testa.

— *Ireis* beber — disse Dany, fria como gelo. — Esvaziai a taça, senão digo-lhes para vos segurarem enquanto Sor Jorah despeja o casco inteiro pela vossa goela abaixo.

O vendedor de vinhos encolheu os ombros, estendeu a mão para a taça... e agarrou em vez disso no casco, atirando-lho com as duas mãos. Sor Jorah atirou-se sobre ela, afastando-a com um empurrão. O casco ressaltou no ombro do cavaleiro e esmagou-se no chão. Dany tropeçou e perdeu o equilíbrio.

— Não — gritou, atirando as mãos para a frente a fim de apurar a queda... e Doreah agarrou-a pelo braço e puxou-o para trás, de modo que Dany caiu sobre as costas e não sobre a barriga.

O mercador saltou sobre a bancada, passando como um dardo entre Aggo e Rakharo. Quaro estendeu a mão para um *arakh* que não se encontrava lá, ao mesmo tempo que o homem louro o afastava com um encontro. Dany ouviu o estalido do chicote de Jhogo, viu o couro a estender-se e a enrolar-se em volta da perna do vendedor de vinhos. O homem estatelou-se de borco na terra batida.

Uma dúzia de guardas da caravana tinham chegado a correr. Com eles viera o próprio mestre, o Capitão Mercador Byan Votyris, um minúsculo norvoshi cuja pele era como couro velho e que usava um hirsuto bigode azul que lhe chegava às orelhas. Pareceu compreender o que se passara sem que uma palavra fosse dita.

— Levai este daqui para esperar a vontade do *khal* — ordenou, fazendo um gesto para o homem que estava no chão. Dois guardas puseram o

vendedor de vinhos em pé. — Também vos presenteio com os seus bens, princesa — continuou o capitão mercador. — É um pequeno sinal de pesar por um dos meus ter feito uma coisa destas.

Doreah e Jhiqui ajudaram Dany a erguer-se. O vinho envenenado jorrava do casco partido para o chão.

— Como subestes? — perguntou ela a Sor Jorah, tremendo. — *Como?*

— Não sabia, *khaleesi*, pelo menos até que o homem se recusou a beber, mas assim que li a carta do Magíster Illyrio, tive receio. — Os seus olhos escuros varreram os rostos dos estranhos no mercado. — Vinde. É melhor não falar disto aqui.

Dany estava quase em lágrimas quando a levaram de volta. O sabor que trazia na boca era um sabor que já conhecera: o medo. Vivera anos no terror de Viserys, com medo de acordar o dragão. Isto era ainda pior. Agora não temia apenas por si própria, mas pelo bebé. Ele devia ter-lhe sentido o medo, porque se movia sem descanso no seu interior. Dany afaçou suavemente o inchaço da barriga, desejando poder alcançá-lo, tocá-lo, acalmá-lo.

— És do sangue do dragão, pequeno — segredou enquanto a liteira balouçava pelo caminho fora, de cortinas bem corridas. — És do sangue do dragão, e o dragão não sente medo.

Sob o outeiro oco de terra que era a sua casa em Vaes Dothrak, Dany ordenou-lhes que a deixassem... todos menos Sor Jorah.

— Dizei-me — ordenou enquanto se deixava cair sobre as almofadas. — Foi o Usurpador?

— Sim. — O cavaleiro puxou de um pergaminho dobrado. — Uma carta para Viserys, do Magíster Illyrio. Robert Baratheon oferece terras e títulos pela vossa morte ou pela do vosso irmão.

— Do meu irmão? — O soluço foi meia gargalhada. — Ele ainda não sabe, pois não? O Usurpador deve a Drogo um título. — Daquela vez, a gargalhada foi meio soluço. Apertou os braços em volta do corpo, num gesto protector. — E pela minha, dissestes. Só a minha?

— A vossa e a da criança — disse Sor Jorah, sombrio.

— Não. Ele não pode ter o meu filho. — Não choraria, decidiu. Não tremeria com medo. *O Usurpador agora acordou o dragão*, disse a si própria... e os olhos desviaram-se para os ovos de dragão que descansavam no seu ninho de veludo escuro. A oscilante luz da candeia iluminava as suas escamas de pedra e grãos de pó que tremeluziam em jade, escarlate e ouro e dançavam no ar à sua volta, como cortesãos em torno de um rei.

Teria sido a loucura que a tomou naquele momento, nascida do

medo? Ou alguma estranha sabedoria enterrada no seu sangue? Dany não saberia dizer. Ouviu a sua própria voz a dizer:

— Sor Jorah, acendei o braseiro.

— *Khaleesi?* — O cavaleiro olhou-a de um modo estranho. — Está tanto calor. Tendes a certeza?

Nunca tivera tanta certeza de nada.

— Sim, eu... eu estou arrepiada. Acendei o braseiro.

Ele fez uma vénia.

— Às vossas ordens.

Quando os carvões se incendiaram, Dany mandou Sor Jorah embora. Tinha de estar só para fazer o que tinha de fazer. *Isto é uma loucura*, disse a si própria enquanto tirava do veludo o ovo negro e escarlate. *Só vai partir-se e arder, e é tão belo, Sor Jorah chamar-me-á tonta se o estragar*, mas no entanto, no entanto...

Embalando o ovo com ambas as mãos, levou-o para o fogo e empurrou-o para o interior dos carvões a arder. As escamas negras pareceram brilhar quando beberam o calor. Chamas lamberam a pedra com pequenas línguas vermelhas. Dany depositou os outros dois ovos ao lado do negro, no fogo. Quando deu um passo para longe do braseiro, a respiração tremeu-lhe na garganta.

Observou até que os carvões se transformaram em cinzas. Fagulhas derivavam para cima e saíam pelo orifício para saída do fumo. Ondas de calor estremeciam em torno dos ovos de dragão. E era tudo.

O vosso irmão Rhaegar foi o último dragão, dissera Sor Jorah. Dany fitou tristemente os ovos. Que esperara? Um milhar de milhares de anos antes tinham estado vivos, mas agora eram apenas rochas bonitas. Não podiam fazer um dragão. Um dragão era ar e fogo. Carne viva, não pedra morta.

Quando Khal Drogo regressou, o braseiro estava de novo frio. Cohollo levava um cavalo de carga à sua frente com a carcaça de um grande leão branco presa ao dorso. No céu, as estrelas começavam a surgir. O *khal* soltou uma gargalhada ao saltar do cavalo e mostrou-lhe as cicatrizes na perna onde o *hrakkar* o arranhara através das calções.

— Far-te-ei um manto da sua pele, lua da minha vida — jurou.

Quando Dany lhe contou o que acontecera no mercado, todos os risos pararam, e Khal Drogo ficou muito silencioso.

— Este envenenador foi o primeiro — preveniu-o Sor Jorah Mormont — mas não será o último. Os homens arriscarão muito por um título.

Drogo ficou em silêncio durante algum tempo. Por fim, disse:

— Este vendedor de venenos fugiu da lua da minha vida. Melhor seria que corresse atrás dela. E é o que vai fazer. Jhogo, Jorah, o Ândalo, a ambos eu digo, escolhei qualquer cavalo que deseiais das minhas manadas,

e ele é vosso. Qualquer cavalo, excepto o meu vermelho e a prata que foi presente de casamento à lua da minha vida. Dou-vos este presente pelo que haveis feito.

“E a Rhaego, filho de Drogo, o ganhão que montará o mundo, também a ele prometo um presente. A ele darei essa cadeira de ferro onde se sentou o pai da sua mãe. Dar-lhe-ei Sete Reinos. Eu, Drogo, *khal*, farei isto. — A sua voz ergueu-se e ele levantou o punho para o céu. — Levarei o meu *khalasar* para oeste, até onde o mundo termina, e montarei os cavalos de madeira através da negra água salgada como nenhum *khal* fez antes. Matarei os homens dos fatos de ferro e derrubarei as suas casas de pedra. Violarei as suas mulheres, tomarei os seus filhos como escravos, e trarei os seus deuses quebrados para Vaes Dothrak, para que se verguem sob a Mãe das Montanhas. É isto que prometo, eu, Drogo, filho de Bharbo. É isto que juro perante a Mãe das Montanhas, com as estrelas por testemunhas.”

O *khalasar* partiu de Vaes Dothrak dois dias mais tarde, dirigindo-se para sul e para oeste pelas planícies. Khal Drogo liderou-os no seu grande ganhão vermelho, com Daenerys a seu lado na sua prata. O vendedor de vinhos corria atrás deles, nu, a pé, acorrentado pela garganta e pelos pulsos. As correntes estavam presas à sela da prata de Dany. Enquanto ela cavalgava, ele corria a seu lado, de pés nus e aos tropeções. Nenhum mal lhe aconteceria... enquanto conseguisse acompanhá-la.

Depois da batalha, Dany levou a sua prata pelos campos de mortos. As aias e os homens do seu *khas* vinham atrás, sorrindo e brincando uns com os outros.

Cascos dothraki tinham rasgado a terra e espezinhado o centeio e as lentilhas, enquanto *arakhs* e setas semeavam uma terrível nova cultura e a regavam com sangue. Cavalos moribundos erguiam as cabeças e gritavam-lhe quando passava por eles. Homens feridos gemiam e rezavam. *Jaqqa rhan* deslocavam-se entre eles, os homens da misericórdia com os seus pesados machados, fazendo colheita das cabeças dos mortos e moribundos. Depois deles, viria um bando de rapariguinhas, a arrancar setas dos cadáveres até encher os cestos. E por fim, viriam os cães, a farejar, magros e famintos, a matilha selvagem que nunca andava muito longe do *khalasar*.

As ovelhas eram as que estavam mortas há mais tempo. Parecia haver milhares delas, negras de moscas, com setas espetadas em todas as carcaças. Dany sabia que tinham sido os homens de Khal Ogo a fazer aquilo; nenhum homem do *khalasar* de Drogo seria tão tolo que desperdiçasse setas em ovelhas quando ainda havia pastores por matar.

A vila estava em chamas, com negras colunas de fumo a rodopiar enquanto se erguiam num céu de um tom duro de azul. À sombra de muros derrubados de lama seca, cavaleiros galopavam para lá e para cá, brandindo os seus longos chicotes enquanto pastoreavam os sobreviventes para fora do entulho fumegante. As mulheres e crianças do *khalasar* de Ogo caminhavam com um orgulho taciturno, mesmo derrotadas e amarradas; eram agora escravas, mas não pareciam temer essa condição. Com o povo da vila era diferente. Dany sentia pena deles; lembrava-se do terror. Mães avançavam aos tropeções, com rostos vazios e mortos, puxando pela mão crianças soluçantes. Havia apenas um punhado de homens entre eles, aleijados, cobardes e avôs.

Sor Jorah dizia que o povo daquele país chamava a si próprio lhazarenos, mas os dothraki chamavam-lhes *haesh rakhi*, os Homens-Ovelhas. Em tempos, Dani poderia tê-los tomado por dothraki, pois possuíam a mesma pele acobreada e olhos amendoados. Agora, pareciam-lhe estranhos, atarracados e de cara achatada, com os cabelos negros cortados curtos de forma pouco natural. Eram pastores de ovelhas e comedores de vegetais, e Khal

Drogo dizia que pertenciam ao sul da curva do rio. A erva do mar dothraki não se destinava a ovelhas.

Dany viu um rapaz saltar e correr para o rio. Um cavaleiro cortou-lhe o caminho e fê-lo virar, e os outros encurralaram-no, fazendo estalar os chicotes no seu rosto, obrigando-o a correr para lá e para cá. Um galopou atrás dele, chicoteando-o nas nádegas até lhe deixar as coxas vermelhas de sangue. Outro apanhou-lhe o tornozelo com uma chicotada e fê-lo estatelar-se. Por fim, quando o rapaz já só conseguia rastejar, fartaram-se da brincadeira e enfiaram-lhe uma seta nas costas.

Encontrou Sor Jorah junto ao portão desfeito. Usava uma capa verde escura sobre a sua cota de malha. As suas manoplas, grevas e elmo eram de aço cinzento-escuro. Os dothraki tinham-lhe chamado covarde quando pusera a armadura, mas o cavaleiro cuspira insultos de volta, os ânimos tinham-se exaltado, a espada longa colidira com o *arakh*, e o guerreiro cuja troça fora mais sonora tinha sido deixado para trás, a sangrar até à morte.

Sor Jorah ergueu o visor do seu elmo de topo achatado ao aproximar-se.

— O senhor vosso esposo espera-vos na vila.

— Drogo não se magoou?

— Alguns golpes — respondeu Sor Jorah — nada de especial. Matou hoje dois *khals*. Primeiro Khal Ogo, e depois o filho, Fogo, que se tornou *khal* quando Ogo caiu. Os seus companheiros de sangue cortaram os sinos dos cabelos deles, e agora cada passo de Khal Drogo ressoa mais alto do que antes.

Ogo e o filho tinham partilhado o banco elevado com o senhor seu esposo no banquete de baptismo onde Viserys fora coroado, mas isso acontecera em Vaes Dothrak, à sombra da Mãe das Montanhas, onde todos os cavaleiros são irmãos e todas as querelas são postas de lado. Na erva, as coisas eram diferentes. O *khalasar* de Ogo estava a atacar a vila quando Khal Drogo o apanhou. Dany perguntava a si própria o que teriam pensado os Homens-Ovelhas quando viram pela primeira vez a poeira levantada pelos seus cavalos de cima daquelas muralhas de lama estalada. Talvez alguns, os mais novos e mais tolos, que ainda julgavam que os deuses escutavam as preces dos homens desesperados, a tivessem tomado por salvamento.

Do outro lado da estrada, uma rapariga que não era mais velha que Dany soluçou numa foz fina e frágil quando um cavaleiro a atirou para cima de uma pilha de cadáveres, de barriga para baixo, e se enterrou nela. Outros cavaleiros desmontaram para guardar a sua vez. Era aquele o tipo de salvamento que os dothraki traziam aos Homens-Ovelhas.

Sou do sangue do dragão, recordou Daenerys Targaryen a si própria

enquanto virava a cara. Apertou os lábios, endureceu o coração e continuou a dirigir-se para o portão.

— A maior parte dos guerreiros de Ogo fugiu — estava a dizer Sor Jorah. — Mesmo assim, pode haver até dez mil cativos.

Escravos, pensou Dany. Khal Drogo levá-los-ia ao longo do rio até uma das vilas da Baía dos Escravos. Quis chorar, mas disse a si própria que tinha de ser forte. *Isto é a guerra, é assim que ela é, é este o preço do Trono de Ferro.*

— Disse ao *khal* que devíamos rumar a Meereen — disse Sor Jorah. — Pagarão melhor preço do que o que obteria de uma caravana de escravos. Illyrio escreve que tiveram uma praga no ano passado, e por isso os bordéis estão a pagar o dobro por raparigas saudáveis, e o triplo por rapazes com menos de dez anos. Se suficientes crianças sobreviverem à viagem, o ouro pagar-nos-á todos os navios de que precisarmos, e contratar-nos-á os homens para os manear.

Atrás deles, a rapariga que estava ser violada soltou um som de quebrar o coração, um longo lamento soluçante que durava, durava, durava. A mão de Dany apertou as rédeas com força, e virou a cabeça da prata.

— Fazei-los parar — ordenou a Sor Jorah.

— *Khaleesi*? — O cavaleiro parecia perplexo.

— Ouvistes-me — disse ela. — Parai-os. — Falou ao seu *khas* nos tons duros dos dothraki. — Jhogo, Quaro, vão ajudar o Sor Jorah. Não quero violações.

Os guerreiros trocaram um olhar desconcertado.

Jorah Mormont trouxe o seu cavalo para mais perto.

— Princesa — disse — tendes um coração gentil, mas não compreendeis. Foi sempre assim. Estes homens derramaram sangue pelo *khal*. Agora reclamam a recompensa.

Do outro lado da estrada, a rapariga ainda chorava, com a sua língua aguda e cantante, estranha aos ouvidos de Dany. O primeiro homem já se tinha despachado, e o segundo tomara-lhe o lugar.

— Ela é uma rapariga-ovelha — disse Quaro em dothraki. — Não é nada, *khaleesi*. Os cavaleiros estão a honrá-la. Os Homens-Ovelhas dormem com ovelhas, é sabido.

— É sabido — ecoou a aia Irri.

— É sabido — concordou Jhogo, escarranchado no grande garanhão cinzento que Drogo lhe oferecera. — Se os seus lamentos ofendem os vossos ouvidos, Jhogo trar-vos-á a sua língua. — Puxou do *arakh*.

— Não a quero magoada — disse Dany. — Reclamo-a. Fazei o que vos ordeno, ou Khal Drogo saberá porquê.

— *Ai, Khaleesi* — respondeu Jhogo, batendo com os calcanhares no

cavalo. Quaro e os outros seguiram-no, com os sinos nos cabelos a repicar.

— Ide com eles — ordenou a Sor Jorah.

— Às vossas ordens. — O cavaleiro deitou-lhe um olhar estranho.
— Sois deveras irmã do vosso irmão.

— Viserys? — Dany não compreendeu.

— Não — respondeu ele. — Rhaegar. — Afastou-se a galope.

Dany ouviu Jhogo gritar. Os violadores riram-se dele. Um homem gritou de volta. O *arakh* de Jhogo relampejou, e a cabeça do homem tombou de cima dos seus ombros. Os risos transformaram-se em pragas quando os cavaleiros levaram as mãos às armas, mas nessa altura Quaro, Aggo e Rakharo já lá se encontravam. Viu Aggo apontar para o lugar, do outro lado da estrada, onde ela se encontrava montada na sua prata. Os cavaleiros olharam-na com frios olhos negros. Um cuspiu. Os outros foram ter com as suas montadas, resmungando.

Enquanto isso, o homem que estava sobre a rapariga continuava a entrar e sair dela, tão concentrado no seu prazer que parecia não se dar conta do que se passava à sua volta. Sor Jorah desmontou e arrancou-o da rapariga com uma mão revestida de cota de malha. O dothraki estatelou-se na lama, saltou de faca na mão e morreu com uma seta de Aggo na garganta. Mormont puxou a rapariga da pilha de cadáveres e enrolou-a no seu manto salpicado de sangue. Levou-a até Dany.

— Que quereis que façamos com ela?

A rapariga estava a tremer, de olhos dilatados e vagos. O cabelo estava empastado de sangue.

— Doreah, trata-lhe das feridas. Não te pareces com um cavaleiro, ela talvez não te tema. O resto, comigo. — E levou a prata através do portão quebrado de madeira.

Dentro da vila era pior. Muitas das casas estavam em chamas, e os *jaqqa rhan* tinham já desempenhado o seu macabro serviço. Cadáveres sem cabeça enchiam as ruelas estreitas e sinuosas. Passaram por outras mulheres que estavam a ser violadas. De todas as vezes Dany puxava as rédeas, mandava o seu *khas* pôr fim àquilo, e reclamava a vítima como escrava. Uma delas, uma mulher de quarenta anos, de corpo largo e nariz achatado, abençoou hesitantemente Dany no Idioma Comum, mas das outras obteve apenas olhares sem vida e negros. Compreendeu com tristeza que suspeitavam dela; temiam que as tivesse poupado para um destino pior.

— Não podeis reclamá-las a todas, menina — disse Sor Jorah da quarta vez que pararam, enquanto os guerreiros do seu *khas* reuniam as novas escravas atrás dela.

— Sou *khaleesi*, herdeira dos Sete Reinos, do sangue do dragão — recordou-lhe Dany. — Não vos cabe a vós dizer o que eu não posso fazer.

— Do outro lado da cidade, um edifício ruiu numa grande nuvem de fogo e fumo, e ouviu gritos distantes e os lamentos de crianças assustadas.

Encontraram Khal Drogo sentado fora de um templo quadrado sem janelas com muros espessos de lama e uma cúpula bolbosa que se assemelhava a uma imensa cebola castanha. A seu lado encontrava-se uma pilha de cabeças mais alta do que ele. Uma das setas curtas dos Homens-Ovelhas estava espetada na carne do seu antebraço, e sangue cobria o lado esquerdo do seu peito nu como um salpico de tinta. Os seus três companheiros de sangue estavam com ele.

Jhiqui ajudou Dany a desmontar; tinha-se tornado desajeitada à medida que a barriga se tornava maior e mais pesada. Ajoelhou-se perante o *khal*.

— O meu sol-e-estrelas está ferido. — O golpe de *arakh* era longo mas pouco profundo; o mamilo esquerdo desaparecera, e uma aba sangrenta de carne e pele pendia-lhe do peito como um trapo molhado.

— É arranhão, lua de vida, de *arakh* de companheiro de sangue de Khal Ogo — disse Khal Drogo no Idioma Comum. — Matar ele por isso, e Ogo também. — Virou a cabeça, com as campainhas da trança a ressoar suavemente. — É Ogo que ouves, e Fogo seu *khalakka*, que era *khal* quando o matei.

— Não há homem capaz de enfrentar o sol da minha vida — disse Dany — o pai do garanhão que monta o mundo.

Um guerreiro montado aproximou-se e saltou da sela. Falou com Haggó, uma corrente de dothraki zangado rápida demais para Dany compreender. O enorme companheiro de sangue deitou-lhe um olhar pesado antes de se virar para o seu *khal*.

— Este é Mago, que cavalga no *khas* de Ko Jhaqo. Diz que a *khaleesi* lhe ficou com os despojos, uma filha das ovelhas que era para ele montar.

O rosto de Khal Drogo estava parado e duro, mas os seus olhos negros curiosos quando se dirigiram a Dany.

— Conta-me a verdade disto, lua da minha vida — ordenou em dothraki.

Dany contou-lhe o que fizera, na sua língua para que o *khal* a compreendesse melhor, com palavras simples e directas.

Quando terminou, a testa de Drogo estava franzida.

— São estes os costumes da guerra. Estas mulheres são agora nossas escravas, para que façamos o que quisermos delas.

— Apraz-me mantê-las a salvo — disse Dany, perguntando a si própria se se estava a atrever demasiado. — Se os teus guerreiros quiserem montar estas mulheres, que as tomem com gentileza e as mantenham como esposas. Que lhes dêem lugares no *khalasar* e que lhes façam filhos.

Qotho era sempre o mais cruel dos companheiros de sangue. Foi ele que riu.

— Será que o cavalo se reproduz com ovelhas?

Algo no tom dele lembrou-lhe Viserys. Dany virou-se para ele, zangada.

— O dragão alimenta-se quer de cavalos quer de ovelhas.

Khal Drogo sorriu.

— Vejam como ela se faz feroz! — disse. — É o meu filho dentro dela, o garanhão que monta o mundo, que a enche com o seu fogo. Monta devagar, Qotho... se a mãe não te queimar no sítio onde te sentas, o filho espezinhar-te-á na lama. E tu, Mago, recolhe a língua e encontra outra ovelha para montar. Estas pertencem à minha *khaleesi*. — Começou a estender uma mão para Daenerys, mas ao erguer o braço Drogo fez um súbito esgar de dor e virou a cabeça.

Dany quase conseguia sentir a agonia dele. As feridas eram piores do que Sor Jorah a levava a acreditar.

— Onde estão os curandeiros? — exigiu saber. O *khalasar* tinha-os de dois tipos: mulheres estéreis e escravos eunucos. As ervanárias lidavam com poções e feitiços, os eunucos com facas, agulhas e fogo. — Porque não tratam do *khal*?

— O *khal* mandou o homem sem cabelo embora, *khaleesi* — garantiu-lhe o velho Cohollo. Dany viu que também o companheiro de sangue tinha sido ferido; um golpe profundo no ombro esquerdo.

— Há muitos guerreiros feridos — disse teimosamente Khal Drogo. — Que sejam curados primeiro. Esta seta não é mais do que a picada de uma mosca, este pequeno corte é só uma nova cicatriz de que me gabar perante o meu filho.

Dany via os músculos no seu peito, onde a pele fora arrancada. Um fio de sangue corria da seta que lhe perfurara o braço.

— Não cabe ao Khal Drogo esperar — proclamou. — Jhogo, procura esses eunucos, e trá-los cá imediatamente.

— Senhora de prata — disse uma voz de mulher atrás dela — eu posso ajudar o Grande Cavaleiro com as suas feridas.

Dany virou a cabeça. Quem falava era uma das escravas que reclamara, a mulher pesada de nariz achatado que a abençoara.

— O *khal* não precisa de ajuda de mulheres que dormem com ovelhas — ladrou Qotho. — Aggo, corta-lhe a língua.

Aggo agarrou-lhe o cabelo e empurrou uma faca contra a garganta da mulher.

Dany ergueu uma mão.

— Não. Ela é minha. Deixem-na falar.

Os olhos de Aggo saltaram dela para Qotho. Baixou a faca.

— Não pretendo nenhum mal, ferozes cavaleiros. — A mulher falava bem dothraki. Os trajes que usava tinham em tempos sido feitos das mais leves e melhores das lãs, ricas de bordados, mas agora estavam cobertos de lama, ensanguentados e rasgados. A mulher apertou o pano esfarrapado do corpete contra os pesados seios. — Tenho alguns conhecimentos nas artes curativas.

— Quem és tu? — perguntou-lhe Dany.

— Chamam-me Mirri Maz Duur. Sou esposa de deus neste templo.

— *Maegi* — grunhiu Haggio, passando os dedos pelo *arakh*. Tinha o olhar escuro. Dany lembrava-se da palavra de uma história aterrorizadora que Jhiqui lhe contara uma noite junto à fogueira. Uma *maegi* era uma mulher que dormia com demónios e praticava a mais negra das feitiçarias, uma coisa vil, maldosa e sem alma, que vinha ter com os homens no escuro da noite e sugava a vida e a força dos seus corpos.

— Sou uma curandeira — disse Mirri Maz Duur.

— Uma curandeira de ovelhas — escarneceu Qotho. — Sangue do meu sangue, eu digo que matemos esta *maegi* e que esperemos pelos homens sem cabelo.

Dany ignorou a explosão do companheiro de sangue. Aquela mulher idosa, modesta e gorda não lhe parecia uma *maegi*.

— Onde aprendeste a tua arte, Mirri Maz Duur?

— A minha mãe foi esposa de deus antes de mim, e ensinou-me todas as canções e feitiços que mais agradam ao Grande Pastor, e como fazer os fumos sagrados e unguentos das folhas, raízes e bagas. Quando era mais nova e mais bonita, fui numa caravana a Asshai da Sombra, para estudar com os magos de lá. Chegam navios de muitas terras a Asshai, e fiquei durante muito tempo a estudar os costumes de curar de povos distantes. Uma cantora de lua de Jogos Nhais deu-me de presente as suas canções de parto, uma mulher do vosso povo cavaleiro ensinou-me as magias da erva, dos grãos e dos cavalos, e um mestre das Terras do Poente abriu um cadáver e mostrou-me todos os segredos que se escondem sob a pele.

Sor Jorah Mormont interveio.

— Um mestre?

— Chamava-se Marwyn — respondeu a mulher no Idioma Comum. — Do mar. Do outro lado do mar. As Sete Terras, disse ele. Terras do Poente. Onde os homens são de ferro e os dragões governam. Ensinou-me esta língua.

— Um mestre em Asshai — meditou Sor Jorah. — Diz-me, Esposa de Deus, que usava este Marwyn em volta do pescoço?

— Uma corrente tão apertada que quase o sufocava, Senhor de Ferro, com elos de muitos metais.

O cavaleiro olhou para Dany.

— Só um homem treinado na Cidadela de Vilavelha usa uma corrente assim — disse — e esses homens realmente sabem muito sobre curar.

— Porque havias de querer ajudar o meu *khal*?

— Todos os homens pertencem ao mesmo rebanho, ou pelo menos é isso que nos é ensinado — respondeu Mirri Maz Duur. — O Grande Pastor enviou-me para a terra para curar as suas ovelhas, onde quer que as encontre.

Qotho deu-lhe um forte estalo.

— Não somos ovelhas, *maegi*.

— Pára com isso — disse Dany em voz zangada. — Ela é minha. Não quero que lhe façam mal.

Khal Drogo grunhiu.

— A seta tem de sair, Qotho.

— Sim, Grande Cavaleiro — respondeu Mirri Maz Duur, tocando a cara magoada. — E o vosso peito tem de ser lavado e cosido para que não ulcere.

— Trata então disso — ordenou Khal Drogo.

— Grande Cavaleiro — disse a mulher — os meus instrumentos e poções estão dentro da casa de deus, onde os poderes curativos são mais fortes.

— Eu levo-vos, sangue do meu sangue — ofereceu-se Haggo.

Khal Drogo afastou-o com um gesto.

— Não preciso da ajuda de nenhum homem — disse, com uma voz dura e orgulhosa. Pôs-se em pé, sem ajuda, mais alto que todos os outros. Uma nova onda de sangue correu pelo seu peito, jorrando de onde o *arakh* de Ogo lhe cortara o mamilo. Dany pôs-se depressa a seu lado.

— Eu não sou um homem — sussurrou ela — por isso podes apoiar-te em mim. — Drogo pousou uma enorme mão no seu ombro. Ela suportou algum do peso dele durante a caminhada até ao grande templo de lama. Os três companheiros de sangue seguiram-nos. Dany ordenou a Sor Jorah e aos guerreiros do seu *khas* para guardar a entrada e para se certificarem de que ninguém incendiava o edifício enquanto estivessem lá dentro.

Passaram por uma série de átrios até ao alto aposento central, sob a cebola. Uma luz ténue vinha de janelas escondidas, lá em cima. Alguns archotes ardiam, fumarentos, em candeeiros fixos às paredes. Havia peles de ovelha espalhadas pelo chão de lama.

— Ali — disse Mirri Maz Duur, apontando para o altar, uma maciça

pedra com veios azuis, esculpida com imagens de pastores e dos seus rebanhos. Khal Drogo deitou-se em cima dela. A velha mulher atirou um punhado de folhas secas para um braseiro, enchendo o aposento de um fumo odorífero. — É melhor que esperais lá fora — disse aos outros.

— Somos sangue do seu sangue — disse Cohollo. — Esperamos aqui.

Qotho aproximou-se de Mirri Maz Duur.

— É melhor que saibas isto, mulher do Deus Ovelha. Se fizeres mal ao *khal*, sofrerás o mesmo destino. — Puxou da faca de esfolar e mostrou-lhe a lâmina.

— Ela não fará mal. — Dany sentia que podia confiar naquela velha mulher de cara simples, com o seu nariz achatado; afinal de contas, salvara-a das mãos dos violadores.

— Se tendes de ficar, então ajudai — disse Mirri aos companheiros de sangue. — O Grande Cavaleiro é demasiado forte para mim. Mantende-o quieto enquanto arranco a seta da sua carne. — Deixou os farrapos do seu vestido cair até à cintura enquanto abria um cofre esculpido, e atarefou-se com garrafas e caixas, facas e agulhas. Quando ficou pronta, partiu a ponta farpada da seta e puxou pela haste, enquanto entoava um cântico na língua cantante dos lhazarenos. Aqueceu no braseiro uma garrafa de vinho até ferver, e despejou-a sobre as feridas de Khal Drogo. Drogo amaldiçoou-a, mas não se mexeu. Ela ligou a ferida da seta com um emplastro de folhas húmidas e virou-se para o golpe no peito, untando-o com uma pasta verde clara antes de voltar a pôr a aba de pele no lugar. O *khal* rangeu os dentes e engoliu um grito. A esposa de deus pegou numa agulha de prata e num fuso de fio de seda e começou a fechar a ferida. Quando terminou, pintou a pele com unguento vermelho, cobriu-o com mais folhas e ligou o peito com um esfarrapado bocado de couro de ovelha. — Deveis dizer as preces que vos der e manter o couro de ovelha no lugar durante dez dias e dez noites — disse. — Vai haver febre, e comichão, e uma grande cicatriz quando a ferida sagrar.

Khal Drogo sentou-se, com os sinos a tilintar.

— Eu canto sobre as minhas cicatrizes, mulher-ovelha. — Flectiu o braço e franziu o sobrolho.

— Não podeis beber nem vinho nem leite da papoila — preveniu-o a mulher. — Tereis dores, mas deveis manter o corpo forte para combater os espíritos do veneno.

— Sou *khal* — disse Drogo. — Cuspo na dor, e bebo o que quiser. Cohollo, traz-me a roupa. — O homem mais velho apressou-se a sair.

— Antes — disse Dany à feia lhazarena — ouvi-te falar de canções de parto...

— Conheço todos os segredos da cama sangrenta, Senhora de Prata, e nunca perdi um bebé — respondeu Mirri Maz Duur.

— O meu tempo está próximo — disse Dany. — Quero que cuides de mim quando chegar, se quiseres.

Khal Drogo riu-se.

— Lua da minha vida, não se pede a uma escrava, diz-se-lhe. Ela fará o que ordenares. — Saltou do altar. — Vem, meu sangue. Os garanhões chamam, este lugar é cinzas. É tempo de montar.

Haggo seguiu o *khal* para fora do templo, mas Qotho deixou-se ficar o tempo suficiente para brindar Mirri Maz Duur com um olhar duro.

— Lembra-te, *maegi*, como passar o *khal*, assim passarás tu.

— É como dizes, cavaleiro — respondeu-lhe a mulher, recolhendo os seus jarros e garrafas. — O Grande Pastor guarda o rebanho.

As moscas voavam lentamente em volta de Khal Drogo, com as asas a zumbir, um ruído baixo, no limiar da audição, que enchia Dany de terror.

O sol ia alto e impiedoso. O calor tremulava em ondas que subiam dos afloramentos rochosos de colinas baixas. Um estreito fio de suor escorria lentamente entre os seios inchados de Dany. Os únicos sons que se ouviam eram o ruído regular dos cascos dos cavalos, o tinir rítmico dos sinos no cabelo de Drogo, e as vozes distantes atrás deles.

Dany observou as moscas.

Eram grandes como abelhas, volumosas, arroxeadas, brilhantes. Os dothraki chamavam-lhes *moscas de sangue*. Viviam em pântanos e lagoas de águas estagnadas, sugavam sangue quer de homens, quer de cavalos, e punham os ovos nos mortos e nos moribundos. Drogo odiava-as. Sempre que alguma se aproximava dele, a mão disparava, rápida como um ataque de serpente, e fechava-se à sua volta. Nunca o vira falhar. Mantinha a mosca dentro do seu enorme punho durante o tempo suficiente para ouvir os seus frenéticos zumbidos. Depois, os seus dedos apertavam-se, e quando voltava a abrir a mão, a mosca era apenas uma mancha vermelha na palma.

Agora, uma rastejava pela garupa do seu garanhão, e o cavalo deu uma sacudidela irritada à cauda para a enxotar. As outras voaram em volta de Drogo, cada vez mais perto. O *khal* não reagiu. Os seus olhos fixavam-se em distantes colinas castanhas, e as rédeas estavam soltas nas suas mãos. Sob o seu colete pintado, um emplastro de folhas de figueira e lama seca azul cobria a ferida que tinha no peito. Foram as ervanárias que a fizeram. O cataplasma de Mirri Maz Duur ardia-lhe e provocava-lhe comichão, e ele arrancara-o havia seis dias, amaldiçoando-a e chamando-lhe *maegi*. O emplastro de lama era mais calmante, e as ervanárias fizeram-lhe também vinho de papoila. Tinha bebido muito nos últimos três dias; quando não era vinho de papoila, era vinho de égua fermentado, ou cerveja picante.

Mas quase não tocava na comida, e agitava-se e gemia durante a noite. Dany via como o rosto se lhe repuxara. Rhaego estava inquieto dentro da sua barriga, dando pontapés como um garanhão, mas nem isso despertava o interesse de Drogo como antes. Todas as manhãs os olhos dela encontravam novas rugas de dor na cara dele quando acordava do seu sono perturbado. E agora aquele silêncio. Estava a assustá-la. Desde que tinham montado, de madrugada, ele não dissera uma palavra. Quando ela falava,

não obtinha nenhuma resposta além de um grunhido, e desde o meio-dia nem isso.

Uma das moscas de sangue pousou na pele nua do ombro do *khal*. Outra, voando em círculos, pousou-lhe no pescoço e rastejou para cima na direcção da sua boca. Khal Drogo oscilava na sela, fazendo soar as campainhas, enquanto o garanhão prosseguia caminho num passo regular.

Dany empurrou os calcanhares contra a sua prata e aproximou-se.

— Senhor — disse em voz suave. — Drogo. Meu sol-e-estrelas.

Ele não pareceu ouvi-la. A mosca de sangue rastejou para baixo do seu bigode pendente e instalou-se na prega ao lado do nariz. Dany arfou:

— Drogo. — Estendeu a mão, desajeitadamente, e tocou-lhe no braço.

Khal Drogo cambaleou sobre a sela, inclinou-se devagar, e caiu pesadamente do cavalo. As moscas espalharam-se por um segundo, e depois regressaram, aos círculos, pousando em cima dele.

— Não — disse Dany, puxando as rédeas. Sem prestar atenção à barreira, por uma vez, saltou do cavalo e correu para ele.

A erva por baixo do seu corpo encontrava-se castanha e seca. Drogo gritou de dor quando Dany se ajoelhou a seu lado. A respiração raspava-lhe, áspera, na garganta, e ele olhou-a sem a reconhecer.

— O meu cavalo — arquejou. Dany enxotou-lhe as moscas do peito, esmagando uma como ele teria feito. A pele dele ardia sob os seus dedos.

Os companheiros de sangue do *khal* seguiam logo atrás. Dany ouviu Haggio gritar enquanto se aproximava a galope. Cohollo saltou do cavalo.

— Sangue do meu sangue — disse enquanto caía de joelhos. Os outros dois continuaram montados.

— Não — grunhiu Khal Drogo, lutando nos braços de Dany. — Tenho de montar. Montar. Não.

— Ele caiu do cavalo — disse Haggio, olhando fixamente para baixo. O seu largo rosto estava impassível, mas a voz era de chumbo.

— Não debes dizer isso — disse-lhe Dany. — Já avançámos o bastante hoje. Acamparemos aqui.

— Aqui? — Haggio olhou em volta. A terra era castanha e ressequida, inóspita. — Isto não é sítio para acampar.

— Não cabe a uma mulher pedir-nos para parar — disse Qotho — nem mesmo uma *khaleesi*.

— Acampamos aqui — repetiu Dany. — Haggio, diz-lhes que Khal Drogo ordenou a paragem. Se alguém perguntar porquê, diz-lhes que o meu tempo se aproxima e não consegui prosseguir. Cohollo, traz os escravos, eles devem montar a tenda do *khal* de imediato. Qotho...

— Não me dais ordens, *khaleesi* — disse Qotho.

— Procura Mirri Maz Duur — disse-lhe ela. A esposa de deus devia estar entre os outros Homens-Ovelhas, na longa coluna de escravos. — Trá-la até mim, com o seu cofre.

Qotho lançou-lhe um olhar intenso, com os olhos duros como sílex.

— A *maegi*. — Cuspiu. — Não farei isso.

— Farás — disse Dany — senão, quando Drogo acordar saberá porque razão me desafiaste.

Furioso, Qotho virou o garanhão e afastou-se a galope... mas Dany sabia que regressaria com Mirri Maz Duur, por pouco que gostasse disso. Os escravos erigiram a tenda de Khal Drogo sob um afloramento recortado de rocha negra cuja sombra providenciava algum alívio do calor do sol da tarde. Mesmo assim, estava sufocante sob a sedareia quando Irri e Doreah ajudaram Dany a amparar Drogo até ao interior da tenda. Espessos tapetes ornamentados tinham sido depositados sobre o chão, e almofadas estavam espalhadas pelos cantos. Eroeh, a rapariga tímida que Dany salvara fora das muralhas de lama dos Homens-Ovelhas, acendeu um braseiro. Estenderam Drogo numa esteira trançada.

— Não — resmungou ele no Idioma Comum. — Não, não. — Foi tudo o que disse, tudo o que parecia capaz de dizer.

Doreah desprendeu-lhe o cinto de medalhões e despiu-lhe o colete e os calções, enquanto Jhiqui ajoelhava junto aos seus pés para desatar os nós das suas sandálias de montar. Irri quis deixar as abas da tenda abertas para deixar entrar a aragem, mas Dany proibiu-a. Não queria que ninguém visse Drogo assim, em delírio e fraco. Quando o seu *khas* chegou, pô-los lá fora, de guarda.

— Não deixes entrar ninguém sem a minha licença — disse a Jhogo. — Ninguém.

Eroeh fitou temerosa Drogo.

— Ele morre — sussurrou.

Dany esbofeteou-a.

— O *khal* não pode morrer. Ele é o pai do garanhão que monta o mundo. O seu cabelo nunca foi cortado. Ainda usa as campainhas que o pai lhe deu.

— *Khaleesi* — disse Jhiqui — ele caiu do cavalo.

Tremendo, com os olhos cheios de lágrimas súbitas, Dany afastou o rosto delas. *Ele caiu do cavalo!* Tinha acontecido, ela tinha-o visto, e os companheiros de sangue, e sem dúvida que as aias e os homens do seu *khas* também. Quantos mais? Não o podiam manter em segredo, e Dany sabia o que isso queria dizer. Um *khal* que não conseguia montar, não conseguia governar, e Drogo caíra do cavalo.

— Temos de lhe dar banho — disse ela teimosamente. Não podia per-

mitir-se o desespero. — Irri, manda que tragam a banheira imediatamente. Doreah, Eroeh, encontrem água, água fria, ele está tão quente. — Era uma fogueira em pele humana.

As escravas instalaram a pesada banheira de cobre no canto da tenda. Quando Doreah trouxe o primeiro jarro de água, Dany humedeceu um pano de seda e pousou-o na testa de Drogo, sobre a pele que queimava. Os olhos dele olharam-na, mas não a viram. Quando a boca se abriu, não deixou escapar nenhuma palavra, só um gemido.

— Onde está Mirri Maz Duur? — exigiu saber, com a paciência encurtada pelo medo.

— Qotho há-de encontrá-la — disse Irri.

As aias encheram a banheira com água tépida que fedia a enxofre, purificando-a com jarros de óleo amargo e mãos-cheias de folhas esmagadas de menta. Enquanto o banho era preparado, Dany ajoelhou-se desajeitadamente ao lado do senhor seu marido, de barriga inchada com o filho de ambos lá dentro. Desfez-lhe a trança com dedos ansiosos, como fizera na noite em que ele a possuía pela primeira vez, sob as estrelas. Pôs de lado as campainhas com cuidado, uma a uma. Ele iria querê-las de novo quando estivesse bem, disse Dany a si própria.

Um sopro de ar entrou na tenda quando Aggo enfiou a cabeça através da seda.

— *Khaleesi* — disse — o ândalo chegou e pede licença para entrar.

“O ândalo” era o que os dothraki chamavam a Sor Jorah.

— Sim — disse ela, erguendo-se desajeitadamente — manda-o entrar. — Confiava no cavaleiro. Ele saberia o que fazer se mais ninguém soubesse.

Sor Jorah Mormont entrou, baixando a cabeça sob a aba que fazia de porta e esperou um momento que os olhos se lhe ajustassem à escuridão. No feroz calor do sul, usava calças largas de sedareia de várias cores e sandálias abertas de montar atadas junto do joelho. A bainha da sua espada pendia de um cinto de pêlo de cavalo entrançado. Sob um colete branqueado, o seu peito estava nu, com a pele tornada vermelha pelo sol.

— Fala-se ao ouvido por todo o *khalasar* — disse ele. — Diz-se que Khal Drogo caiu do cavalo.

— Ajudai-o — suplicou Dany. — Pelo amor que dizeis ter por mim, ajudai-o agora.

O cavaleiro ajoelhou a seu lado. Olhou para Drogo com atenção durante muito tempo, e depois virou os olhos para Dany.

— Mandai as aias embora.

Sem palavras, de garganta apertada de medo, Dany fez um gesto. Irri empurrou as outras raparigas para fora da tenda.

Quando ficaram sós, Sor Jorah puxou do punhal. Habilmente, com uma delicadeza surpreendente num homem tão grande, começou a raspar do peito de Drogo as folhas negras e a lama seca azul. O emplastro tornara-se tão duro como os muros de lama dos Homens-Ovelhas, e tal como esses muros estalava facilmente. Sor Jorah quebrou a lama seca com a faca, afastou os bocados da pele, puxou pelas folhas uma a uma. Um cheiro doce e desagradável elevou-se da ferida, tão forte que quase a sufocou. As folhas estavam cobertas de sangue e pus, e o peito de Drogo negro e cintilante de decomposição.

— Não — sussurrou Dany enquanto as lágrimas lhe corriam pela cara. — Não, por favor, deuses, ouvi-me, *não*.

Khal Drogo agitou-se, lutando contra algum inimigo invisível. O sangue escorreu, lento e espesso, da sua ferida aberta.

— O vosso *khal* é um homem morto, Princesa.

— Não, ele não pode morrer, não *pode*, era só um corte. — Dany tomou a grande mão calosa de Drogo nas suas mãos pequenas, e apertou-a com força. — Não deixarei que morra...

Sor Jorah soltou uma gargalhada amarga.

— *Khaleesi* ou rainha, essa ordem está para lá do vosso poder. Poupai as lágrimas, menina. Choraí por ele amanhã, ou daqui a um ano. Não temos tempo para o desgosto. Temos de partir, e depressa, antes que morra.

Dany não compreendeu.

— Partir? Para onde partiríamos?

— Para Asshai, diria eu. Fica muito para sul, no fim do mundo conhecido, mas os homens dizem que é um grande porto. Encontraremos um navio que nos leve de regresso a Pentos. Será uma viagem dura, não tendeis ilusões. Confiais no vosso *khas*? Virão connosco?

— Khal Drogo ordenou-lhes que me mantivessem a salvo — respondeu Dany em tom inseguro — mas se morrer... — Tocou o inchaço na barriga. — Não compreendo. Porque haveríamos de fugir? Sou *khaleesi*. Estou grávida do herdeiro de Drogo. Ele será *khal* após Drogo...

Sor Jorah franziu o sobrolho.

— Princesa, escutai-me. Os dothraki não seguirão um bebé de peito. Eles curvavam-se perante a força de Drogo, e só perante isso. Quando ele desaparecer, Jhaqo, Pono e o outro *kos* lutarão pelo seu lugar, e o seu *khalasar* devorar-se-á. O vencedor não quererá rivais. O rapaz será tirado do vosso seio no momento em que nascer. Dá-lo-ão aos cães.

Dany abraçou-se.

— Mas *porquê*? — gritou com voz queixosa. — Porque haveriam de matar um bebezinho?

— É filho de Drogo, e as feiticeiras dizem que será o ganhão que

monta o mundo. Foi profetizado. É melhor matar a criança do que arriscar a sua fúria quando crescer até ser homem.

O bebê deu um pontapé, como se tivesse ouvido. Dany recordou a história que Viserys lhe contara sobre o que os cães do Usurpador tinham feito aos filhos de Rhaegar. O filho dele também fora um bebê, e mesmo assim tinham-no arrancado ao peito da mãe e esmagado a cabeça contra uma parede. Assim eram os costumes dos homens.

— Não podem fazer mal ao meu filho! — gritou. — Ordenarei ao meu *khas* que o mantenha a salvo, e os companheiros de sangue de Drogo irão...

Sor Jorah agarrou-a pelos ombros.

— Um companheiro de sangue morre com o seu *khal*. Sabeis disso, filha. Levar-vos-ão para Vaes Dothrak, para as feiticeiras, é o último dever que têm para com ele em vida... quando o cumprirem, juntar-se-ão a Drogo nas terras da noite.

Dany não queria voltar para Vaes Dothrak e viver o resto da vida entre aquelas terríveis velhas, mas sabia que o cavaleiro falava verdade. Drogo fora mais do que o seu sol-e-estrelas; fora o escudo que a mantivera a salvo.

— Não deixarei que isso aconteça — disse ela teimosamente, numa voz infeliz. Voltou a pegar-lhe na mão. — Não deixarei.

Uma agitação na aba da tenda fez Dany virar a cabeça. Mirri Maz Duur entrou, com uma profunda vénia. Dias de marcha atrás do *khalasar* tinham-na deixado coxa e descomposta, com bolhas sangrentas nos pés e covas sob os olhos. Atrás dela entraram Qotho e Haggo, transportando o cofre da esposa de deus entre ambos. Quando os companheiros de sangue repararam na ferida de Drogo, o cofre deslizou dos dedos de Haggo e tombou ao chão da tenda, e Qotho soltou uma praga tão forte que empestou o ar.

Mirri Maz Duur estudou Drogo, mantendo o rosto imóvel e morto.

— A ferida ulcerou.

— Isto é trabalho teu, *maegi* — disse Qotho. Haggo atirou o punho contra o queixo de Mirri com um estalo carnudo que a atirou ao chão. Depois pontapeou-a.

— Parai com isso! — gritou Dany.

Qotho afastou Haggo da mulher, dizendo:

— Pontapés são demasiada misericórdia para uma *maegi*. Leva-a lá para fora. Vamos prendê-la a uma estaca, para que sirva de montada a todos os homens que passarem por ela. E quando já nenhum a quiser, os cães usá-la-ão também. Doninhas rasgar-lhe-ão as entranhas e gralhas pretas deliciar-se-ão com os seus olhos. As moscas do rio depositarão os seus ovos no ventre dela, e beberão pus das ruínas dos seus seios... — Enterrou dedos

duros como ferro na carne mole e oscilante sob o braço da esposa de deus e pô-la em pé.

— Não — disse Dany. — Não a quero magoada.

Os lábios de Qotho afastaram-se dos seus dentes tortos e castanhos numa terrível caricatura de sorriso.

— Não? Dizes-me que *não*? É melhor que rezes para não te prendamos ao lado da tua *maegi*. Tu fizeste isto, tanto como a outra.

Sor Jorah interpôs-se, desapertando a espada na bainha.

— Puxa as rédeas à língua, companheiro de sangue. A princesa ainda é tua *khaleesi*.

— Só enquanto o sangue-do-meu-sangue sobreviver — disse Qotho ao cavaleiro. — Quando morrer, não é nada.

Dany sentiu um aperto no seu interior.

— Antes de ser *khaleesi*, era do sangue do dragão. Sor Jorah, chamaí o meu *khas*.

— Não — disse Qotho. — Nós saímos. Por agora... *khaleesi*. — Haggio seguiu-o, carrancudo.

— Aquele quer-vos mal, princesa — disse Mormont. — Os dothraki acreditam que um homem e os seus companheiros de sangue partilham uma vida, e Qotho vê-a a terminar. Um homem morto está para lá do medo.

— Ninguém morreu — disse Dany. — Sor Jorah, posso ter necessidade da vossa lâmina. É melhor colocardes a armadura. — Estava mais assustada do que se atrevia a admitir, até para si própria.

O cavaleiro fez uma vénia.

— Às vossas ordens. — Saiu a passos largos da tenda.

Dany virou-se para Mirri Maz Duur. Os olhos da mulher estavam prudentes.

— E assim me salvastes outra vez.

— E agora tens de o salvar a ele — disse Dany. — Por favor...

— Não se pede a uma escrava — respondeu bruscamente Mirri — diz-se-lhe. — Aproximou-se de Drogo, que ardia sobre a sua esteira, e olhou longamente para a sua ferida. — Pedir ou dizer, não faz diferença. Ele está para lá das capacidades de um curandeiro. — Os olhos do *khal* estavam fechados. Ela abriu um com os dedos. — Tem atenuado a dor com leite de papoila.

— Sim — admitiu Dany.

— Fiz-lhe um cataplasma de vagem de fogo e não-me-piques, e li-guei-o numa pele de ovelha.

— Ele dizia que ardia. Arrancou-o. As ervanárias fizeram-lhe uma nova, húmida e calmante.

— Sim, ardia. Há grande magia curativa no fogo, até os vossos homens sem cabelo sabem disso.

— Faz-lhe um novo cataplasma — pediu Dany. — Desta vez eu asseguro-me de que ele não o arranca.

— O tempo para isso passou, senhora — disse Mirri. — Tudo o que posso fazer agora é tornar mais fácil o escuro caminho que ele tem a percorrer, para que possa cavalgar sem dor para as terras da noite. Terá partido pela manhã.

As palavras da mulher foram como uma faca espetada no peito de Dany. Que tinha ela feito para tornar os deuses tão cruéis? Por fim encontrara um lugar seguro, e por fim experimentara o amor e a esperança. Finalmente estava a caminho de casa. E agora perdia tudo...

— Não — suplicou. — Salva-o, e juro que te liberto. Deves conhecer uma maneira... alguma magia, algum...

Mirri Maz Duur apoiou o peso nos calcanhares e estudou Daenerys por olhos negros como a noite.

— Existe um feitiço. — A voz era silenciosa, pouco mais que um suspiro. — Mas é duro, senhora, e escuro. Alguns diriam que a morte é mais limpa. Aprendi-o em Asshai, e paguei caro pela lição. O meu professor foi um mago de sangue vindo das Terras da Sombra.

Dany sentiu-se congelar.

— Então és mesmo uma *maegi*...

— Serei? — Mirri Maz Duur sorriu. — Só uma *maegi* pode salvar agora o vosso cavaleiro, Senhora de Prata.

— Não há nenhuma outra maneira?

— Nenhuma.

Khal Drogo soltou um arquejo trémulo.

— Fá-lo — exclamou Dany. Não podia ter medo, era do sangue do dragão. — Salva-o.

— Há um preço — preveniu-a a esposa de deus.

— Terás ouro, cavalos, o que quiseres.

— Não é questão de ouro ou cavalos. Isto é magia de sangue, senhora. Só a morte pode pagar a vida.

— A morte? — Dany enrolou protectoramente os braços em torno de si própria e balançou para trás e para a frente sobre os calcanhares. — A minha morte? — Disse a si própria que morreria por ele, se tivesse de ser. Era do sangue do dragão, não teria medo. O irmão Rhaegar morrera pela mulher que amava.

— Não — prometeu Mirri Maz Duur. — A vossa morte não, *khaleesi*.

Dany tremeu de alívio.

— Fá-lo.

A *maegi* anuiu solenemente.

— Será feito como dizeis. Chamai os vossos servos.

Khal Drogo contorceu-se debilmente quando Rakharo e Quaro o puseram no banho.

— Não — murmurou — não. Tenho de montar. — Uma vez dentro de água, toda a força pareceu escoar-se do seu corpo.

— Trazei o seu cavalo — ordenou Mirri Maz Duur, e foi o que fizeram. Jhiqui levou o grande garanhão vermelho para o interior da tenda. Quando o animal sentiu o cheiro da morte, relinchou e recuou, rolando os olhos. Foram precisos três homens para o subjugar.

— Que tencionas fazer? — perguntou Dany.

— Precisamos do sangue — respondeu Mirri. — É esse o caminho.

Jhogo afastou-se com cautela, com a mão sobre o *arakh*. Era um jovem de dezasseis anos, magro como um chicote, destemido, de riso fácil, com a leve sombra do seu primeiro bigode no lábio superior. Caiu de joelhos perante ela.

— *Khaleesi* — suplicou — não deveis fazer isto. Deixai-me matar esta *maegi*.

— Se a matares matarás o teu *khal* — disse Dany.

— Isto é magia de sangue — disse ele. — É proibido.

— Sou *khaleesi*, e digo que não é proibido. Em Vaes Dothrak, Khal Drogo matou um garanhão e eu comi o seu coração, para dar ao nosso filho força e coragem. Isto é a mesma coisa. A *mesma*.

O garanhão escoiceou e recuou quando Rakharo, Quaro e Aggo o puxaram para perto da banheira onde o *khal* flutuava como se já estivesse morto, com sangue e pus a escorrer da sua ferida para ir sujar as águas. Mirri Maz Duur entoou um cântico com palavras numa língua que Dany não conhecia, e uma faca surgiu-lhe na mão. Dany não chegou a ver de onde a retirou. Parecia velha; bronze vermelho batido, em forma de folha, com a lâmina coberta de antigos glifos. A *maegi* empurrou-a através da garganta do garanhão, sob a sua nobre cabeça, e o cavalo gritou e estremeceu enquanto o sangue jorrava numa torrente vermelha. Teria caído, mas os homens do *khas* de Dany mantiveram-no sobre as patas.

— Força da montada, passa para o cavaleiro — cantou Mirri enquanto o sangue do cavalo voluteava para dentro das águas do banho de Drogo. — Força do animal, passa para o homem.

Jhogo parecia aterrorizado enquanto lutava contra o peso do garanhão, com medo de tocar na carne morta, mas também com medo de a largar. *É só um cavalo*, pensou Dany. Se podia comprar a vida de Drogo com a morte de um cavalo, pagaria esse preço mil vezes.

Quando deixaram o garanhão cair, o banho estava vermelho escuro, e nada se via de Drogo a não ser o seu rosto. Mirri Maz Duur não precisava da carcaça.

— Queimai-a — disse-lhes Dany. Sabia que era o que faziam. Quando um homem morria, a montada era morta e colocada sob o seu corpo na pira funerária, a fim de o transportar para as terras da noite. Os homens do seu *khas* arrastaram a carcaça para fora da tenda. Havia sangue por todo o lado. Até as paredes de sedareia estavam manchadas de vermelho, e as esteiras sob os seus pés estavam negras e húmidas.

Foram acesos braseiros. Mirri Maz Duur atirou um pó vermelho sobre os carvões. Dava ao fumo um odor a especiaria, um cheiro bastante agradável, mas Eroeh fugiu aos soluços, e Dany encheu-se de medo. Mas fora demasiado longe para voltar atrás agora. Mandou as aias embora.

— Ide com elas, Senhora de Prata — disse-lhe Mirri Maz Duur.

— Eu fico — disse Dany. — O homem possuiu-me sob as estrelas e deu vida à criança que trago dentro de mim. Não o abandonarei.

— Tendes de o fazer. Quando eu começar a cantar, ninguém deve entrar nesta tenda. A minha canção acordará poderes antigos e escuros. Os mortos dançarão aqui esta noite. Nenhum vivente deve olhá-los.

Dany inclinou a cabeça, impotente.

— Ninguém entrará. Dobrou-se sobre a banheira, sobre Drogo e o seu banho de sangue, e beijou-o suavemente na testa. — Trá-lo de volta para mim — sussurrou a Mirri Maz Duur antes de sair.

Lá fora, o sol estava baixo no horizonte, e o céu era de um vermelho ferido. O *khalasar* acampara. Havia tendas e esteiras de dormir até onde o olhar chegava. Soprava um vento quente. Jhogo e Aggo cavavam um buraco de fogo, para incinerar o garanhão morto. Reunira-se uma multidão para olhar Dany com olhos negros e duros, com rostos como máscaras de cobre martelado. Viu Sor Jorah Mormont, trazendo agora cota de malha e couro, com a larga testa de quem vai perdendo cabelo salpicada de suor. Sor Jorah abriu caminho aos empurrões por entre os dothraki para se pôr ao lado de Dany. Quando viu as pegadas escarlate que as botas dela tinham deixado no chão, a cor pareceu escoar-lhe do rosto.

— Que fizestes, pequena louca? — perguntou ele em voz rouca.

— Tinha de o salvar.

— Podíamos ter fugido — disse ele. — Podia ter-vos levado a salvo até Asshai, princesa. Não havia necessidade...

— Sou deveras vossa princesa? — perguntou-lhe ela.

— Sabeis que sim, que os deuses nos salvem a ambos.

— Então ajudai-me agora.

Sor Jorah fez uma careta.

— Bem gostaria de saber como.

A voz de Mirri Maz Duur ergueu-se num lamento agudo e ululante que enviou um arrepio pelas costas de Dany abaixo. Alguns dos dothraki começaram a resmungar e a recuar. A tenda brilhava com a luz vinda dos braseiros que tinha no interior. Através da sedareia salpicada de sangue, Dany viu sombras que se moviam.

Mirri Maz Duur dançava, e não estava só.

Dany viu um medo nu nos rostos dos dothraki.

— Isto *não pode ser* — trovejou Qotho.

Não vira o companheiro de sangue regressar. Tinha Haggo e Cohollo com ele. Haviam trazido os homens sem cabelo, os eunucos que curavam com facas, agulhas e fogo.

— Isto *será* — respondeu Dany.

— *Maegi* — rosnou Haggo. E o velho Cohollo — o Cohollo que ligara a vida à de Drogo no dia do seu nascimento, o Cohollo que sempre fora bondoso com ela — Cohollo cuspiu-lhe em cheio na cara.

— Morrerás, *maegi* — prometeu Qotho — mas a outra tem de morrer primeiro. — Puxou pelo *arakh* e dirigiu-se à tenda.

— Não — gritou Dany — não *podes*. — Pegou-lhe no ombro, mas Qotho empurrou-a. Dany caiu de joelhos, cruzando os braços sobre a barreira para proteger a criança que tinha lá dentro. — Parai-o — ordenou ao seu *khas* — matai-o.

Rakharo e Quaro encontravam-se ao lado da aba da tenda. Quaro deu um passo em frente, levando a mão ao cabo do chicote, mas Qotho rodopiou, gracioso como uma bailarina, fazendo subir o *arakh* curvo. A lâmina apanhou Quaro debaixo do braço, o brilhante aço afiado cortou couro e pele, cortou músculo e osso da costela. Jorrou sangue quando o jovem cavaleiro cambaleou para trás, arquejando.

Qotho libertou a lâmina.

— *Senhor dos cavalos* — chamou Sor Jorah Mormont. — Tenta comigo. — A sua espada longa deslizou da sua bainha.

Qotho rodopiou, praguejando. O *arakh* moveu-se tão depressa que o sangue de Quaro foi projectado num borrifão fino, como chuva num vento quente. A espada parou-o a trinta centímetros do rosto de Sor Jorah, e segurou-o, estremecendo, por um instante enquanto Qotho uivava de fúria. O cavaleiro estava revestido por cota de malha, com manoplas e grevas de aço articulado e um pesado gorjal em volta da garganta, mas não se lembrara de colocar o elmo.

Qotho dançou para trás, fazendo girar o *arakh* por cima da cabeça numa mancha cintilante, brilhando como um relâmpago quando o cavaleiro arremeteu numa investida. Sor Jorah fez a melhor parada que foi capaz,

mas os golpes sucediam-se tão depressa que parecia a Dany que Qotho tinha quatro *arakhs* noutras tantas mãos. Ouviu o barulho de uma espada a atingir cota de malha, viu faíscas a saltar quando a longa lâmina curva atingiu de raspão uma manopla. De súbito, era Mormont que tropeçava para trás e Qotho que saltava para um ataque. O lado esquerdo da cara do cavaleiro ficou vermelho de sangue e um golpe abriu uma fenda na cota de malha e deixou-o a coxear. Qotho gritou-lhe insultos, chamando-lhe cobarde, homem de leite, eunuco num fato de ferro.

— Vais morrer agora! — prometeu, com o *arakh* a tremer no oco vermelho. Dentro do ventre de Dany, o seu filho deu um pontapé selvagem. A lâmina curva esquivou-se à direita e mordeu profundamente a anca do cavaleiro, onde a cota de malha fora cortada.

Mormont grunhiu, tropeçou. Dany sentiu uma dor aguda na barriga, uma sensação húmida nas coxas. Qotho berrou de triunfo, mas o seu *arakh* embatera em osso, e durante meio segundo ficou preso.

Foi o bastante. Sor Jorah fez cair a sua espada com toda a força que lhe restava, fazendo-a cortar pele, músculo e osso, e o braço de Qotho pendeu solto, baloiçando preso a um fino cordão de pele e tendões. O golpe seguinte do cavaleiro foi dirigido à orelha do dothraki, e levava tanta fúria que a cara de Qotho quase pareceu explodir.

Os dothraki gritavam, Mirri Maz Duur uivava dentro da tenda como se não tivesse nada de humano, Quaro pedia água enquanto morria. Dany gritou por ajuda, mas ninguém a ouviu. Rakharo lutava com Haggo, *arakh* dançando com *arakh* até que o chicote de Jhogo estalou, sonoro como um trovão, enrolando-se em volta da garganta de Haggo. Um puxão, e o companheiro de sangue tropeçou para trás, perdendo o equilíbrio e a espada. Rakharo saltou para diante, uivando, empurrando o *arakh* para baixo com ambas as mãos através do topo da cabeça de Haggo. A ponta prendeu-se entre os seus olhos, vermelha e a estremecer. Alguém atirou uma pedra, e quando Dany olhou tinha o ombro rasgado e ensanguentado.

— Não — chorou — não, por favor, porem, é demasiado, o preço é demasiado. — Mais pedras vieram pelo ar. Tentou rastejar na direcção da tenda, mas Cohollo apanhou-a. Com os dedos no seu cabelo, puxou-lhe a cabeça para trás, e Dany sentiu o frio toque da faca dele na sua garganta. — O meu bebé — gritou, e os deuses talvez tivessem ouvido, pois no mesmo instante Cohollo morreu. A seta de Aggo atingiu-o debaixo do braço e trespassou-lhe os pulmões e o coração.

Quando por fim Daenerys encontrou forças para erguer a cabeça, viu a multidão a dispersar, os dothraki a esgueirar-se em silêncio de volta às suas tendas e esteiras de dormir. Alguns selavam cavalos, montavam e afastavam-se. O sol pusera-se. Fogueiras ardiam por todo o *khalasar*, grandes

chamas cor de laranja que crepitavam com fúria e cuspiam faúlhas para o céu. Tentou erguer-se, e uma dor imensa capturou-a e esmagou-a como o punho de um gigante. Ficou sem fôlego; não conseguiu fazer mais do que arquejar. O som da voz de Mirri Maz Duur era como uma endecha. Dentro da tenda, as sombras rodopiavam.

Sentiu um braço sob a cintura, e Sor Jorah ergueu-a. Tinha o rosto pegajoso de sangue, e Dany viu que metade da sua orelha tinha desaparecido. Sofreu uma convulsão nos seus braços quando a dor a voltou a submergir, e ouviu o cavaleiro gritar para que as aias o ajudassem. *Têm todos assim tanto medo?* Conhecia a resposta. Outra dor a assaltou, e Dany reprimiu um grito. Era como se o seu filho tivesse uma faca em cada mão, como se a estivesse a golpear para abrir caminho para o exterior.

— Doreah, maldita seja — rugiu Sor Jorah. — Anda cá. Vai buscar as parteiras.

— Elas não virão. Dizem que ela está amaldiçoada.

— Se não vierem, arranco-lhes as cabeças.

— Elas foram-se embora, senhor — chorou Doreah.

— A *maegi* — disse alguém. Teria sido Aggo? — Levai-a à *maegi*.

Não, quis dizer Dany, não, isso não, não podem, mas quando abriu a boca escapou dela um longo lamento de dor, e surgiu suor na sua pele. *Que se passa com eles, não vêem?* Dentro da tenda, as formas dançavam, rodeando o braseiro e o banho sangrento, escuras contra a sedareia, e algumas não pareciam humanas. Vislumbrou a sombra de um grande lobo, e uma outra que era como um homem envolvido em chamas.

— A Mulher-Ovelha conhece os segredos da cama de partos — disse Irri. — Foi ela que o disse, eu ouvi-a.

— Sim — concordou Doreah — também a ouvi.

Não, gritou Dany, ou talvez tivesse apenas pensado em gritar, pois nem um sussurro lhe escapou de entre os lábios. Transportavam-na. Os seus olhos abriram-se para um céu vazio e morto, negro, triste e sem estrelas. *Por favor, não*. O som da voz de Mirri Maz Duur ficou mais forte até encher o mundo. *As formas!* gritou. *Os dançarinos!*

Sor Jorah entrou com ela na tenda.

Asas ensombraram os seus sonhos febris.

— *Tu não queres acordar o dragão, pois não?*

Caminhava por um longo corredor sob grandes arcos de pedra. Não devia olhar para trás, não *podia* olhar para trás. À frente havia uma porta, minúscula na distância, mas mesmo de longe viu que estava pintada de vermelho. Caminhou mais depressa, e os seus pés nus deixaram pegadas sangrentas na pedra.

— *Tu não queres acordar o dragão, pois não?*

Viu a luz do sol no mar dothraki, na planície viva, rica com os odores da terra e da morte. O vento agitava as ervas, que ondulavam como água. Drogo envolvia-a em braços fortes, e a mão dele afagou-lhe o sexo e abriu-o, e acordou aquela doce humidade que era só dele, e as estrelas sorriram-lhes, estrelas num céu diurno. “Casa” sussurrou ela quando ele a penetrou e a encheu com a sua semente, mas de súbito as estrelas desapareceram, e as grandes asas varreram o céu azul e o mundo pegou fogo.

— *...não queres acordar o dragão, pois não?*

O rosto de Sor Jorah estava contraído e desgostoso. “Rhaegar foi o último dragão”, disse-lhe. Aquecia mãos translúcidas num braseiro brilhante onde ovos de pedra cintilavam vermelhos como carvões. Num momento estava ali, e no seguinte desvanecia-se, sem cor na pele, menos substancial do que o vento. “O último dragão” sussurrou, em voz frágil como uma palhinha, e desapareceu. Dany sentiu a escuridão atrás de si, e a porta vermelha parecia mais longínqua do que nunca.

— *...não queres acordar o dragão, pois não?*

Viserys estava à sua frente, gritando. “O dragão não pede, puta. Tu não dás ordens ao dragão. Eu sou o dragão, e serei coroado”. O ouro derretido escorria-lhe pela cara como cera, abrindo profundos canais na sua carne. “Eu sou o dragão e serei coroado!”, guinchou, e os seus dedos saltaram como serpentes, mordendo-lhe os mamilos, beliscando, torcendo, mesmo depois dos seus olhos rebentarem e escorrerem como gelatina por bochechas secas e enegrecidas.

— *...não queres acordar o dragão...*

A porta vermelha estava tão longe à sua frente, e Dany sentia a respiração gelada atrás, aproximando-se pesadamente. Se a apanhasse, morreria uma morte que seria mais que morte, uivando para sempre sozinha na escuridão. Pôs-se a correr.

— ...*não queres acordar o dragão...*

Conseguia sentir o calor dentro de si, um terrível ardor no ventre. O seu filho era alto e orgulhoso, com a pele acobreada de Drogo e o cabelo louro prateado dela, com olhos violeta em forma de amêndoas. E sorriu-lhe, e começou a erguer a mão na direcção da dela, mas quando abriu a boca o fogo jorrou. Viu o coração a arder-lhe no peito, e num instante ele desaparecera, consumido como uma traça por uma vela, transformado em cinzas. Chorou pelo filho, pela promessa de uma boca querida no seu seio, mas as lágrimas transformaram-se em vapor quando lhe tocaram a pele.

— ...*queres acordar o dragão...*

Fantasmas alinhavam-se ao longo do corredor, vestidos com as vestes desbotadas de reis. Nas mãos traziam espadas de fogo pálido. Tinham cabelos de prata, cabelos de ouro e cabelos brancos de platina, e os seus olhos eram de opala e ametista, de turmalina e jade. “Mais depressa”, gritaram “mais depressa, mais depressa”. Ela correu, com os pés a derreter a pedra onde a tocavam. “*Mais depressa!*” gritavam os fantasmas como se fossem um só, e ela gritou e atirou-se em frente. Uma grande faca de dor rasgou-lhe as costas e sentiu a pele a abrir-se, cheirou o fedor de sangue a arder e viu a sombra de asas. E Daenerys Targaryen levantou voo.

— ...*acordar o dragão...*

A porta erguia-se na sua frente, a porta vermelha, tão próxima, tão próxima, o corredor era uma mancha à sua volta, o frio ficava para trás. E agora já não havia pedra, e ela voava pelo mar dothraki, cada vez mais alto, com o verde a ondular por baixo, e tudo o que vivia e respirava fugia aterrorizado da sombra das suas asas. Conseguia sentir o cheiro de casa, conseguia vê-la, ali, mesmo por trás daquela porta, campos verdejantes e grandes casas de pedra e braços que a mantivessem quente, *ali*. Escancarou a porta.

— ...*o dragão...*

E viu o irmão Rhaegar, montado num garanhão tão negro como a sua armadura. Fogo cintilava, vermelho, através da fenda estreita da viseira do seu elmo. “O último dragão” sussurrou, ténue, a voz de Sor Jorah. “O último, o último.” Dany ergueu o polido visor negro do irmão. O rosto que estava lá dentro era o dela.

Depois daquilo, durante muito tempo, só houve dor, o fogo no seu interior, e os sussurros das estrelas.

Acordou sentindo o sabor das cinzas.

— Não — gemeu — por favor, não.

— *Khaleesi?* — Jhiqui pairou sobre ela, uma corça assustada.

A tenda estava ensopada em sombras, silenciosa e fechada. Flocos de

cinzas saltavam de um braseiro e Dany seguiu-os com os olhos enquanto atravessavam o buraco do fumo, no topo da tenda. *Voar*, pensou. *Tinha asas, estava a voar*. Mas fora apenas um sonho.

— Ajuda-me — sussurrou, lutando por se erguer. — Traz-me — Tinha a voz em sangue como uma ferida, e não conseguia pensar no que queria. Porque doía tanto? Era como se o seu corpo tivesse sido rasgado às fatias e reconstruído. — Quero...

— Sim, *Khaleesi*. — E nesse mesmo instante, Jhiqui partira, saltando da tenda, aos gritos. Dany precisava... de alguma coisa... de alguém... de quê? Sabia que era importante. Era a única coisa do mundo que importava. Rolou de lado e pôs um cotovelo sob o corpo, lutando contra a manta que se lhe emaranhava nas pernas. Mexer-se era tão difícil. O mundo nadou, entontecido. *Tenho de...*

Encontraram-na caída sobre o tapete, rastejando na direcção dos seus ovos de dragão. Sor Jorah Mormont ergueu-a nos braços e levou-a de volta às sedas de dormir, enquanto ela lutava debilmente contra ele. Por cima do ombro do cavaleiro, viu as suas três aias, Jhogo com a sua pequena sombra de bigode, e a cara larga e achatada de Mirri Maz Duur.

— Tenho — tentou dizer-lhes — preciso de...

— ... dormir, princesa — disse Sor Jorah.

— Não — disse Dany. — Por favor. Por favor.

— Sim. — Cobriu-a com seda apesar dela estar a arder. — Dormi e ficai de novo forte, *khaleesi*. Voltai para nós. — E então Mirri Maz Duur estava ali, a *maegi*, inclinando uma taça contra os seus lábios. Soube-lhe a leite azedo, e a mais qualquer coisa, algo espesso e amargo. Líquido quente escorreu-lhe pelo queixo. Sem saber bem como, engoliu. A tenda ficou mais sombria, e o sono tomou-a de novo. Desta vez não sonhou. Flutuou, serena e em paz, num mar negro que não conhecia litorais.

Depois de algum tempo — uma noite, um dia, um ano, não saberia dizer — voltou a acordar. A tenda estava escura, com as paredes de seda a bater como asas quando as rajadas de vento sopravam lá fora. Daquela vez, Dany não tentou levantar-se.

— Irri — chamou — Jhiqui, Doreah. — Chegaram imediatamente. — Tenho a garganta seca — disse — tão seca — e trouxeram-lhe água. Estava tépida e sem sabor, mas Dany bebeu sofregamente e mandou Jhiqui buscar mais. Irri humedeceu um pano suave e afagou-lhe a testa. — Estive doente — disse Dany. A rapariga dothraki confirmou com um gesto. — Quanto tempo? — O pano era calmante, mas Irri parecia tão triste que a assustou.

— *Muito* — sussurrou a rapariga. Quando Jhiqui regressou com mais água, Mirri Maz Duur veio com ela, com olhos pesados de sono.

— Bebei — disse a *maegi*, voltando a levantar a cabeça de Dany até à taça, mas desta vez era só vinho. Doce, doce vinho. Dany bebeu, e voltou a deitar-se, ouvindo o som suave da sua própria respiração. Sentiu o peso nos membros quando o sono deslizou para a voltar a encher.

— Traz-me... — murmurou, com a voz entaramelada e sonolenta.
— Traz... quero segurar...

— Sim? — perguntou a *maegi*. — Que desejais, *khaleesi*?

— Traz-me... ovo... ovo de dragão... por favor... — As pestanas transformaram-se-lhe em chumbo, e ficou demasiado cansada para as segurar.

Quando acordou da terceira vez, um dardo de luz dourada do sol jorrava pelo buraco de fumo da tenda, e tinha os braços enrolados em volta de um ovo de dragão. Era o mais claro, com escamas da cor de creme de manteiga, com veios em volutas de ouro e bronze, e Dany conseguia sentir-lhe o calor. Sob as sedas de dormir, uma fina película de transpiração cobria-lhe a pele nua. Orvalho de dragão, pensou. Passou levemente com os dedos sobre a superfície da casca, seguindo as volutas de ouro, e na profundidade da rocha sentiu que algo se torcia e esticava em resposta. Não a assustou. Todo o seu medo tinha desaparecido, ardera.

Dany tocou a testa. Sob a película de suor, a pele estava fria ao toque, a febre desaparecera. Obrigou-se a sentar-se. Houve um momento de tontura, e uma dor profunda entre as coxas. Mas sentia-se forte. As aias acorreram ao som da sua voz.

— Água — disse-lhes — um jarro de água, o mais fria que consigam encontrar. E fruta, acho eu. Tâmaras.

— Às vossas ordens, *khaleesi*.

— Quero ver Sor Jorah — disse, pondo-se em pé. Jhiqui trouxe-lhe um roupão de sedareia e envolveu-lhe os ombros com ele. — E também quero um banho quente, e Mirri Maz Duur, e... — As recordações chegaram-lhe todas ao mesmo tempo, e ela vacilou. — Khal Drogo — forçou-se a dizer, observando os rostos delas com terror. — Ele...?

— O *khal* vive — respondeu Irri em voz baixa... mas Dany viu-lhe uma escuridão nos olhos quando disse as palavras, e assim que acabou de falar, a rapariga fugiu para ir buscar água.

Dany virou-se para Doreah.

— Conta-me.

— Eu... eu vou buscar Sor Jorah — disse a rapariga lisena, inclinando a cabeça e fugindo da tenda.

Jhiqui teria fugido também, mas Dany segurou-a pelo pulso e manteve-a presa.

— Que se passa? Tenho de saber. Drogo... e o meu filho. — Porque

não se teria lembrado da criança até agora? — O meu filho... Rhaego... onde está ele? Quero vê-lo.

A aia baixou os olhos.

— O rapaz... não sobreviveu, *khaleesi*. — A voz dela era um murmúrio assustado.

Dany soltou-lhe o pulso. *O meu filho está morto*, pensou enquanto Jhiqui saía da tenda. De algum modo, já o sabia. Soubera desde que acordara pela primeira vez para as lágrimas de Jhiqui. Não, soubera-o antes de acordar. O sonho regressou-lhe, súbito e vívido, e lembrou-se do homem alto com a pele acobreada e a longa cabeleira de prata dourada, rebentando em chamas.

Sabia que devia chorar, mas tinha os olhos secos como cinza. Chorara no sonho, e as lágrimas tinham-se-lhe transformado em vapor na cara. *Todo o desgosto foi queimado em mim*, disse a si própria. Sentia-se triste, e no entanto... conseguia sentir Rhaego a afastar-se dela, como se nunca tivesse existido.

Sor Jorah e Mirri Maz Duur entraram alguns momentos mais tarde, e deram com Dany em pé junto aos outros ovos de dragão, os que ainda estavam dentro do cofre. Pareciam-lhe tão quentes como aquele com que dormira, o que era muito estranho.

— Sor Jorah, vinde cá — disse. Tomou-lhe a mão e pousou-a no ovo negro com as volutas escarlates. — O que sentis?

— Casca, dura como pedra. — O cavaleiro estava cauteloso. — Escamas.

— Calor?

— Não. Pedra fria. — afastou a mão. — Princesa, estais bem? Devíeis estar a pé, assim tão fraca?

— Fraca? Sinto-me forte, Jorah. — Para lhe agradecer, reclinou-se numa pilha de almofadas. — Contai-me como o meu filho morreu.

— Não chegou a viver, minha princesa. As mulheres dizem... — vacilou, e Dany reparou como a pele pendia solta no seu corpo, e como coxeava quando se movia.

— Contai-me. Contai-me o que as mulheres dizem.

Ele afastou a cara. Tinha os olhos assombrados.

— Elas dizem que a criança era...

Dany esperou, mas Sor Jorah não foi capaz de o dizer. A sua cara escurceu de vergonha. Ele próprio parecia quase um cadáver.

— Monstruosa — terminou Mirri Maz Duur por ele. O cavaleiro era um homem poderoso, mas Dany compreendeu naquele momento que a *maegi* era mais forte, e mais cruel, e infinitamente mais perigosa. — Deformada. Fui eu própria quem a puxou. Tinha escamas como um lagarto, era

cega, trazia um vestígio de cauda e pequenas asas de couro como as asas de um morcego. Quando lhe toquei, a carne desprendeu-se do osso, e por dentro estava cheia de vermes e fedia a decomposição. Estava morta havia anos.

Escuridão, pensou Dany. A terrível escuridão que vinha por trás para a devorar. Se olhasse para trás, estaria perdida.

— O meu filho estava vivo e forte quando Sor Jorah me trouxe para esta tenda — disse. — Sentia-o a dar pontapés, a lutar por nascer.

— Pode ser que sim, pode ser que não — respondeu Mirri Maz Duur — mas a criatura que saiu do vosso ventre era como eu disse. Havia morte naquela tenda, *khaleesi*.

— Só sombras — desvendou Sor Jorah, mas Dany conseguia ouvir-lhe a dúvida na voz. — Eu vi, *maegi*. Vi-te, sozinha, a dançar com as sombras.

— A sepultura produz longas sombras, Senhor de Ferro — disse Mirri. — Longas e escuras, e no fim nenhuma luz lhes consegue resistir.

Dany sabia que Sor Jorah lhe matara o filho. Fizera o que fizera por amor e lealdade, mas transportara-a para um lugar onde nenhum homem vivo devia ir e entregara o seu filho às trevas. Ele também o sabia; o rosto cinzento, os olhos vazios, o coxear.

— As sombras também vos tocaram, Sor Jorah — disse-lhe ela. O cavaleiro não deu resposta. Dany virou-se para a esposa de deus. — Preveniste-me de que só a morte podia pagar pela vida. Pensei que te referisses ao cavalo.

— Não — disse Mirri Maz Duur. — Isso foi uma mentira que contastes a vós própria. Conheceis o preço.

Conhecia? Conhecia? *Se olhar para trás estou perdida*.

— O preço foi pago — disse Dany. — O cavalo, o meu filho, Quaro e Qotho, Haggo e Cohollo. O preço foi pago, pago e pago. — Ergueu-se das almofadas. — Onde está Khal Drogo? Mostra-mo, esposa de deus, *maegi*, maga de sangue, o que quer que sejas. Mostra-me Khal Drogo. Mostra-me o que comprei com a vida do meu filho.

— Às vossas ordens, *khaleesi* — disse a velha. — Vinde, levar-vos-ei até ele.

Dany estava mais fraca do que julgara. Sor Jorah pôs um braço em seu redor e ajudou-a a ficar em pé.

— Há tempo que baste para isto mais tarde, princesa — disse ele em voz baixa.

— Quero vê-lo agora, Sor Jorah.

Depois da escuridão da tenda, o mundo lá fora era tão brilhante que cegava. O sol queimava como ouro derretido, e a terra estava seca e

vazia. As aias esperavam com fruta, vinho e água, e Jhogo aproximou-se para ajudar Sor Jorah a suportar-lhe o peso. Aggo e Rakharo seguiam atrás. O clarão do sol na areia fez com que lhe fosse difícil ver mais, até Dany erguer uma mão para dar sombra aos olhos. Viu as cinzas de uma fogueira, alguns cavalos que andavam às voltas, apaticamente, em busca de um pouco de erva, tendas e esteiras espalhadas. Uma pequena multidão de crianças reunira-se para a ver, e atrás delas vislumbrou mulheres que tratavam dos seus deveres e velhos mirrados que olhavam o céu azul uniforme com olhos cansados, enxotando fracamente moscas de sangue. Uma contagem mostraria umas cem pessoas, não mais. Onde as outras quarenta mil tinham montado acampamento, só o vento e a poeira restavam agora.

— O *khalasar* de Drogo desapareceu — disse ela.

— Um *khal* que não pode montar não é um *khal* — disse Jhogo.

— Os dothraki seguem apenas os fortes — disse Sor Jorah. — Lamento, minha princesa. Não havia maneira de os deter. Ko Pono foi o primeiro a partir, chamando-se a si mesmo Khal Pono, e muitos seguiram-no. Jhaqo não esperou muito tempo para fazer o mesmo. O resto foi-se esgueirando noite após noite, em bandos grandes e pequenos. Há uma dúzia de novos *khalasares* no mar dothraki, no lugar que em tempos foi apenas de Drogo.

— Os velhos ficaram — disse Aggo. — os assustados, os fracos e os doentes. E nós, que jurámos. Nós ficámos.

— Levaram as manadas de Khal Drogo, *khaleesi* — disse Rakharo. — Não éramos suficientes para o impedir. É direito dos fortes roubar dos fracos. Levaram também muitos escravos, do *khal* e vossos, mas deixaram alguns.

— Eroeh? — perguntou Dany, lembrando-se da criança assustada que salvara fora da cidade dos Homens-Ovelhas.

— Mago, que é agora companheiro de sangue de Khal Jhaqo, capturou-a para si — disse Jhogo. — Montou-a por cima e por baixo e deu-a ao seu *khal*, e Jhaqo deu-a aos seus outros companheiros de sangue. Eram seis. Quando ficaram satisfeitos, cortaram-lhe a garganta.

— Foi o destino dela, *khaleesi* — disse Aggo.

Se olhar para trás, estou perdida.

— Foi um destino cruel — disse Dany — mas não tão cruel como será o de Mago. Prometo, pelos velhos deuses e pelos novos, pelo deus-ovelha e pelo deus-cavalo e por todos os deuses que vivem. Juro pela Mãe das Montanhas e o Ventre do Mundo. Antes de acabar com eles, Maggo e Ko Jhaqo suplicarão pela clemência que mostraram a Eroeh.

Os dothraki trocaram olhares inseguros.

— *Khaleesi* — explicou a aia Irri, como se estivesse a falar com uma

criança. — Jhaqo é agora um *khal*, à frente de vinte mil cavaleiros.

Dany ergueu a cabeça.

— E eu sou Daenerys, Nascida na Tempestade, Daenerys da Casa Targaryen, do sangue de Aegon, o Conquistador, e Maegor, o Cruel, e da velha Valíria antes deles. Sou a filha do dragão, e, juro-vos, esses homens morrerão aos gritos. Agora levai-me a Khal Drogo.

Jazia sobre a terra vermelha e nua, de olhos fixos no sol.

Uma dúzia de moscas de sangue pousara no seu corpo, embora ele não parecesse senti-las. Dany enxotou-as e ajoelhou-se a seu lado. Os olhos dele estavam muito abertos, mas não viam, e ela compreendeu de imediato que Drogo se encontrava cego. Quando sussurrou o seu nome, não pareceu ouvir. A ferida no peito estava tão curada como estaria algum dia, com a cicatriz que a cobria cinzenta e vermelha e hedionda.

— Porque está ele aqui sozinho ao sol? — perguntou-lhes.

— Parece gostar do calor, princesa — disse Sor Jorah. — Os seus olhos seguem o sol, embora não o veja. Consegue fazer algo semelhante a andar. Vai para onde o levam, mas não mais longe. Come se lhe puserem comida na boca e bebe se lhe escorrerem água para os lábios.

Dany beijou o seu sol-e-estrelas suavemente na testa, e ergueu-se para encarar Mirri Maz Duur.

— Os teus feitiços são caros, *maegi*.

— Ele vive — disse Mirri Maz Duur. — Pedistes vida, pagastes por vida.

— Isto não é vida para quem era como Drogo. A sua vida era gargalhadas e carne a assar numa fogueira, e um cavalo entre as suas pernas. A sua vida era um *arakh* na mão e as campainhas a tinir no cabelo enquanto cavalgava ao encontro de um inimigo. A sua vida era os seus companheiros de sangue, e eu, e o filho que lhe devia ter dado.

Mirri Maz Duur não deu resposta.

— Quando voltará a ser como era? — quis saber Dany.

— Quando o sol nascer a ocidente e se puser a oriente — disse Mirri Maz Duur. — Quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas. Quando o vosso ventre voltar a ganhar vida e deres à luz um filho vivo. Então, e não antes, ele regressará.

Dany fez um gesto para Sor Jorah e os outros.

— Deixai-nos. Quero falar a sós com esta *maegi*. — Mormont e os dothraki retiraram-se. — Tu *sabias* — disse Dany depois deles se irem embora. Sentia dor, por dentro e por fora, mas a fúria dava-lhe forças. — Tu sabias o que eu estava a comprar, e conhecias o preço, e mesmo assim deixaste-me pagá-lo.

— Foi errado da parte deles terem queimado o meu templo — dis-

se placidamente a pesada mulher de nariz achatado. — Isso enfureceu o Grande Pastor.

— Isto não foi trabalho de nenhum deus — disse friamente Dany. *Se olhar para trás estou perdida.* — Enganaste-me. Assassinate o meu filho dentro de mim.

— O garanhão que monta o mundo já não queimará cidades. O seu *khalasar* não transformará nações em poeira.

— Eu intervim por ti — disse Dany, angustiada. — Salvei-te.

— Salvaste-me? — cuspiu a lhazarena. — Três guerreiros já me tinham possuído, não como um homem possui uma mulher, mas por trás, como um cão possui uma cadela. O quarto estava dentro de mim quando passaste por ali. Como foi que me salvaste? Vi a casa do meu deus arder, o lugar onde curei homens bons sem conta. Também me queimaram a casa, e na rua vi pilhas de cabeças. Vi a cabeça de um padeiro que me fazia o pão. Vi a cabeça de um rapaz que salvei da febre do olho morto só há três luas. Ouvi crianças a chorar quando os guerreiros as arrancaram de casa à chicotada. Diz-me lá outra vez o que salvaste.

— A tua vida.

Mirri Maz Duur soltou uma gargalhada cruel.

— Olha para o teu *khal* e vê de que serve a vida quando tudo o resto desapareceu.

Dany chamou os homens do seu *khas* e pediu-lhes para prender Mirri Maz Duur e a atarem de pés de mãos, mas a *maegi* sorriu-lhe quando a levaram, como se partilhassem um segredo. Uma palavra, e Dany podia ter feito com que a decapitassem... mas o que teria então? Uma cabeça? Se a vida não tinha valor, que valor tinha a morte?

Levaram Khal Drogo até à sua tenda, e Dany ordenou-lhes que enchessem uma banheira, e desta vez não houve sangue na água. Foi ela própria a dar-lhe banho, lavando-lhe a terra e o pó dos braços e peito, limpando-lhe o rosto com um pano suave, ensopando o seu longo cabelo negro e escovando-lhe os nós e enredos até ficar de novo brilhante como o recordava. Quando acabou, o sol já se tinha posto há muito, e Dany estava exausta. Parou para beber e comer, mas só conseguiu morder um figo e engolir um gole de água. O sono teria sido uma libertação, mas já dormira o suficiente... em verdade, demasiado. Devia aquela noite a Drogo, por todas as noites que tinham existido e ainda podiam existir.

A memória da primeira cavalgada juntos acompanhou-a quando o levou para a escuridão do exterior, pois os dothraki acreditavam que todas as coisas de importância na vida de um homem tinham de ser realizadas a céu aberto. Disse a si própria que havia poderes mais fortes que o ódio, e feitiços mais velhos e verdadeiros do que qualquer um que a *maegi* tivesse

aprendido em Asshai. A noite estava negra e sem lua, mas por cima da sua cabeça mil estrelas ardiam, brilhantes. Tomou aquilo como um presságio.

Nenhum suave cobertor de erva lhes deu ali as boas-vindas, só o chão duro e poeirento, nu e semeado de pedras. Não havia árvores a agitar-se ao vento, e não havia um ribeiro que lhe acalmasse os medos com a música suave da água. Dany disse a si própria que as estrelas bastariam.

— Lembra-te, Drogo — murmurou. — Lembra-te da nossa primeira cavalgada juntos, no dia em que casámos. Lembra-te da noite em que fizemos Rhaego, com o *khalasar* à nossa volta e os teus olhos no meu rosto. Lembra-te de como a água estava fria e limpa no Ventre do Mundo. Lembra-te, meu sol-e-estrelas. Lembra-te e volta para mim.

O nascimento tinha-a deixado demasiado dorida e rasgada para o introduzir dentro de si, como teria desejado, mas Doreah ensinara-lhe outras maneiras. Dany usou as mãos, a boca, os seios. Arranhou-o com as unhas, cobriu-o de beijos e segredou-lhe, rezou e contou-lhe histórias, e quando terminou tinha-o banhado com as suas lágrimas. Mas Drogo nem sentiu, nem falou, nem se ergueu.

E quando a alvorada sem vida surgiu num horizonte vazio, Dany compreendeu que ele estava realmente perdido.

— Quando o sol nascer a oeste e se puser a leste — disse tristemente. — Quando os mares secarem e as montanhas forem sopradas pelo vento como folhas. Quando o meu ventre voltar a ganhar vida e der à luz um filho vivo. Então regressarás, meu sol-e-estrelas, e não antes.

Nunca, gritou a escuridão, *nunca nunca nunca*.

Dentro da tenda, Dany encontrou uma almofada, de seda suave estofada de penas. Apertou-a contra os seios enquanto regressava para junto de Drogo, para junto do seu sol-e-estrelas. *Se olhar para trás estou perdida*. Até andar lhe doía, e queria dormir, dormir e não sonhar.

Ajoelhou, beijou Drogo nos lábios, e apertou a almofada contra o seu rosto.

A terra era vermelha, morta e ressequida, e era difícil encontrar boa madeira. Os forrageadores regressaram com algodoeiros nodosos, arbustos roxos, feixes de erva castanha. Abateram as duas árvores menos retorcidas, desbastaram-lhes os ramos, arrancaram-lhes a casca e dividiram-nas, dispondo os toros em quadrado. Encheram o centro com palha, arbustos, aparas de casca de árvore e fardos de erva seca. Rakharo escolheu um garanhão da pequena manada que lhes restava; não era tão nobre como o vermelho de Khal Drogo, mas poucos cavalos o eram. No centro do quadrado, Aggo deu-lhe a comer uma maçã mirrada e abateu-o num instante com um golpe de machado dado entre os olhos.

Atada de pés e mãos, Mirri Maz Duur observava da poeira com inquietação nos seus olhos negros.

— Não basta matar um cavalo — disse a Dany. — Em si mesmo, o sangue não é nada. Não sabes as palavras para fazer um feitiço, nem tens a sabedoria para as encontrar. Julgas que a magia de sangue é um jogo de crianças? Chamam-me *maegi* como se fosse uma praga, mas tudo o que isso significa é *sábio*. És uma criança, com a ignorância de uma criança. Seja o que for que pretendas fazer, não resultará. Solta-me destes nós, e eu ajudo-te.

— Estou farta dos zurros da *maegi* — disse Dany a Jhogo. Ele brindou-a com o chicote, e depois daquilo a esposa de deus manteve-se em silêncio.

Por cima da carcaça do cavalo, construíram uma plataforma de toros decepados; troncos de árvores menores e pernadas das maiores, e os mais grossos e direitos ramos que conseguiram encontrar. Dispuseram a madeira de leste para oeste, do nascente ao poente. Sobre a plataforma, empilharam os tesouros de Khal Drogo: a sua grande tenda, os seus coletes pintados, as suas selas e arneses, o chicote que o pai lhe dera quando se fizera um homem, o *arakh* que usara para matar Khal Ogo e o filho, um grande arco de osso de dragão. Aggo queria juntar também as armas que os companheiros de sangue de Drogo tinham dado a Dany como presentes de noivado, mas ela proibiu-o.

— Essas são minhas — disse-lhe ela — e quero ficar com elas. — Outra camada de arbustos foi depositada em volta dos tesouros do *khal*, e feixes de erva seca foram espalhados sobre eles.

Sor Jorah Mormont puxou-a de lado quando o sol se aproximava do zénite.

— Princesa... — começou.

— Porque me chamais isso? — desafiou-o Dany. — O meu irmão Viserys era vosso rei, não é verdade?

— Era, senhora.

— Viserys está morto. Eu sou sua herdeira, o último sangue da Casa Targaryen. O que quer que fosse dele é agora meu.

— Minha... rainha — disse Sor Jorah, caindo sobre um joelho. — A minha espada, que era dele, é vossa, Daenerys. E o meu coração também, que nunca pertenceu ao vosso irmão. Sou apenas um cavaleiro, e nada tenho a oferecer-vos excepto o exílio, mas escutai-me, suplico-vos. Deixai partir Khal Drogo. Não estareis só. Prometo-vos que nenhum homem vos levará para Vaes Dothrak a menos que desejeis ir. Não tendes de vos juntar às *dosh khaleen*. Vinde para leste comigo. Yi Ti, Qarth, o Mar de Jade, Asshai da Sombra. Veremos todas as maravilhas que ainda há para ver, e beberemos os vinhos que os deuses achem por bem oferecer-nos. Por favor, *khaleesi*. Sei o que tencionais fazer. Não o façais. *Não o façais*.

— Tenho de o fazer — disse-lhe Dany. Tocou-lhe o rosto, com carinho, com tristeza. — Vós não compreendeis.

— Compreendo que o amáveis — disse Sor Jorah com uma voz carregada de desespero. — Em tempos amei a senhora minha esposa, mas não morri com ela. Sois a minha rainha, a minha espada é vossa, mas não me peçais para me afastar enquanto subis para a pira de Drogo. Não vos verei arder.

— É isso o que temeis? — Dany deu-lhe um leve beijo na testa larga. — Não sou assim tão infantil, querido sor.

— Não tencionais morrer com ele? Juraís, minha rainha?

— Juro — disse ela no Idioma Comum dos Sete Reinos que por direito eram seus.

O terceiro nível da plataforma foi tecido com ramos que não eram mais grossos que um dedo, e coberto com folhas e raminhos secos. Dispuseram-nos de norte para sul, do gelo para o fogo, e em cima colocaram uma grande pilha de suaves almofadas e sedas de dormir. O sol começava a baixar em direcção a oeste quando terminaram. Dany chamou os dothraki. Restavam menos duma centena. Com quantos começara Aegon?, perguntou ela a si própria. Não importava.

— Vós sereis o meu *khalasar* — disse-lhes. — Vejo os rostos de escravos. Liberto-vos. Tirai as coleiras. Parti se quiserdes, ninguém vos fará mal. Se ficardes, sereis como irmãos e irmãs, maridos e esposas. — Os

olhos negros observavam, cautelosos, sem expressão. — Vejo crianças, mulheres, os rostos enrugados dos idosos. Ontem era uma criança. Hoje sou uma mulher. Amanhã serei velha. A cada um de vós digo: dai-me as vossas mãos e os vossos corações, e haverá sempre lugar para vós. — Virou-se para os três jovens guerreiros do seu *khas*. — Jhogo, a ti ofereço o chicote de cabo de prata que foi meu presente de noivado, nomeio-te *ko*, e peço que jures que viverás e morrerás como sangue do meu sangue, cavalgando a meu lado para me manter a salvo do mal.

Jhogo aceitou o chicote das suas mãos, mas o seu rosto mostrava confusão.

— *Khaleesi* — disse hesitantemente — isto não se faz. Envergonhar-me-ia ser companheiro de sangue de uma mulher.

— Aggo — chamou Dany, sem prestar atenção às palavras de Jhogo. *Se olhar para trás, estou perdida.* — A ti ofereço o arco de osso de dragão que foi meu presente de noivado. — Tinha dupla curvatura, era de um negro brilhante e requintado, mais alto do que ela. — Nomeio-te *ko*, e peço que jures que viverás e morrerás como sangue do meu sangue, cavalgando a meu lado para me manter a salvo do mal.

Aggo aceitou o arco com os olhos baixos.

— Não posso dizer essas palavras. Só um homem pode liderar um *khalasar* ou nomear um *ko*.

— Rakharo — disse Dany, virando as costas à recusa — tu ficarás com o grande *arakh* que foi meu presente de noivado, com embutidos de ouro no cabo e na lâmina. E também a ti nomeio *ko*, e peço que jures que viverás e morrerás como sangue do meu sangue, cavalgando a meu lado para me manter a salvo do mal.

— Sois *khaleesi* — disse Rakharo, recebendo o *arakh*. — Cavalgarei a vosso lado até Vaes Dothrak sob a Mãe das Montanhas, e manter-vos-ei a salvo do mal até ocupardes o vosso lugar com as feiticeiras do *dosh khaleen*. Não posso prometer mais.

Ela acenou, tão calmamente como se não tivesse ouvido a sua resposta, e virou-se para o último dos seus campeões.

— Sor Jorah Mormont — disse — primeiro e maior dos meus cavaleiros, não tenho presente de noivado para vos oferecer, mas juro-vos que um dia recebereis das minhas mãos uma espada longa como o mundo nunca viu outra igual, forjada por um dragão e feita de aço valiriano. E quero pedir também o vosso juramento.

— É vosso, minha rainha — disse Sor Jorah, ajoelhando para depositar a espada aos pés dela. — Juro servir-vos, obedecer-vos, morrer por vós se for necessário.

— Aconteça o que acontecer?

— Aconteça o que acontecer.

— Lembrar-vos-ei desse juramento. Rezo para que nunca vos arrependaís de o ter feito. — Dany pô-lo em pé. Pondo-se em bicos de pés para lhe chegar aos lábios deu um leve beijo ao cavaleiro e disse: — Sois o primeiro da minha Guarda Real.

Conseguia sentir os olhos do *khalasar* postos nela ao entrar na tenda. Os dothraki resmungavam e lançavam-lhe estranhos olhares de soslaio pelos cantos dos seus olhos escuros e amendoados. Dany compreendeu que a julgavam louca. Talvez o estivesse. Saberia em breve. *Se olhar para trás, estou perdida.*

O banho estava a esquentar quando Irri a ajudou a entrar na banheira, mas Dany não vacilou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a sentir-se limpa. Jhiqui aromatizara a água com os óleos que Dany encontrara no mercado em Vaes Dothrak; o vapor subia húmido e odorífero. Doreah lavou-lhe o cabelo e escovou-o, soltando os nós e enredos. Irri escovou-lhe as costas. Dany fechou os olhos e deixou que o cheiro e a tepidez a envolvessem. Sentia o calor a ensopar a zona magoadada entre as suas coxas. Estremeceu quando a penetrou, e a sua dor e rigidez pareceu dissolver-se. Flutuou.

Quando ficou limpa, as aias ajudaram-na a sair da água. Irri e Jhiqui secaram-na, enquanto Doreah lhe escovava o cabelo até deixá-lo como um rio de prata líquida que lhe descia pelas costas. Perfumaram-na com florespeciaria e canela; uma gota em cada pulso, atrás das orelhas, nas pontas dos seios pesados de leite. O último salpico destinava-se ao sexo. O dedo de Irri foi tão ligeiro e fresco como o beijo de um amante ao deslizar suavemente entre os seus lábios.

Depois, Dany mandou todos embora para que pudesse preparar Khal Drogo para a sua última cavalgada para as terras da noite. Lavou-lhe o corpo e escovou e oleou o seu cabelo, fazendo correr os dedos por ele uma última vez, sentindo-lhe o peso, recordando a primeira vez que o tocara, na noite da cavalgada de casamento. O cabelo dele nunca fora cortado. Quantos homens podiam morrer com o cabelo por cortar? Submergiu o rosto nele e inalou a escura fragrância dos óleos. Cheirava a erva e a terra quente, a fumo, a sêmen e a cavalos. Cheirava a Drogo. *Perdoa-me, sol da minha vida, pensou. Perdoa-me por tudo o que fiz e por tudo o que tenho de fazer. Paguei o preço, minha estrela, mas foi alto demais, alto demais...*

Dany entrançou-lhe o cabelo, prendeu-lhe os anéis de prata no bigode, e pendurou as campainhas, uma a uma. Tantas campainhas, de ouro, prata e bronze. Campainhas para que os inimigos o ouvissem chegar e ficassem fracos com medo. Vestiu-o com calções de pêlo de cava-

lo e botas altas, afivelando à cintura um pesado cinto de medalhões de ouro e prata. Sobre o seu peito marcado por cicatrizes, enfiou um colete pintado, velho e desbotado, aquele de que Drogo mais gostara. Para si escolheu calças largas de sedareia, sandálias atadas a meio da perna e um colete como o de Drogo.

O sol estava a descer quando os voltou a chamar para levarem o corpo dele para a pira. Os dothraki observaram em silêncio quando Jhogo e Aggo o trouxeram da tenda. Dany seguia-os. Depositaram-no nas almofadas e sedas, com a cabeça voltada para a Mãe das Montanhas, lá longe para nordeste.

— Óleo — ordenou ela, e trouxeram os jarros e despejaram-nos sobre a pira, empapando as sedas, os arbustos e os feixes de erva seca, até que o óleo pingou sob os toros e o ar ficou rico de fragrâncias. — Tragam-me os meus ovos — ordenou Dany às aias. Algo na voz dela fê-las correr.

Sor Jorah pegou-lhe no braço.

— Minha rainha, Drogo não terá nenhuma utilidade para ovos de dragão nas terras da noite. É melhor vendê-los em Asshai. Vendi um, e podereis comprar um navio que nos leve de volta para as Cidades Livres. Vendi os três, e sereis uma mulher abastada até ao fim dos vossos dias.

— Não me foram dados para vender — disse-lhe Dany.

Trepou ela mesma para a pira para colocar os ovos em volta do seu sol-e-estrelas. O negro junto ao coração, debaixo do braço. O verde ao lado da cabeça, com a trança enrolada nele. O creme e dourado entre as pernas. Quando o beijou pela última vez, Dany sentiu a doçura do óleo nos seus lábios.

Ao descer da pira, reparou que Mirri Maz Duur a observava.

— És louca — disse roucamente a esposa de deus.

— Há assim tão grande distância entre a loucura e a sabedoria? — perguntou Dany. — Sor Jorah, atai esta *maegi* à pira.

— À pir... minha rainha, não, escutai-me...

— Fazei o que eu digo. — Mesmo assim ele hesitou até que a ira dela flamejou. — Jurastes obedecer-me, acontecesse o que acontecesse. Rhakharo, ajuda-o.

A esposa de deus não gritou quando a arrastaram para a pira de Khal Drogo e a prenderam entre os seus tesouros. Foi a própria Dany a despejar o óleo na cabeça da mulher.

— Agradeço-te, Mirri Maz Duur — disse — pelas lições que me ensinaste.

— Não me ouvirás gritar — respondeu Mirri enquanto o óleo lhe pingava da cabeça e ensopava as suas roupas.

— Ouvirei — disse Dany — mas o que quero não são os teus gritos, só a tua vida. Lembro-me do que me disseste. Só a morte pode pagar pela vida. — Mirri Maz Duur abriu a boca, mas não respondeu. Ao afastar-se, Dany viu que o desprezo tinha desaparecido dos olhos negros e achatados da *maegi*; no seu lugar havia algo que poderia ser medo. Depois, nada ficou por fazer, a não ser observar o sol e procurar a primeira estrela.

Quando um senhor dos cavalos morre, o seu cavalo é morto com ele, para que possa montar orgulhoso nas terras da noite. Os corpos são queimados a céu aberto, e o *khal* ergue-se na sua montada de chamas para ocupar o seu lugar entre as estrelas. Quando mais ferozmente o homem tiver queimado em vida, mas brilhante a sua estrela brilhará na escuridão.

Jhogo viu-a primeiro.

— *Ali* — disse ele numa voz abafada. Dany olhou e viu-a, baixa no leste. A primeira estrela era um cometa que ardia, vermelho. Vermelho de sangue; vermelho de fogo; a cauda do dragão. Não poderia ter pedido um sinal mais forte.

Dany tirou o archote da mão de Aggo e enfiou-o entre os toros. O óleo pegou fogo de imediato, os arbustos e a erva seca um instante depois. Minúsculas chamas correram pela madeira como velozes ratos vermelhos, patinando sobre o óleo e saltando de casca em ramo, de ramo em folha. Um calor que aumentava soprou-lhe no rosto, suave e súbito como o hálito de um amante, mas em segundos tornara-se quente demais para o suportar. Dany deu um passo atrás. A madeira estalou, cada vez mais alto. Mirri Maz Duur começou a cantar numa voz estridente e ululante. As chamas rodopiaram e contorceram-se, fazendo corridas umas com as outras pela plataforma acima. O ocaso ondulou quando o próprio ar pareceu liquefazer-se com o calor. Dany ouviu toros que se fendiam e estalavam. O fogo envolveu Mirri Maz Duur. A canção dela tornou-se mais sonora, mais estridente... e então arquejou, uma vez e outra, e a canção transformou-se num lamento trémulo, agudo, sonoro e cheio de agonia.

E agora as chamas chegavam ao seu Drogo, e agora rodeavam-no por completo. As suas roupas pegaram fogo, e por um instante o *khal* ficou vestido com farrapos de flutuante seda cor-de-laranja e gavinhas de fumo rodopiante, cinzento e oleoso. Os lábios de Dany abriram-se, e ela deu por si a prender a respiração. Parte de si queria ir ter com ele como Sor Jorah temera, correr para as chamas para lhe pedir perdão e o introduzir no seu corpo uma última vez, deixando o fogo derreter a carne até se tornarem um só, para sempre.

Conseguia sentir o cheiro a carne queimada, em nada diferente da

carne de cavalo a assar numa fogueira. A pira rugia no crepúsculo que se aprofundava como um grande animal, afogando o som mais fraco dos gritos de Mirri Maz Duur e projectando longas línguas de fogo para lambar a barriga da noite. Quando o fumo se tornou mais espesso, os dothraki afastaram-se, tossindo. Grandes gotas de fogo cor-de-laranja desenrolaram os seus estandartes naquele vento infernal, com os toros a silvar e a estalar, e faúlhas brilhantes a erguer-se no fumo e a afastarem-se flutuando como outros tantos pirilampos recém-nascidos. O calor batia o ar com grandes asas vermelhas, afastando os dothraki, afastando até Mormont, mas Dany ficou no seu lugar. Era do sangue do dragão, e tinha o fogo em si.

Sentira a verdade há muito, pensou Dany quando deu um passo para mais perto do incêndio, mas o braseiro não estivera suficientemente quente. As chamas contorciam-se à sua frente como as mulheres que dançaram no seu casamento, rodopiando, cantando e fazendo girar os seus véus amarelos, laranja e carmim, terríveis de admirar, mas ao mesmo tempo adoráveis, tão adoráveis, vivas de calor. Dany abriu-lhes os braços, com a pele corada e a brilhar. *Isto também é um casamento*, pensou. Mirri Maz Duur caíra no silêncio. A esposa de deus julgara-a uma criança, mas as crianças crescem, e as crianças aprendem.

Outro passo, e Dany sentiu o calor da areia nas solas dos pés, apesar das sandálias. Suor escorreu-lhe pelas coxas, por entre os seios e em regatos pelas bochechas, onde em tempos tinham corrido lágrimas. Sor Jorah gritava atrás dela, mas ele já não importava, só o fogo importava. As chamas eram tão belas, as coisas mais lindas que alguma vez vira, cada uma delas uma feiticeira vestida de amarelo, laranja e escarlate, fazendo rodopiar longos mantos fumarentos. Viu leões de fogo carmesim e grandes serpentes amarelas e unicórnios feitos de chamas azuis claras; viu peixes e raposas e monstros, lobos e aves brilhantes e árvores floridas, cada uma mais bela que a anterior. Viu um cavalo, um grande garanhão cinzento retratado a fumo, com uma auréola de chama azul no lugar da crina. *Sim, meu amor, meu sol-e-estrelas, sim, monta agora, cavalga agora.*

O seu colete começara a pegar fogo, e Dany tirou-o e deixou-o cair ao chão. O couro pintado rebentou em súbitas chamas quando deu um pequeno salto para mais perto do fogo, com os seios nus perante as chamas, ribeiros de leite a jorrar dos mamilos vermelhos e inchados. Agora, pensou, agora, e por um instante vislumbrou Khal Drogo à sua frente, montado no seu garanhão de fumo, com um látego de fogo na mão. Ele sorriu, e o chicote serpenteou para a pira, silvando.

Ouviu um *crac*, o som de pedra que se quebrava. A plataforma de árvores, arbustos e erva começou a deslocar-se e a colapsar sobre si pró-

pria. Bocados de madeira a arder deslizaram até junto dela, e Dany foi salpicada por cinzas e faúlhas. E algo mais caiu, ressaltando e rolando, parando a seus pés; um bocado de rocha curva, de cor clara e com veios de ouro, quebrada e fumegante. O rugido enchia o mundo mas, de um modo ténue, Dany ouviu através da catarata de fogo gritos de mulheres e choros de crianças, maravilhadas.

Só a morte pode pagar pela vida.

E então ouviu-se um segundo *crac*, tão sonoro e cortante como um trovão, e o fumo agitou-se e rodopiou em torno dela e a pira agitou-se, com os toros a explodir quando o fogo atingiu os seus corações secretos. Ouviu os gritos de cavalos assustados, e as vozes dos dothraki em gritos de medo e terror, e Sor Jorah chamando pelo seu nome e praguejando. *Não, quis gritar-lhe, não, meu bom cavaleiro, não temais por mim. O fogo é meu. Sou Daenerys, Nascida na Tempestade, filha de dragões, noiva de dragões, mãe de dragões, não vedes? Não VEDES?* Com um vômito de chamas e fumo que subiu aos nove metros de altura, a pira ruiu e caiu à sua volta. Sem medo, Dany deu um passo para a tempestade de fogo, chamando pelos seus filhos.

O terceiro *crac* foi tão sonoro e cortante como o mundo a rasgar-se.

Quando o fogo enfim morreu e o chão ficou suficientemente frio para poder ser atravessado, Sor Jorah Mormont encontrou-a entre as cinzas, rodeada por toros enegrecidos, bocados de brasas incandescentes e os ossos queimados de homem, mulher e garanhão. Estava nua, coberta de fuligem, com as roupas transformadas em cinza, o belo cabelo esturricado e desaparecido... mas incólume.

O dragão creme e dourado chupava-lhe o seio esquerdo, o verde e cor de bronze o direito. Os braços dela embalavam-nos bem perto. O animal negro e escarlate envolvia-lhe os ombros, com o longo pescoço sinuoso enrolado sob o seu queixo. Quando viu Jorah, ergueu a cabeça e olhou-o com olhos vermelhos como brasas.

Sem palavras, o cavaleiro caiu de joelhos. Os homens do seu *khas* vieram atrás dele. Jhogo foi o primeiro a depositar o *arakh* a seus pés.

— Sangue do meu sangue — murmurou, enterrando a cara na terra fumegante.

— Sangue do meu sangue — ouviu Aggo a repetir num eco.

— Sangue do meu sangue — gritou Rakharo.

E depois dele vieram as aias, e depois os outros, todos os dothraki, homens, mulheres e crianças, e Dany não teve mais que olhar para os seus olhos para saber que eram agora seus, hoje, amanhã e para sempre, seus como nunca tinham sido de Drogo.

Quando Daenerys Targaryen se pôs em pé o seu dragão negro silvou, com fumo claro a sair-lhe da boca e narinas. Os outros dois afastaram-se dos seios e somaram a sua voz ao chamamento, com asas translúcidas a abrir-se e a agitar o ar, e pela primeira vez em centenas de anos, a noite ganhou vida com a música dos dragões...

E agora?

*Conseguirá Daenerys sobreviver
na nação anárquica dos dothraki?*

*Conseguirá formar um exército
para marchar para os Sete Reinos?*

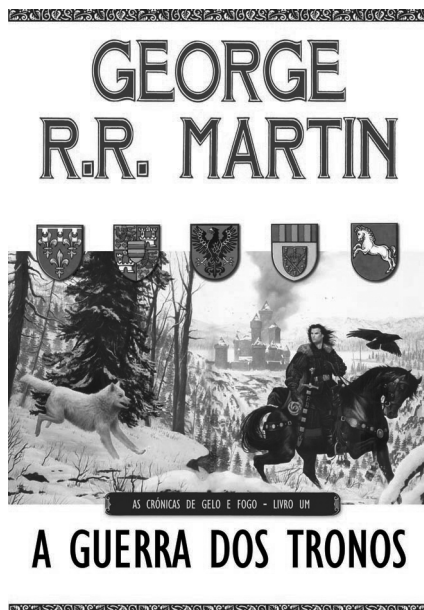
*Alguma vez o trono de ferro
dos seus antepassados será seu?*

Venha conhecer o resto da história de Daenerys e outras personagens fascinantes, como o *Usurpador* (que tentou matar Dany) e *Lord Stark* (que mandou Jorah Mormont para o exílio), no livro de fantasia mais extraordinário dos nossos tempos:

A Guerra dos Tronos

de George R. R. Martin

Mais informações em : WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



ACLAMADO PELA CRÍTICA E PELOS LEITORES DE TODO O MUNDO:

“George R. R. Martin apresenta um mundo vibrante e real, personagens soberbamente construídas, enredos complexos mas coerentes, descrições de cortar a respiração e uma prosa muito acima daquilo a que o género nos habituou.”

—AMAZON.COM

“Agarra-nos e nunca mais larga. Brilhante!

—ROBERT JORDAN

“Martin tem a capacidade de nos arrebatat de uma forma que os outros autores de fantasia não conseguem, talvez porque também não tenham a sua capacidade para desenvolver personagens. Seja nas sangrentas cenas de batalhas ou nos retratos íntimos dos laços familiares, A Guerra dos Tronos possui uma força crua e emocional que não nos deixa indiferentes. Martin também dispensa todos os clichés tolkianos, como elfos, espadas mágicas e dark lords, focando-se antes em pessoas reais e apenas sugerindo o sobrenatural. Acredite: A Guerra dos Tronos é a mais importante obra de fantasia desde que Bilbo encontrou o Anel.”

—SF REVIEWS.NET

“A Guerra dos Tronos é a obra-prima da fantasia moderna e reúne o que de melhor o género tem para oferecer: magia, mistério, intriga, romance e aventura.”

—LOCUS

“A melhor fantasia dos últimos 50 anos.”

—THE DENVER POST

